

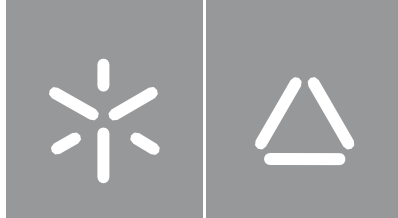


Ricardo Luís Marinho da Costa Sabinos Bastos

O Papel da Comunicação na Saúde Mental dos
Estudantes Universitários:
Um Estudo de Caso da Universidade de Brasília

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Ricardo Luís Marinho da Costa Sabino Bastos

**O Papel da Comunicação na Saúde Mental dos Estudantes
Universitários:**

Um Estudo de Caso da Universidade de Brasília

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Comunicação
Ramo de Investigação

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Zara Pinto-Coelho

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por ser o meu sustento e me dar forças em todos os momentos. Não concluiria essa tese sem a minha fé.

Agradeço aos meus pais, Regina e Francisco, por serem os meus maiores apoiadores e me darem, além de amor incondicional, todas as condições para que eu chegasse até aqui. Agradeço, também, aos meus irmãos, Fernando e Alexandre, por serem meus fiéis parceiros em todos os momentos. Amo vocês quatro!

Não posso deixar de agradecer toda a minha família – tios, tias, primos, primas, Delice e Jesus – por estarem sempre ao meu lado e torcendo por mim. Agradeço, de forma muito especial, a minha queridíssima tia Cláudia que faleceu durante o processo de escrita deste trabalho, mas que foi uma das pessoas que mais me apoiou na minha decisão de ir fazer o mestrado em outro país e que, atualmente, sei que é a minha maior intercessora. Te amo e sinto demais a sua falta!

Agradeço, também, a todos os meus amigos e amigas do Brasil, que se mantiveram perto mesmo quando eu estava longe, que me motivam a seguir em frente e que contribuem tanto para a minha felicidade.

Indo agora para Portugal, agradeço a Pastoral Universitária de Braga por me dar um lar durante os meses que lá fiquei. De forma especial, agradeço o padre Duque, a Susana e a minha querida Flávia.

Tive a sorte de fazer muitos amigos em Portugal e a todos sou grato. Entretanto, sinto a necessidade de citar alguns nominalmente. Lolo, obrigado por ser a minha primeira amiga e ser constante sinal de Deus para mim. Thiago, obrigado sempre por todo o apoio e companheirismo. Sara e Raquel, obrigado por me fazerem sentir tão à vontade mesmo estando tão longe de casa. E Jubu, minha fiel parceira no mestrado e companheira do terror e pânico, obrigado por tudo. Não sei se teria chegado até aqui sem você pra me importunar.

Agradeço também a todos os professores e professoras da Universidade do Minho que tanto contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, e de forma muito especial, agradeço a minha querida orientadora, professora Zara, que desde a nossa primeira conversa me impressionou pela capacidade de saber muito sobre todos os assuntos. Obrigado por estar sempre disponível para me ajudar e tirar minhas dúvidas, obrigado pela agilidade em sempre me dar retorno aos textos que enviava, obrigado pela eterna paciência com a minha capacidade

de não cumprir literalmente nenhum dos prazos que eu mesmo estipulava. Sua ajuda e orientação foram fundamentais para mim e eu aprendi demais com você.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

O Papel da Comunicação na Saúde Mental dos Estudantes Universitários

Um Estudo de Caso da Universidade de Brasília

Resumo

Esta dissertação objetiva se debruçar sobre o papel que a área da Comunicação pode assumir perante a questão da saúde mental dentro do contexto universitário, especificamente em relação aos estudantes. Para possibilitar uma análise mais detalhada, foi decidida a realização de um estudo de caso da Universidade de Brasília (UnB).

Como caminho metodológico para a pesquisa, foi escolhida a fusão entre a abordagem qualitativa e a abordagem quantitativa. Como métodos principais foram utilizados a Pesquisa Bibliográfica – para a construção de uma base e fundamentação teórica – e o Estudo de Caso – permitindo um estudo mais aprofundado. Como técnicas de recolha de dados, foram utilizadas a Pesquisa Documental – onde foram verificadas as publicações que abordam a temática da saúde mental de um dos veículos de comunicação da Universidade –, o Questionário – voltado aos estudantes de graduação da instituição para melhor entender suas percepções sobre a relação entre a saúde mental e a vivência universitária e a forma que eles consomem os materiais comunicacionais da instituição – e a Entrevista – direcionada para profissionais que atuam na UnB nas áreas da comunicação e da psicologia. Para analisar os resultados obtidos, foi utilizada a Análise de Conteúdo.

Os resultados obtidos mostram que a UnB possui uma preocupação com a questão da saúde mental de seus estudantes e oferece uma variedade de programas de apoio psicológico e que a Comunicação é utilizada, principalmente, para a divulgação dessas ações e para a conscientização sobre a temática. Entretanto, foi verificado, também, uma tendência da instrumentalização da comunicação e uma ausência de participação dos estudantes nos processos comunicacionais.

Palavras-chave: Comunicação e saúde mental; papel da Comunicação; sofrimento mental; universidade.

The Role of Communication in the Mental Health of University Students

A Case Study of the University of Brasilia

Abstract

This dissertation aims to focus on the role played by Communication regarding the domain of mental health within the university context, specifically in relation to students. To enable a more detailed analysis, a case study of the University of Brasilia (UnB) was chosen.

As a methodological path for the research, it was chosen to merge the qualitative approach with the quantitative approach. The main methods used were the Bibliographic Research – to build a theoretical basis and foundation – and the Case Study – allowing for a more in-depth study. As data collection techniques, it was used a Documentary Research – where publications addressing the theme of mental health in one of the University's communication vehicles were verified –, the Questionnaire - aimed at the institution's undergraduate students to better understand their perceptions about the relationship between mental health and university experience and the way they consume the institution's communication materials – and the Interview – aimed at professionals who work at UnB in the areas of communication and psychology. To analyze the results obtained, Content Analysis was used.

The results obtained show that UnB is concerned with the issue of the mental health of its students and offers a variety of psychological support programs and that Communication is mainly used for the dissemination of these actions and for raising awareness on the subject. However, there was also a trend towards the instrumentalization of communication and an absence of student participation in communication processes.

Keywords: Communication and mental health; mental suffering; role of Communication; university.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Delimitação e justificação do tema	1
Objetivos	4
Estrutura da dissertação	5
1. Saúde mental: perspectivas e debates.....	7
1.1 Saúde mental no meio universitário	11
1.2 Alguns dados sobre a saúde mental universitária	15
1.3 Apoio psicológico universitário	20
2. Comunicação e Saúde	22
2.1 Comunicação Estratégica em Saúde.....	24
2.2 Jornalismo de Saúde.....	28
2.3 Problemas da comunicação em saúde.....	31
3. Metodologia.....	35
3.1 Pesquisa Quantitativa X Qualitativa	35
3.2 Revisão bibliográfica	36
3.3 Estudo de caso	38
3.4 Pesquisa documental	39
3.5 Questionário.....	40
3.6 Entrevista.....	42
3.7 Análise de conteúdo	44
4. Universidade de Brasília.....	46
4.1 Análise do contexto institucional	46
4.2 Análise do site UnB Notícias: pautas de saúde mental	52
5. Questionário: percepção dos estudantes	61
5.1 Perfil dos participantes	62
5.2 Relação entre a saúde mental dos participantes e a vivência universitária	66
5.3 Relação dos participantes com os produtos de comunicação.....	72
6. Entrevistas: Percepções dos profissionais de Comunicação e de Psicologia.....	78
6.1 Entrevista 1.....	79
6.2 Entrevista 2.....	84
6.3 Entrevista 3.....	86

7.	Discussão dos resultados	91
7.1	Preocupação com a saúde mental	91
7.2	Comunicação como ponte	93
7.3	Importância de conhecer o público	96
7.4	Comunicação informal	99
8.	Considerações finais	101
8.1	O percurso da pesquisa e os resultados obtidos.....	101
8.2	Contribuições e limitações.....	104
8.3	Sugestões de pesquisas futuras.....	106
	Referências bibliográficas	107
	Anexo.....	115

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Componentes Institucionais da UnB	47
Tabela 2: Total de cursos da UnB por grau	47
Tabela 3: População universitária da UnB, de 2015 a 2019	48
Tabela 4: Alunos nos cursos de graduação por faixa etária e sexo, UnB, 2º semestre de 2019	49
Tabela 5: Programas de apoio psicológico da UnB	51
Tabela 6: Familiaridade dos participantes do questionário com os projetos da UnB	73
Tabela 7: Relação dos participantes do questionário com os canais de comunicação da UnB ..	76

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Cartazes para conscientização sobre saúde mental no meio acadêmico.....	2
Figura 2: Dificuldades emocionais dos (as) graduandos.....	17

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de discentes que pensaram em abandonar o curso, segundo motivo para abandonar o curso	16
Gráfico 2: Países com maior impacto da pandemia na saúde mental dos estudantes.....	18
Gráfico 3: Alunos nos cursos de graduação por raça/cor autodeclarada, UnB, 2º semestre de 2019	48
Gráfico 4: Distribuição do número de publicações através dos anos	53
Gráfico 5: Distribuição do número de publicações através dos meses.....	54
Gráfico 6: Foco dado à temática da saúde mental	55
Gráfico 7: Distribuição dos temas relacionados à saúde mental.....	56
Gráfico 8: Distribuição do público-alvo das matérias publicadas.....	57
Gráfico 9: Distribuição do tipo de artigo publicado	58
Gráfico 10: Distribuição do tamanho das publicações.....	59
Gráfico 11: Gênero dos participantes do questionário	62
Gráfico 12: Orientação sexual dos participantes do questionário	63
Gráfico 13: Raça/cor dos participantes do questionário.....	63
Gráfico 14: Idade dos participantes do questionário	64
Gráfico 15: Área do conhecimento dos participantes do questionário.....	65
Gráfico 16: Semestre que os participantes do questionário estão cursando	65
Gráfico 17: Ocupações dos participantes do questionário	66

Gráfico 18: Relação entre a saúde mental dos participantes do questionário e a vivência universitária	67
Gráfico 19: Frequência em que a saúde mental dos participantes do questionário é afetada pela vivência universitária.....	67
Gráfico 20: Frequência em que os participantes do questionário pensam em abandonar o curso.....	68
Gráfico 21: Situações vivenciadas pelos participantes do questionário	69
Gráfico 22: Fatores apontados pelos participantes do questionário	70
Gráfico 23: Busca de ajuda apontadas pelos participantes do questionário	71
Gráfico 24: Formas de ajuda apontadas pelos participantes do questionário	71
Gráfico 25: Como os participantes do questionário conheceram os programas	74
Gráfico 26: Percepção dos participantes do questionário sobre a realidade do curso	75

Introdução

Delimitação e justificção do tema

Apesar da Organização Mundial da Saúde (OMS) estimar que mais de 700 milhões de pessoas ao redor do mundo sofrem com algum problema relacionado à saúde mental e estar previsto que a depressão seja a doença mais recorrente na população mundial já em 2030¹, ainda é possível perceber uma resistência no tratamento do assunto.

Sobre isso, pesquisadores entrevistados pela CNN² afirmam que existe uma tendência na sociedade em negligenciar os cuidados em relação à saúde mental e perceber os sofrimentos emocionais enquanto “fraqueza”. Além disso, até mesmo aqueles que estão sofrendo com algum sintoma mental se esforçam para esconder o que estão sentindo. Há, portanto, uma relutância societal e institucional em entender que a saúde mental merece tanta atenção e é tão relevante quanto a saúde física.

Ainda sobre o mesmo aspecto, o Atlas de Saúde Mental 2020 lançado pela OMS³ traz dados relativos ao tratamento que os governos ao redor do mundo estão dando aos desafios da saúde mental. De acordo com a análise realizada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS),⁴ o cenário apresentado no documento é decepcionante e evidencia que ainda não há um esforço efetivo de disponibilizar serviços de apoio mental de qualidade e que sejam acessíveis às populações.

Os dados aqui apresentados já evidenciam o fato de que a saúde mental se constitui como um tema de extrema relevância social e que deve ser analisado a partir de diferentes perspectivas para que haja um enriquecimento no debate sobre o assunto e seja encorajada uma maior atenção aos seus inúmeros efeitos na população. Indo mais fundo no tema, a saúde mental pode ser afetada em diversos ambientes e situações cotidianas. Entre esses ambientes, está a universidade.

¹ Dados disponíveis em <https://posdigital.pucpr.br/blog/principais-problemas-de-saude-mental>

² Pesquisa disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-falta-para-normalizarmos-o-cuidado-com-a-saude-mental/>

³ Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/9789240036703/>

⁴ Análise disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/8-10-2021-relatorio-da-oms-destaca-deficit-global-investimentos-em-saude-mental>



Figura 1: Cartazes para conscientização sobre saúde mental no meio acadêmico

Fonte: Frente Universitária de Saúde Mental (FUSM)

Os cartazes acima foram divulgados pela FUSM – coletivo criado por diversos cursos de universidades no Brasil – que visa questionar os comportamentos acadêmicos que são frequentemente associados ao adoecimento mental e proporcionar um debate sobre as maneiras que as universidades podem se transformar em ambientes mais saudáveis. E essa preocupação

sobre o sofrimento emocional dentro do espaço universitário não é infundada – há diversos dados e pesquisas que comprovam que é uma questão de extrema urgência – e não é nova.

Já na década de 90, do século XX, existia o conceito de Universidades Promotoras de Saúde (UPS), estimulando a adoção de comportamentos que propiciem um espaço de bem-estar para os membros da comunidade acadêmica. A Carta de Okanagan⁵, fruto da Conferência Internacional de Universidades Promotoras de Saúde realizada no Canadá em 2015, expressa a importância de estabelecer as universidades enquanto UPS e as caracteriza como “universidades e faculdades que infundem operações, práticas de negócios e mandatos acadêmicos criando culturas universitárias de compaixão, bem-estar, equidade e justiça social; melhorando a saúde das pessoas que vivem, aprendem e trabalham na universidade”.

Percebe-se, então, que as universidades podem se configurar tanto como fator de risco quanto como espaço de proteção no que é relativo à saúde mental, sendo necessária a prática de aprofundamento no entendimento sobre a questão para que a segunda opção seja sempre a mais recorrente.

Tendo estabelecido a saúde mental na universidade como o objeto de pesquisa para a dissertação, é necessário, também, enquadrar a Comunicação dentro da discussão. O primeiro fator que surgiu como motivação para entender o papel que a Comunicação assume perante esse cenário é o entendimento de que todo o profissional da área deve ter uma responsabilidade social, se atentando aos assuntos de relevância para a sociedade. A Comunicação se configura de diversas maneiras, em diversas áreas e através de diversos meios e instrumentos. Sendo assim, a sua influência na sociedade é inegável. E disso surge o aspecto da responsabilidade social para que essa influência seja utilizada de forma positiva.

Sobre isso, já aprofundando no campo específico da Comunicação em Saúde Mental, Junior, Corradi e Assumpção (2021) falam que o tratamento que é dado pelos veículos comunicacionais a respeito da temática da saúde mental pode ir de um extremo negativo ao reforçar comportamentos estigmatizadores a um extremo positivo ao possibilitar uma reflexão sobre o assunto e proporcionar aos cidadãos maior propriedade e autonomia na manutenção da própria saúde mental. Os autores complementam que a pesquisa na área da Comunicação em Saúde Mental pode ser extremamente frutífera e deve ser incentivada.

⁵ Disponível em: https://fundadeps.org/wp-content/uploads/eps_media/recursos/documentos/735/carta-okanagan.pdf

Sendo assim, optou-se pelo tema “O papel da Comunicação na saúde mental dos estudantes universitários”, a fim de compreender um pouco mais sobre o fenômeno do adoecimento mental dentro das universidades e, principalmente, estabelecer e reforçar as maneiras em que um profissional da Comunicação pode servir como aliado no esforço da promoção da saúde mental junto de estudantes.

Objetivos

A partir da escolha do tema, foi definida, primeiramente, a questão que serviria como base norteadora da pesquisa: De que maneiras a comunicação pode ser aliada no empenho para diminuir o sofrimento mental dentro do ambiente universitário?

Com a questão estabelecida, define-se, também, o objetivo geral deste trabalho, que é, justamente, compreender de forma mais aprofundada o papel que os profissionais da Comunicação podem exercer dentro do esforço de tornar a vivência acadêmica um espaço mais acolhedor e que permita uma diminuição no adoecimento mental ocasionado pelas experiências ali vividas.

Por fim, foram delimitados alguns objetivos específicos que podem auxiliar no entendimento do tema e no esforço de responder à questão:

- Aprofundar o entendimento acerca da questão da saúde mental, especificamente no ambiente universitário;
- Perceber de que maneira os pesquisadores definem e delimitam a área da Comunicação em saúde;
- Verificar como a Universidade de Brasília enfrenta a problemática do sofrimento mental em seus estudantes;
- Pesquisar e analisar as maneiras que a Universidade de Brasília tem comunicado a questão da saúde mental nos seus veículos comunicacionais;
- Examinar se os estudantes da instituição sentem a sua saúde mental afetada pela vivência universitária;
- Apurar se os estudantes consomem os produtos de comunicação produzidos dentro da instituição;

- Compreender a maneira que os profissionais da Comunicação enxergam a problemática da saúde mental e de que maneiras eles tentam contribuir para o assunto.

Estrutura da dissertação

Para que seja possível responder à questão da pesquisa e alcançar todos os objetivos estabelecidos, a dissertação seguiu o percurso que será aqui apresentado de forma sucinta.

Como ponto inicial para o trabalho, no primeiro capítulo optou-se por uma pesquisa bibliográfica a respeito da questão da saúde mental. Assim sendo, serão apresentadas, primeiramente, as definições de alguns autores especializados no tema a fim de compreender melhor como a temática geral da saúde mental é vista atualmente. Em seguida, será dado um foco específico à questão da saúde mental dentro do ambiente universitário. Para isso, serão mostrados conhecimentos teóricos sobre o assunto, seguidos de dados estatísticos a respeito da saúde mental de estudantes universitários – especificamente no Brasil e em Portugal – e, por fim, serão mostrados argumentos sobre a importância das universidades se posicionarem sobre o assunto.

Em seguida, no capítulo 2 será dada continuidade à construção da base teórica do trabalho, mas agora voltada ao campo da Comunicação em saúde. Será, portanto, investigado de que maneiras os autores observam e conceituam a área e a sua atuação. Além disso, será dada uma atenção específica para duas subáreas: a comunicação estratégica em saúde e o jornalismo de saúde. Por fim, para complementar a visão sobre o campo, serão apresentadas, também, as suas limitações e os problemas observados na prática.

O capítulo 3 pretende explicitar o caminho metodológico que foi adotado para a dissertação, apoiando-se, mais uma vez, em uma fundação teórica. Serão delimitados e explicados os seguintes aspectos: a abordagem da pesquisa, os métodos escolhidos e as técnicas utilizadas para a recolha de dados e sua posterior análise.

Adentrando na parte empírica da pesquisa, será analisada, no capítulo 4, a história e a estrutura da Universidade de Brasília, além de, principalmente, verificar os dados existentes sobre a saúde mental dos seus estudantes e perceber de que forma a instituição se posiciona em relação

ao assunto. Junto a isso, serão apresentados os resultados da análise realizada a respeito de um dos veículos de comunicação da Universidade para investigar como o tema da saúde mental tem sido abordado.

Dando seguimento à pesquisa empírica, no capítulo 5 serão apresentados os resultados de um questionário aplicado a estudantes de graduação da UnB com 3 objetivos principais: perceber se e de que maneiras eles sentem a saúde mental afetada, a partir dos diversos aspectos da vivência na universidade; descobrir se eles têm conhecimento a respeito dos programas de apoio psicológicos que são oferecidos a eles; e saber se os canais de comunicação da Universidade são acessados e consumidos por eles.

Para finalizar a parte empírica da dissertação, o capítulo 6 apresentará as informações que foram recolhidas a partir de entrevistas realizadas com profissionais que atuam na Universidade, tanto no campo da Comunicação quanto no campo da Psicologia.

Em seguida, o capítulo 7 tratará de fazer uma comparação dos resultados obtidos nas três etapas de pesquisa empírica, analisando aquilo que foi observado como pontos de maior relevância e apresentando as conclusões alcançadas.

Por fim, o último capítulo deste trabalho fará um novo percurso nos capítulos, mas agora trazendo uma síntese daquilo que foi possível obter em cada etapa. Além disso, serão apresentados os possíveis benefícios que podem surgir como resultado desta dissertação, as limitações encontradas na sua realização e algumas sugestões de pesquisas futuras.

1. Saúde mental: perspectivas e debates

A tentativa de definir saúde mental é um debate que já se prolonga há anos, através de variados autores em diversas vertentes de pesquisa. Entretanto, não existe um consenso estabelecido que limite o termo a um significado único. Mas os variados conceitos que aqui serão apresentados muitas vezes dialogam entre si e permitem que haja um melhor entendimento do que se trata, de fato, quando o assunto é a saúde mental.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define⁶ que a saúde mental é um fator essencial ao considerar a ideia de estar saudável e que não se resume apenas à ausência de doenças ou deficiências mentais, mas é um estado total de bem-estar. Indo mais a fundo, a Organização complementa que o indivíduo, ao experimentar esse bem-estar, pode lidar com os estresses do cotidiano, ser produtivo e contribuir ativamente com a sociedade. Assim, a saúde mental é defendida como um aspecto essencial para a interação social e para que a vida possa ser aproveitada.

Quartilho (2010) afirma que quando se fala de saúde, obrigatoriamente deve-se, também, falar de saúde mental, pois uma não existe sem a outra. O autor vai ao encontro de parte da definição proposta pela OMS e reafirma que a saúde mental precisa ser entendida como além da ausência de doença mental, e que deve ser encarada como um aspecto fundamental para a qualidade de vida individual e para o bom funcionamento da comunidade. Seguindo uma linha similar, Alves e Rodrigues (2010) reforçam a ideia da saúde mental como mais que a ausência de algum distúrbio mental. Para eles, a conceituação do termo é complexa pois há uma amplitude de significados, mas afirmam que há uma tendência de entendê-la como o resultado de diversas interações de caráter biológico, psicológico e social.

Reforçando a ideia de que a saúde mental não pode ser mais encarada como simplesmente a inexistência de doenças, Martins (2004) reitera que o conceito deve abraçar todo o contexto biopsicossocial que envolve o indivíduo, além de levar em consideração a sua fase de desenvolvimento. Assim, a autora reconhece que é possível enxergar a saúde mental como um equilíbrio dinâmico resultado da relação de uma pessoa com os diversos aspectos e fatores que a rodeiam.

⁶ Definição disponível em <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>

Ainda na mesma linha, Amarante (2013) constata que o campo da saúde mental é fortemente polissêmico por tratar-se de aspectos extremamente complexos. Assim, ele afirma que, de fato, há uma dificuldade em determinar um conceito único e traçar seus limites e que a tentativa de padronização é acompanhada do risco de simplificar e reduzir suas possibilidades. Por fim, Gonçalves (2016) também alerta para os riscos de reduzir a saúde mental a uma visão puramente biológica e de deixar de lado as determinantes sociais e culturais. Ele afirma que essa perspectiva simplista passou a ser contestada com o passar dos anos e a preocupação com toda a realidade biopsicossocial tem emergido. O autor defende, portanto, que os conceitos de saúde e doença são dinâmicos e encontram-se em constante evolução.

Sendo assim, torna-se evidente que não existe uma definição clara e delimitada do que é a saúde mental. Entretanto, é possível concluir que qualquer conceito que reduza o seu significado à ausência de doença ou perturbação já é ultrapassado. É um campo com uma abrangência muito extensa e de grande complexidade, pois não se restringe apenas a fatores físicos ou genéticos individuais, mas envolve a percepção do indivíduo a respeito de toda a sua realidade biológica, psicológica e social.

Sobre isso, Rose (2019) aponta que desde o século XIX é sabido que há determinantes sociais na saúde mental e afirma que pesquisas demonstram que sociedades com altos níveis de desigualdade e menos programas de apoio do governo, juntamente a um ideal de melhoria social através do trabalho e consumo, são mais propensas ao adoecimento mental. Para o autor, existem argumentos convincentes que mostram que problemas sociais como pobreza, injustiça e discriminação acarretam consequências negativas para a saúde — não apenas mental —, e que, à medida que essas situações se tornam mais frequentes, também há um aumento nas diversas formas de distúrbio mental

Reforçando essa visão, Quartilho (2010) argumenta que aspectos relativos a uma boa qualidade de vida social, como melhores condições trabalhistas e relações interpessoais menos competitivas, são fundamentais para a manutenção da saúde mental. O autor também afirma que a possibilidade de uma participação cidadã efetiva na sociedade, com autonomia e integração, pode resultar em uma melhor qualidade de vida.

Ainda reforçando o peso dos aspectos sociais, Alves e Rodrigues (2010) destacam três fatores — que são relacionados entre si — que podem influenciar a saúde mental. O primeiro é o emprego. De acordo com os autores, a condição de estar desempregado pode ser associada a elevados níveis de perturbações mentais e, até mesmo, à mortalidade precoce. Entretanto, ter um

trabalho não é garantia de bem-estar, pois há sempre a possibilidade de insatisfação na função e o medo de ser demitido. O segundo fator é a educação. Apesar do nível educacional não ser, por si só, um fator de risco, é observável que, em um aspecto generalizado, pessoas com graus de educação mais baixos são mais suscetíveis a condições como desemprego, exclusão social e pobreza, que, por sua vez, são mais associadas ao desenvolvimento de distúrbios psíquicos. E o terceiro fator apontado pelos autores é a pobreza, que pode converter-se em más condições de habitação, alimentação precária e um menor acesso a apoio médico e psicológico.

Além de observar de que modo as questões coletivas e sociais podem afetar os indivíduos e acarretar sintomas e distúrbios, é relevante, também, verificar de que modo a sociedade interfere na maneira em que os conceitos de saúde e doença mental são construídos e enxergados. A esse fenômeno, Ingleby (1982) chama a atenção para o processo de construção social das doenças. Para ele, todo o conhecimento é socialmente construído, sendo assim, também a Ciência Médica – englobando o campo da saúde mental. Dizer isso não significa que a doença e os sintomas não existam de fato, mas que aspectos sociais, crenças, ideais, descobertas científicas e a cultura específica de cada lugar interferem diretamente na significação e aceção dos conceitos relativos às doenças mentais, seus sintomas e tratamentos.

Desse modo, o autor diz que não se pode analisar o que é dito sobre saúde mental sem verificar a posição política, social e cultural de quem diz. Um exemplo dado por ele é a maneira como, nas origens, o que determinava alguém enquanto “doente mental” não era uma avaliação metodológica, mas o fato de o comportamento da pessoa “não fazer sentido”. Mas, o autor continua, não existe uma concepção universal e certa do que faz sentido ou não, pois trata-se de uma concepção cultural de cada sociedade num dado momento histórico. Em uma linha de pensamento semelhante, Gama, Campos e Ferrer (2014) problematizam até mesmo os questionários que são utilizados como instrumentos de medição de saúde, pois o que é considerado “normal” são as respostas com mais frequência e, conseqüentemente, aquilo que difere do mais frequente é visto como “anormal” e, muitas vezes, como patológico, conclusão que pode ser precipitada e incorreta. E essas respostas, se aplicadas em outros grupos sociais, poderiam ter frequências diferentes. Assim, para os autores, há um perigo de, ao invés de compreender o que é saudável ou não, cair na tendência de normatizar comportamentos.

Parker et al. (1995) alertam sobre o perigo da categorização das doenças mentais, pois deve ser levada em conta não apenas a infinitude da individualidade de cada pessoa, mas, também, o contexto social no qual está inserida. Os autores apontam que até mesmo a linguagem

médica é condicionada ao contexto cultural e linguístico. Um argumento apresentado é de que só é possível dizer que alguém está “deprimido” ou com algum outro sintoma específico se esses termos existirem e forem utilizados no vocabulário daquela sociedade e possuírem o mesmo significado. Gonçalves (2016) conclui que, considerando que tanto o entendimento de doença quanto o de saúde são construídos social e culturalmente, há distinções não apenas entre sociedades diversas, mas que uma única sociedade pode revelar interpretações diferentes, em momentos históricos diversos. Veja-se o caso da homossexualidade, por exemplo, que até aos anos 70 do século XX integrou o *Diagnostic and Statistical Manual* da *American Psychiatric Association* (Drescher, 2015).

Outro aspecto relevante na construção social da saúde mental é a recepção da sociedade em relação a essa temática. Na sua obra *História da Loucura*, Foucault (1972) argumenta que a “loucura” – termo que se aproxima da visão atual sobre “doença mental” – foi a sucessora social da lepra, e, portanto, carregou consigo as reações de fobia, exclusão e medo de contágio. Sendo assim, os estabelecimentos que se responsabilizavam por aqueles acometidos por tal “loucura” não surgiam como um refúgio, mas eram espaços de castigo e de correção moral. Logo, o internamento assumia um papel social de eliminar ou neutralizar aqueles que eram compreendidos enquanto anormais. A loucura, portanto, era um risco social.

Com o passar dos anos houve uma melhora nesse sentido, mas ainda existia um preconceito não só em relação a quem era diagnosticado com alguma doença mental, mas também com a área da Psiquiatria. Rose (2019) afirma que esse ramo da medicina é especialmente problemático, pois é alvo constante de críticas e, até mesmo, de ridicularização. O autor indica que nas décadas de 60 e 70 do século XX a área foi fortemente atacada. Havia quem argumentasse que a ideia de doença mental é um mito, pois as pessoas não estariam doentes, mas eram apenas incapazes de lidar com as dificuldades da vida. Outros defendiam que a Psiquiatria era nada mais que uma forma de controlar as pessoas que fugiam do padrão social. E havia até mesmo quem alegasse que se tratava de uma medicalização extrema de estados naturais da vida humana e que os tratamentos oferecidos eram não só ineficazes, mas prejudiciais. Rose expressa que, apesar de um avanço na percepção social, ainda há uma tendência de deslegitimar a Psiquiatria e as doenças mentais.

Torna-se claro, portanto, que o campo da saúde mental, assim como não envolve apenas o indivíduo e suas características biológicas, também não é questão de interesse exclusivo da Psiquiatria ou da Psicologia, mas deve envolver outras áreas de conhecimento, a fim de melhor

explorar as diversas dimensões socioculturais que tem relação direta ou indireta com o campo. Portanto, é essencial uma mobilização crescente para que, paralelamente, haja maior investimento em tratamentos e acompanhamento psiquiátricos e psicológicos, mas também em programas com cunho socioeconômico e incentivo a novas pesquisas na área.

1.1 Saúde mental no meio universitário

A universidade representa um momento de extrema relevância e constitui-se de diversas formas: um sonho de infância; uma pressão familiar; uma oportunidade de mudança de vida; uma etapa em um plano de carreira; uma obrigação social. É difícil unificar a vivência universitária, pois cada pessoa possui não só suas motivações próprias, mas suas características pessoais, socioeconômicas, familiares e genéticas que individualizam essa experiência. Assim sendo, cada um enfrenta esse momento e todos os seus desafios e oportunidades de uma forma única. Entretanto, tem-se colocado cada vez mais em pauta um aspecto fundamental que deve ser observado durante esse período: a saúde mental.

Múltiplas pesquisas em diversos países apontam a presença de uma vulnerabilidade emocional no público universitário. Ariño e Bardagi (2018), inclusive, afirmam que há estudos que indicam que há uma prevalência de transtornos mentais não psicóticos neste grupo em relação à população geral e em outros jovens na mesma faixa etária que não frequentam a universidade. Apesar do foco deste trabalho ser investigar os casos de vulnerabilidade mental, é importante destacar que ser universitário não representa, por si só, um fator de risco, e que essa fase de desenvolvimento, apesar de ser acompanhada de obstáculos, carrega também oportunidades de amadurecimento (Castro, 2017; Osse & Costa, 2011).

Percebe-se, então, que a experiência no meio universitário se caracteriza como uma fase repleta de desafios, que pode resultar em consequências tanto positivas quanto negativas. Entretanto, a relação com o meio acadêmico começa muito antes de conseguir uma vaga em instituição de ensino superior. Para muitos, o ingresso na universidade já existe como objetivo de vida antes mesmo que exista um plano de carreira já pensado ou, até mesmo, uma noção real de como funciona o meio universitário, pois faz parte de um projeto de vida básico: entrar numa escola, ser aprovado numa universidade, ter uma carreira de sucesso, casar e ter filhos. É evidente, portanto, que, ao menos em um nível generalizado, o ingresso em uma — boa —

faculdade é uma pressão que já existe desde muito antes de isso passar na cabeça da própria pessoa e é, muitas vezes, imposta a ela.

É importante destacar, então, que também o estresse em relação à vida universitária já começa antes de ela começar de fato. E nessa fase prévia à universidade já podem se apresentar obstáculos que podem gerar consequências posteriores. O primeiro deles é a escolha do curso. Em toda a vida escolar, os estudantes sempre têm tudo já pré-selecionado para eles. Não há uma autonomia de decisão no que querem estudar. Cria-se, assim, uma grande ansiedade pela vida na faculdade, em que poderão, enfim, escolher seu curso e, supostamente, estudar apenas aquilo pelo qual têm interesse. Entretanto, enquanto que para uns esse momento de escolha de curso é de grande animação, pois já possuem afinidade com alguma área e já sabem por onde querem seguir, para outros essa escolha apresenta-se como um momento de grande pressão, pois sentem o peso de ter que tomar uma decisão tão grande sem sentir uma identificação clara com nenhum dos cursos. Ariño e Bardagi (2018) dizem que a visão que o indivíduo tem a respeito do curso escolhido, e a concepção que o próprio faz sobre a sua competência pessoal para a ocupação escolhida, são fatores que podem ser decisivos na sua saúde mental.

A dificuldade da aprovação no vestibular se constitui, também, como um possível empecilho. Existe sempre um consenso de que determinadas universidades são as melhores e devem ser priorizadas. Desse modo, é criado um senso de concorrência muito forte já nos anos anteriores à realização dos exames para ingressar no ensino superior. Cada vez mais cedo as aulas passam a ser mais intensivas e os estudantes recorrem a cursos externos à escola, para aumentar ainda mais o seu preparo para a prova. Contudo, essa concorrência extrema pode gerar resultados negativos, pois além do desgaste físico e emocional que passa a surgir, naturalmente, muitos não serão aprovados e, conseqüentemente, poderão ter um sentimento de fracasso e insuficiência.

Além disso, durante o período escolar há um excesso de regras que fazem com que surja um anseio por liberdade e autonomia. Sendo assim, ainda na fase pré-universitária, é criada uma grande ilusão em relação à vida universitária. Um fator de influência nisso é a imagem que é passada em diversos filmes da vida na universidade e que faz parecer que é um ambiente em que todos são amigos e que há apenas festas em todos os momentos. Entretanto, a realidade é muito distante disso. Assim, as expectativas que são criadas e alimentadas durante anos caem por terra e geram grande frustração. Nesse aspecto, Almeida (2007) diz que a transição do universo escolar para o universitário é marcada por ambigüidades. Por um lado, há justamente esse anseio e

expectativa por liberdade e autonomia e, por outro, há ansiedade e medo diante do ambiente novo que se apresenta.

Portanto, é possível afirmar que a saúde mental dos estudantes já é, possivelmente, afetada mesmo antes de que a vida universitária comece efetivamente. E esses três pontos apresentados podem gerar consequências não apenas imediatas, mas que surgirão ao decorrer do curso. Igue, Bariani e Milanesi (2008) destacam que as expectativas existentes anteriormente ao ingresso no ensino superior constituem-se como fatores determinantes na integração dos jovens nesse novo ambiente, pois quando há uma discrepância entre aquilo que era esperado e aquilo que de fato é a realidade, podem surgir sentimentos antagônicos.

O ingresso na universidade é uma das fases mais marcantes na trajetória acadêmica e com mais efeitos emocionais, e pode ser encarado de formas muito distintas. Sobre o período inicial, Nogueira-Martins e Nogueira-Martins (2018) comparam a vivência do estudante com a de uma criança recém-nascida, pois trata-se de um mundo completamente novo e desconhecido, muitas vezes ameaçador e assustador, especialmente para aqueles universitários que mudam para uma cidade nova. Esse momento significa uma transição significativa e que acompanha diversos desafios: um plano curricular e modelo de estudo e avaliação muito distintos das escolas e cursos preparatórios; um senso de independência nos estudos, exigindo do estudante maior organização e disciplina, especialmente para conciliar com os momentos pessoais e de lazer; a criação de novos laços de amizade com pessoas desconhecidas; o anseio em relação à carreira e vida econômica após a universidade. A respeito dessa transição, Almeida (2007) diz que duas condições podem facilitar o desenvolvimento do estudante: a condição de desafio e a condição de apoio. Ambas devem interagir de forma dinâmica e são necessárias, pois não há crescimentos sem desafios, mas estes exigem uma rede de apoio para que sejam tolerados. Entretanto, nem sempre essa coexistência acontece.

Dentro do momento inicial, existem aqueles estudantes que entram extremamente empolgados, com muita paixão e excitação, seja pelo lado acadêmico ou pelo lado social. São esses que mais se engajam nas atividades e que fazem amigos com maior facilidade. Evidentemente, as expectativas são altas. Quando elas são alcançadas, o estudante muito provavelmente vai ter uma excelente experiência tanto a nível acadêmico quanto a nível social. Por outro lado, quando há uma decepção, há uma grande possibilidade de forte frustração e desânimo. Assim, pode ser que haja uma queda na qualidade dos estudos e um possível isolamento social.

Em contrapartida, há quem opte por começar sua fase universitária com o mínimo de expectativas possível. É uma forma que pode ser mais segura, pois evita que ocorram grandes decepções. E, do outro lado da escala, estão aqueles que ingressam já com expectativas muito baixas. Muito provavelmente esses são os mesmos que não se identificavam com nenhum dos cursos e acabaram tendo que se conformar com alguma escolha, ou não se sentem atraídos pelo ensino superior, mas, por pressões familiares e sociais, acabam entrando. Aqueles que se encaixam nesse perfil talvez estejam seguros de frustrações, pois já entram com uma visão negativa. Entretanto, é muito provável que essa indisposição prévia acabe por impossibilitar que haja um engajamento em questões acadêmicas e sociais e, assim, impeça que sejam vividas experiências que poderiam reverter a imagem negativa inicial.

A percepção que o estudante tem de si mesmo — habilidades e competências, organização de estudo, gestão do tempo — em relação aos diversos desafios e etapas que englobam a vivência universitária carregam grande peso, podendo servir como motivo de estresse e declínio da saúde emocional, mas, também como fator protetivo, caso seja positiva (Ariño e Bardagi, 2018).

É importante destacar que nem sempre um desempenho fraco nas matérias significa falta de aptidão ou dificuldade nos estudos, mas pode se dar por uma variedade de razões. Entre elas, uma falta de conexão com o curso escolhido. Como já foi apontado anteriormente, existem aqueles estudantes que escolhem uma carreira não por se identificarem com ela, mas pela comodidade ou, simplesmente, pela necessidade de escolher algo. Consequentemente, há uma desmotivação para o estudo por não sentirem uma atração vocacional com o curso e suas disciplinas (Almeida, 2007).

No período de conclusão há, também, uma forte chance de efeitos na saúde psíquica dos estudantes. É um momento de muitas possibilidades, quando ocorre a transição da vida acadêmica para a vida profissional. Com essa mudança, surgem diversas possibilidades, que podem ser encaradas tanto com grandes expectativas e empolgação, como com medo e ansiedade. E, assim como na fase inicial, é possível destacar dois extremos. Existem aqueles que já têm um plano traçado, já sabem para onde vão após a conclusão do curso. Para eles, é uma passagem muito esperada, afinal, todos os anos de estudo foram para chegar até ali. Há, porém, o outro lado da moeda. Enquanto alguns têm tudo já planejado, outros não sabem o que os espera após a conclusão do curso. Assim, o ingresso na vida profissional assusta e é motivo de grande ansiedade.

Ainda a respeito da saúde mental no ambiente universitário, Venturini e Goulart (2016) afirmam que há, também, uma relação entre a existência de condições de desigualdade socioeconômica entre os estudantes e o surgimento de sofrimento mental. Os autores afirmam que o fardo das dificuldades econômicas e exclusão social é um elemento verificado pela literatura na área e que esses dois fatores podem gerar uma vulnerabilidade que, por sua vez, pode facilitar o aparecimento de dificuldades mentais e emocionais. Além disso, os autores também afirmam que a universidade — enquanto instituição — pode se configurar tanto como um agente favorável ou prejudicial à saúde mental dos seus estudantes de acordo com a forma que a mesma se posiciona em relação às diversas problemáticas — sejam elas de ordem econômica, social, educacional, organizacional — de sua população.

1.2 Alguns dados sobre a saúde mental universitária

A fim de melhor visualizar em dados numéricos o perfil dos estudantes universitários em relação ao quesito da saúde mental, serão destacados aqui alguns dados. Primeiro, para compreender o cenário em Portugal, foram selecionadas duas investigações quantitativas. Em sua pesquisa realizada com 560 estudantes em 29 instituições de ensino superior do Distrito de Lisboa, Nogueira (2017) verificou que, em uma escala geral, houve resultados satisfatórios, onde a maior parte dos estudantes (67,7%) mostram níveis de saúde mental saudáveis. Em um nível baixo e mais preocupante o total foi de 16,6% da amostra. Os resultados verificados por Fonte e Macedo (2020) são semelhantes. Em pesquisa realizada em 2019 com 234 estudantes universitários portugueses, os dados indicaram níveis elevados de saúde mental positiva.

Já no Brasil há uma realidade diferente. Para isso, serão apresentados alguns números apurados na V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras (2018)⁷, pesquisa de abrangência nacional idealizada pelo Observatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE). Participaram da investigação estudantes de cursos presenciais de graduação de todas as universidades federais existentes até fevereiro de 2018 e dois centros federais de educação tecnológica, totalizando 65 instituições.

⁷ Pesquisa disponível para download em <https://www.andifes.org.br/?p=79639>

Uma das categorias estudadas na pesquisa foi a saúde geral (física) e a mental enquanto fatores que podem ser associados à dificuldade para estudar. Dentro do aspecto físico, apenas 5,9% dos estudantes afirmaram ser um problema para o desenvolvimento dos estudos, entretanto 23,7% associaram o aspecto mental como um desafio para os seus estudos. Percebe-se, portanto, que é um ponto que deve ser atentamente observado, pois trata-se de quase um quarto da população pesquisada.

Outra dimensão apurada foi a evasão dos cursos. Apesar do trancamento efetivo só ter sido feito por 14,3% dos estudantes, mais da metade (52,8%) já cogitou o abandono do curso.

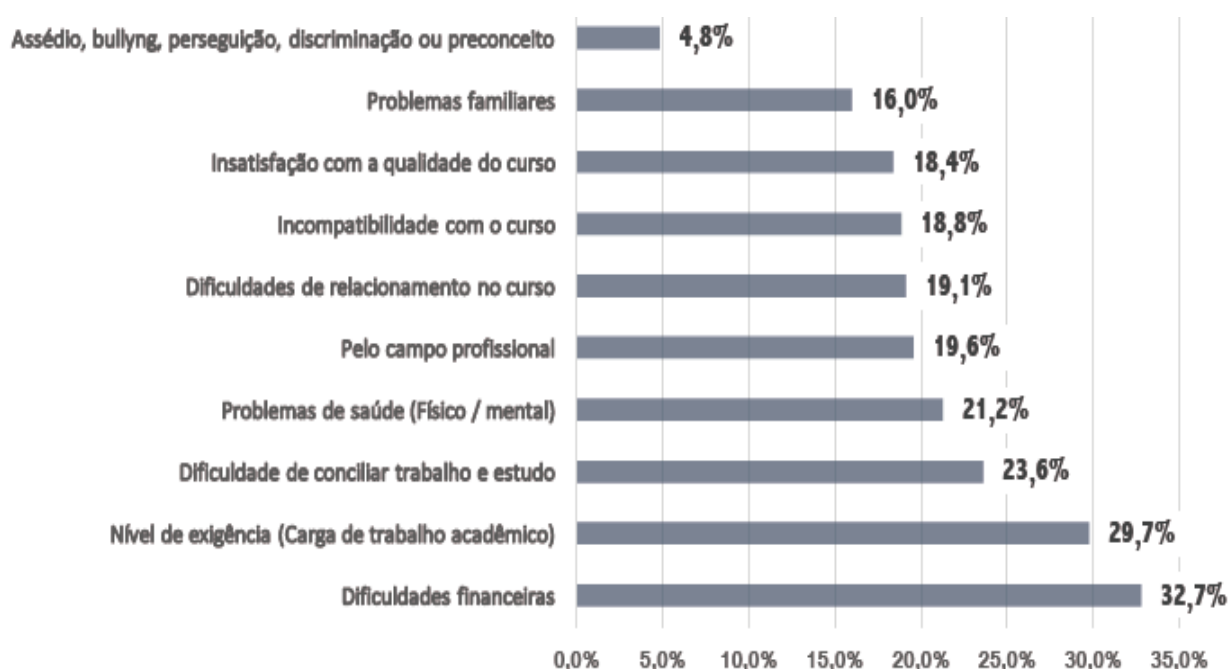


Gráfico 1: Percentual de discentes que pensaram em abandonar o curso, segundo motivo para abandonar o curso

Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018), p. 179

Mesmo que a evasão na graduação não seja o foco desta pesquisa, todos os motivos elencados mostram-se relevantes à temática, pois podem surgir como fatores de risco à saúde mental dos estudantes, sendo alguns já citados previamente aqui. Além disso, o próprio pensamento de abandono do curso surge como um grande fator de desmotivação e pode afetar diretamente o psíquico dos alunos.

A imagem 2 ilustra os dados referentes às dificuldades emocionais que interferem de alguma forma na vida acadêmica. De todos os estudantes entrevistados, 83,5% afirmaram ter algum tipo de dificuldade emocional. Com isso, fica claro o quão alarmante é a questão da saúde mental no ambiente universitário brasileiro.

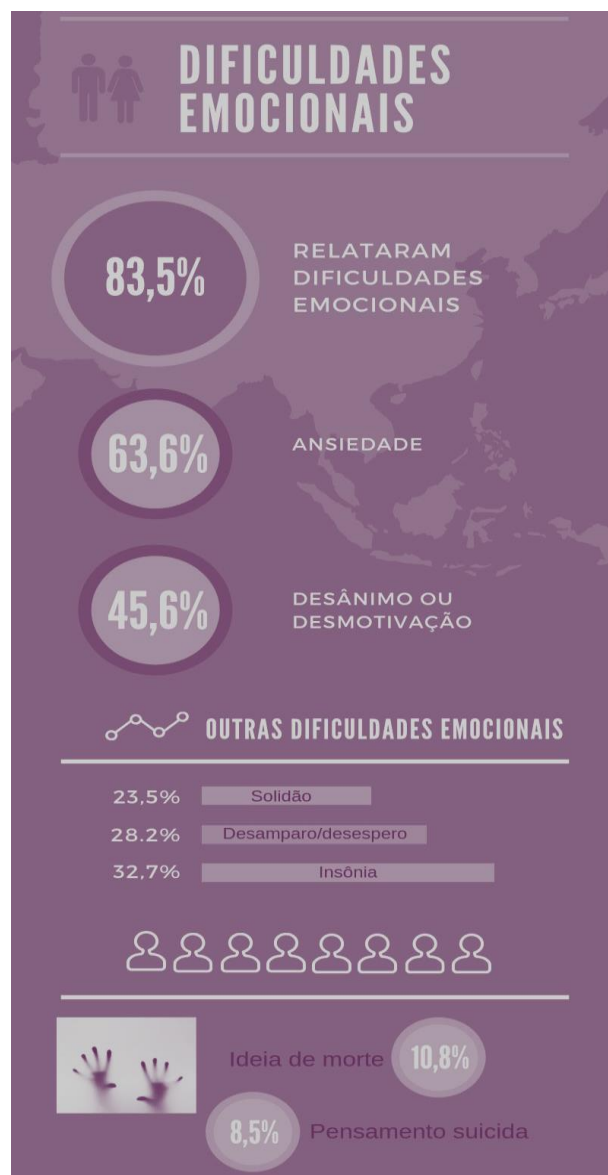


Figura 2: Dificuldades emocionais dos (as) graduandos

Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018), p. 206

Buscando melhor compreender o perfil dos estudantes universitários, é necessário verificar, também, os impactos que a pandemia do COVID-19 trouxe em relação à saúde mental. Um estudo realizado pela Associação Académica de Coimbra (AAC)⁸ constatou que, na época de confinamento, sete em cada dez estudantes pensaram em abandonar o curso. Além disso, 66% dos entrevistados afirmaram que se sentiram ansiosos com alta frequência. Outra investigação

⁸ Dados retirados da reportagem disponível em <https://www.publico.pt/2021/02/12/p3/noticia/confinados-74-alunos-universidade-coimbra-pensaram-desistir-estudar-1950408>

feita pela Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (AEFCSH)⁹, da Universidade Nova de Lisboa, atestou que dos 483 participantes, 90% declararam que a quarentena teve efeito negativo na saúde mental. Os principais sinais apontados foram a desmotivação (85%) e ansiedade (72%).

A Global Student Survey¹⁰, pesquisa de caráter global realizada pela Chegg, empresa americana de tecnologia educacional, entrevistou 16.839 estudantes de graduação em 21 países, entre eles, o Brasil. Mais da metade (56%) alegou ter a sua saúde mental afetada pela pandemia do COVID-19. O gráfico abaixo mostra os países em que os estudantes afirmaram sofrer maior impacto:

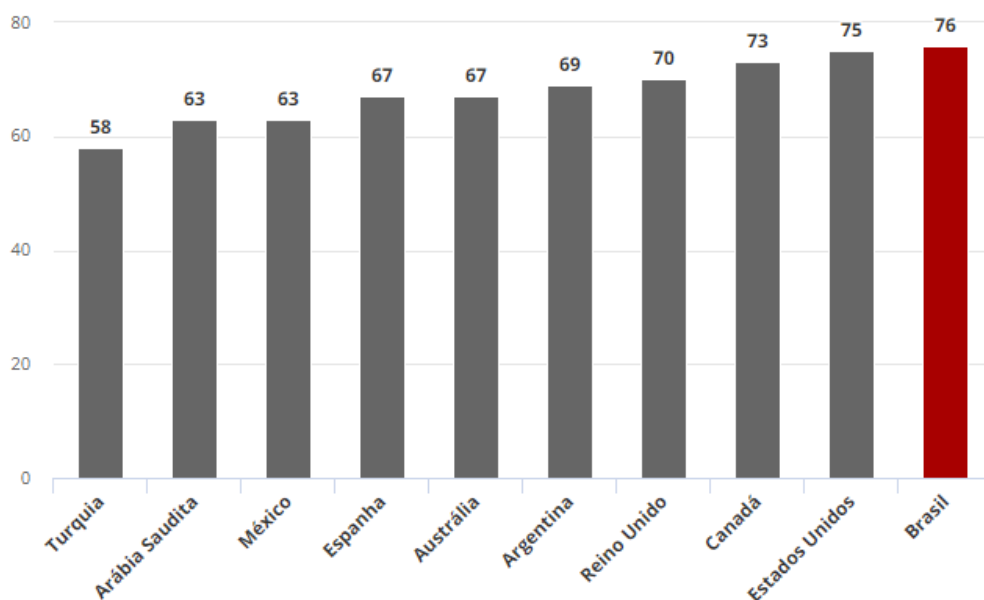


Gráfico 2: Países com maior impacto da pandemia na saúde mental dos estudantes

Fonte: Global Student Survey/Chegg.org¹¹

Verifica-se que o Brasil lidera o ranking com 76% dos estudantes entrevistados atestando que sua saúde mental foi afetada nesse período do COVID-19. Apesar de ser difícil decifrar as razões que colocam o país em primeiro lugar no número de afetados mentalmente, é possível argumentar que fatores sociais podem atuar como agravantes, como, por exemplo, o conturbado cenário político do país que afeta diretamente o enfrentamento à pandemia e a forma que grupos

⁹ Dados retirados da reportagem disponível em <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2021-03-04-Covid-19.-Estudantes-universitarios-sentem-a-saude-mental-afetada-pelo-confinamento>

¹⁰ Pesquisa disponível em <https://www.chegg.org/global-student-survey-2021>

¹¹ Gráfico retirado da reportagem disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/26/brasil-tem-maior-indice-de-universitarios-que-declaram-ter-saude-mental-afetada-na-pandemia-diz-pesquisa.ghtml>

minoritários sociais — que compõem o grupo de estudantes universitários — são acolhidos — ou não — pela sociedade e pelo Governo. Um outro ponto pesquisado pela organização, pode ajudar a explorar esta hipótese. Diz respeito às percepções dos universitários em relação à afirmação “Eu acredito que vivo em uma sociedade aberta e livre que apoia a diversidade, os menos favorecidos, e fornece a todos oportunidades iguais”. Nesse quesito, os brasileiros também aparecem na frente dos demais países — mas dessa vez com uma diferença de 15%, apresentando o maior número de discordância em relação à frase (70%). Além disso, em outra questão que diz respeito ao país ser um bom lugar para viver, o Brasil apresenta 38% de respostas que se opõem à afirmação — sendo o terceiro país com maior número — e 39% que concordam, sendo o restante neutras. Percebe-se, portanto, que aspectos sociais e políticos do Brasil podem ter influência direta no desgaste mental na pandemia.

Dentro dos 76% de universitários que alegaram ter efeitos negativos na saúde mental devido à pandemia, 87% indicaram aumento de estresse e ansiedade. Entretanto, mesmo com um número tão alto de afetados mentalmente pela situação, apenas 21% dos estudantes buscou ajuda profissional. Considerando a média geral de todos os países esse número cai para 17%. Nas pesquisas realizadas pela AAC e pela AEFCSH, o mesmo foi observado. Em ambas a grande maioria dos alunos não buscou tratamento especializado e apontou a falta de apoio das respectivas universidades.

A baixa procura de ajuda profissional não é exclusiva desse período de pandemia. A pesquisa da FONAPRACE aponta que 67,6% dos entrevistados nunca procurou atendimento psicológico. Nesse mesmo ponto, em relação aos estudantes portugueses, Nogueira (2017) constatou que uma grande percentagem não dedicou muitos cuidados em relação ao seu psíquico e que dos 93 participantes com níveis mais baixos de saúde mental, mais de 20 não procuraram ajuda profissional. Considerando todos esses dados, nota-se que há um excesso de dificuldades emocionais, mas uma pequena procura de assistência e tratamento. Entretanto, a responsabilidade não deve ser exclusiva do estudante, e aqui entra um fator crucial para a problemática da saúde mental no meio acadêmico: a universidade enquanto espaço de apoio.

1.3 Apoio psicológico universitário

A atenção à saúde mental do estudante universitário passou a tornar-se mais relevante no início do século XX quando em 1910, na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, o doutor Stuart Paton desenvolveu o primeiro programa formal de assistência à saúde mental dentro de uma universidade, com foco nos discentes que já tinham desenvolvido algum quadro psiquiátrico. Antes disso, havia um foco quase que exclusivo na saúde do público escolar — excluindo as universidades — e uma restrição à problemas de saúde de ordem física. Entretanto, o surgimento desse primeiro programa de apoio despertou uma maior discussão sobre o tema e o aparecimento de novos projetos. No Brasil, o primeiro programa de assistência psicológica e psiquiátrica a estudantes universitários foi criado em 1957 na Universidade Federal de Pernambuco, direcionado, inicialmente, aos alunos do curso de medicina, com o objetivo de auxiliar na superação dos desafios e aflições que pudessem surgir e, assim, contribuir para a formação e um melhor equilíbrio emocional (Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005; Hahn, Ferraz & Giglio, 1999).

Gradativamente foram surgindo novos programas com esse mesmo cunho em mais universidades, apesar de ainda notar-se uma insuficiência. Entretanto, os pesquisadores na área no Brasil são praticamente unânimes em exprimir a essencialidade de investimento nesse quesito. Assis e Oliveira (2010) afirmam que programas de apoio psicológico no ambiente acadêmico são grandes aliados na diminuição de estresse e, conseqüentemente, de sintomas como depressão, ansiedade, ideação suicida e dificuldades de relacionamento. Nesse mesmo sentido, Nogueira-Martins e Nogueira-Martins (2018) consideram que o foco na saúde mental dos alunos não deve ser preocupação exclusiva dos profissionais da área, mas que deve ser um esforço que envolva uma equipe pluralizada — professores, coordenadores, pedagogos, assistentes sociais — e abarcar o ambiente de aprendizagem como um todo.

Para Ariño e Bardagi (2018), há uma necessidade de promoção de ações da instituição de ensino desde as fases iniciais do curso, a fim de ajudar os estudantes a organizarem a sua rotina acadêmica, conseguindo equilibrar estudos e prazos com horas de sono e lazer. Deve haver, também, um investimento em projetos de orientação de carreira, possibilitando uma maior satisfação com o curso e normalizando a ocorrência de mudanças de carreira, resultando em uma melhor qualidade de vida e de estudo. Os autores também acrescentam a forte relevância de novas pesquisas focadas na influência que os aspectos específicos dessa fase podem ter no bem-estar psíquica da população universitária.

Indo ao encontro dessa preocupação, Castro (2007) também já alertava de uma ausência de estudos com abrangência nacional sobre a saúde mental dos estudantes universitários brasileiros, pois grande parte das pesquisas — até por uma questão de viabilidade — possuem amostras regionais. O autor enfatiza que deve ser feita uma reavaliação das políticas de saúde mental por parte das instituições de ensino, para que sejam pensadas medidas de prevenção e intervenção antes de os alunos concluírem os cursos e salienta a necessidade de uma melhor comunicação entre os diversos serviços que já integram as universidades, para potencializar seus resultados.

Osse e Costa (2011) reforçam a pertinência de programas que facilitem a integração do aluno nos estágios iniciais do curso, pois a inexperiência pode tornar os primeiros semestres ainda mais difíceis e há uma falta de espaço para diálogo em sala de aula a respeito dessas questões. E a intervenção nessa fase inicial pode também evitar o avanço de dificuldades emocionais provenientes da fase pré-universitária. Além disso, é crucial ressaltar que o apoio da universidade deve ir além de apenas os quesitos psicológico e psiquiátrico, pois, para muitos alunos, especialmente aqueles em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, há uma dificuldade em manter-se na universidade, pela falta de assistência financeira, médica, de transporte, de moradia. E todos esses quesitos podem afetar diretamente a saúde mental dos mesmos.

Conclui-se, enfim, que a saúde mental no meio universitário é uma problemática de extrema urgência e que afeta grande parte dos estudantes. Portanto, torna-se clara a relevância de pensar-se em maneiras de facilitar o trajeto acadêmico. É fundamental que sejam pensadas em ações não apenas de caráter remediativo, mas também preventivo. A universidade deve se colocar a postos para o desenvolvimento de programas e serviços de assistência psicológica e psiquiátrica — além de ações de apoio social — e incentivar a reflexão e a conversa sobre assuntos no aspecto da saúde emocional. Além disso, é importante que haja um empenho comunitário em formar uma rede de apoio aos alunos. Nesse aspecto, Graner e Cerqueira (2019) dizem que ter apoio social é uma variável de proteção essencial para a saúde mental. E, por fim, os próprios estudantes devem estar preparados e dispostos a reconhecer sinais de esgotamento emocional e buscar ajuda quando necessário, esforço esse que pode e deve ser incentivado pela instituição.

2. Comunicação e Saúde

A saúde se torna um ponto de desejo cada vez maior para a grande maioria das pessoas, especialmente em um mundo assolado por uma pandemia. Desse modo, “estar saudável” é uma ambição cada vez mais almejada. Mas, por muitos anos, a relação com a saúde era muito simplificada, tratando-se de uma relação dicotômica. Xavier (2009) descreve que a saúde era definida como algo negativo a ser vencido e ilustrada com oposições, como doença / saúde, velhice / juventude e dor / prazer. A saúde, portanto, era uma transição de uma condição negativa ao seu oposto positivo.

Entretanto, alcançar um estado de saúde passou a evoluir e tomar novas dimensões, tornando-se cada vez mais difícil e deixando de ser simplesmente definido apenas como não estar diagnosticado com nenhuma doença física. Gradativamente passa-se a descobrir novas formas de “não estar saudável”, do aspecto físico ao psíquico. Godói (2006) aponta que, assim como Galtung (1990) argumentava que o conceito de “paz” implica em muito mais que apenas a ausência de violência, da mesma forma, a saúde implica em muito mais que apenas a ausência de doenças. Nesse sentido, Pinto-Coelho (2013) afirma que a saúde superou a relação binária com a doença e passa a ser definida como um estilo de vida que permeia toda a sociedade, do espaço público ao privado. Diante disso, fica claro que a saúde, dentro de toda a sua complexidade, precisa de uma maneira de ser amplificada para as diversas camadas da população. Entra, então, a comunicação como uma maneira essencial de potencializar os conceitos e conhecimentos acerca de uma vida saudável.

A saúde, portanto, é um fator fundamental para a vida da humanidade, e a comunicação torna-se uma ferramenta imprescindível para a sua propagação. Bueno (2015) afirma que a saúde deve ser vista não como um objetivo principal, mas como um recurso para a vida, e, sendo assim, a sua promoção deve ser preocupação não apenas dos profissionais da área, mas também de diversos outros campos, especialmente a comunicação. Em 1998, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um glossário¹² com termos relacionados à promoção da saúde e, entre os termos, já figurava a comunicação em saúde, apontada como uma estratégia fundamental para que o público se informe sobre questões de saúde e para que a temática se mantenha relevante. A OMS explica que essa comunicação, que envolve diversas áreas e pode apresentar-se de variadas

¹² Disponível em <https://www.who.int/healthpromotion/about/HPR%20Glossary%201998.pdf>

formas em diferentes meios, tem imenso potencial de influência positiva na sociedade, mas alerta que, caso feita de forma imprudente, pode também trazer prejuízos.

Essa relação entre o campo da comunicação e o campo da saúde não é novidade e é amplamente analisada e discutida, pois se configura em muitas formas. Vasconcelos, Oliveira-Costa e Mendonça (2016) demonstram que os dois campos se encontram em diversas dimensões, do meio teórico e acadêmico ao meio prático, e formam uma via de mão dupla, pois enquanto a comunicação utiliza da saúde para a produção de discursos e materiais, a saúde também usa a comunicação de diversas formas. A relação entre as duas áreas, portanto, é complexa e cheia de nuances e caracteriza-se de variadas maneiras: no jornalismo de saúde; nas campanhas públicas de comunicação, feitas a propósito de diferentes assuntos e com fins diversos (prevenção, promoção, conscientização, divulgação de doenças e tratamentos), na relação entre médico e paciente. Dellazzana (2012) afirma que essa atuação conjunta, no que diz respeito à saúde pública, deve ser realizada a serviço da população, sempre buscando o desenvolvimento social.

Com um ponto de vista similar, Cirino e Tuzzo (2015) afirmam que a comunicação, por possuir uma possibilidade de impacto social muito grande, deve agir como agente social de saúde e, conseqüentemente, contribuir com a manutenção do sistema de saúde. Azevedo (2012) reforça esse pensamento e complementa que os atores comunicacionais, através dos diversos meios e instrumentos que têm ao seu dispor, são capazes de atingir um alto número de pessoas e, principalmente, alcançar aqueles que por diversas razões socioeconômicas ou culturais teriam maior dificuldade em aceder informações relevantes.

Rangel-S e Ramos (2017) explicam que é difícil uma definição única do papel da comunicação na saúde, mas problematizam que os discursos de saúde que são produzidos e consumidos socialmente estão intrinsecamente ligados com questões culturais e ideológicas. As autoras também discorrem sobre a criação de um campo de interface entre os saberes da saúde e da comunicação na sociedade contemporânea e afirmam que esse novo campo já vem sendo problematizado no Brasil e em Portugal desde o fim do século XX.

Em uma linha semelhante, Ruão, Lopes e Marinho (2012) argumentam que a intersecção entre os campos da saúde e da comunicação teve um desenvolvimento intenso nos últimos anos, com uma cobertura na mídia sobre temas de saúde cada vez mais presente e um interesse acadêmico na área crescente e abrangente, desde dimensões interpessoais a organizacionais. Para Lopes, Araújo e Fernandes (2013) a midiaticização da saúde tem crescido por três fatores

principais: os atores da saúde passaram a apresentar maior disponibilidade em relação aos jornalistas, a fim de promover os seus trabalhos, e, em contrapartida, os jornalistas apresentam maior abertura a temas da saúde; uma maior conscientização das instituições de saúde de que devem operar numa lógica de mercado e, portanto, utilizar da comunicação estratégica; o público está mais interessado por questões de saúde.

Outra perspectiva é a preocupação crescente dos profissionais e das instituições de saúde em desenvolverem suas habilidades comunicacionais. Nesse quesito, Coriolano-Marinus et al. (2014) refletem sobre o papel da comunicação na rotina hospitalar e apontam-na como um meio de humanização das relações dos profissionais com os pacientes e seus familiares e facilitando a troca de informações. O processo comunicativo, portanto, não apenas no ambiente hospitalar, mas em toda a sua intersecção com a saúde, deve ser permeado por empatia e sensibilidade e não se caracterizar enquanto uma relação de poder. Deve-se buscar ir além de uma dinâmica apenas de emissão e recepção de informações (Ischkanian & Pelicioni, 2019).

Fica claro que a relação entre a comunicação e a saúde se traduz de diversas formas, nas suas diferentes declinações (clínica, saúde pública) e é difícil ser contida em uma única definição. Para os fins deste trabalho serão brevemente exploradas duas vertentes dessa relação: a comunicação estratégica em saúde e o jornalismo de saúde. E apesar de ter um papel relevante na sociedade, é essencial destacar que a comunicação em saúde não possui aspectos apenas positivos e, portanto, deve também ser problematizada. Sendo assim, também serão analisados, algumas das críticas que são direcionadas a determinadas práticas na comunicação de saúde.

2.1 Comunicação Estratégica em Saúde

A comunicação estratégica, enquanto um termo genérico, não é novidade, mas enquanto campo específico na Comunicação, foi constituída mais recentemente. Configura-se como uma área ampla, que abraça outras modalidades comunicacionais mais específicas, como Relações Públicas e Publicidade (Araújo & Ruão, 2014; Carrillo, 2014). Henriques e Mafra (2006) argumentam que a necessidade de desenvolver a comunicação estratégica surgiu a partir da

consolidação de um estilo de vida moderno, com a emergência de sistemas democráticos e da exigência das diversas organizações de se comunicarem com seus públicos.

Para Kunsch (2018), na atual era digital, a influência da comunicação na sociedade é inquestionável e a mesma deve ser vista como um processo social básico. Em uma visão semelhante, Becker e Rosenzweig (2015) afirmam que a evolução da tecnologia e dos diversos meios de comunicação resulta naturalmente em uma interação maior entre as instituições e a sociedade. Desse modo, a comunicação deve desempenhar um papel estratégico e assumir uma responsabilidade social. Sendo assim, a mobilização da população para o interesse da população em temas da saúde, assim como em qualquer assunto de relevância público, deve incluir estratégias de comunicação (Henriques & Mafra, 2006).

Araújo e Ruão (2014) afirmam que a apropriação da comunicação estratégica na área da saúde é recente, mas que tem sido cada vez mais frequente. O Ministério da Saúde do Brasil, em um relatório de pesquisa divulgado em 2008¹³, expressa que o uso da vertente estratégica da comunicação, especialmente no contexto governamental, é essencial para promoção de saúde e prevenção de doenças, pois possibilita a transmissão de informações pertinentes e, até mesmo, o estímulo a adoção de hábitos considerados saudáveis. Ainda de acordo com o mesmo material, muitas questões de saúde estão fortemente conectadas ao estilo de vida da população, e, por isso, as ações de comunicação estratégica surgem como instrumentos valiosos para mobilizar o público.

Bass e Parvanta (2018) traçam pontos básicos que podem facilitar o alcance e sucesso de processos comunicacionais em diversas áreas, inclusive na saúde. As ações precisam chamar a atenção do público, e, a fim de mantê-la, devem prezar pela simplicidade e brevidade. Além disso, deve-se possibilitar uma sensação de decisão referente ao que está sendo transmitido, gerando um engajamento. As autoras também afirmam que a comunicação em saúde funciona em quatro níveis. O primeiro é o individual e afeta diretamente a consciência de uma pessoa a respeito de algum problema específico, podendo levar a um estilo de vida mais saudável. Muitas vezes esse tipo de comunicação ocorre em um contexto entre um paciente e um profissional da saúde. O segundo nível é o de grupo e foca em uma dinâmica de compartilhamento de informações e experiências. Este nível ocorre em locais de convívio coletivo como igrejas, instituições de ensino, espaços de trabalho e, até mesmo, grupos em redes sociais. O terceiro

¹³ Relatório disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/gestao_comunicacao_vigilancia_saude.pdf

nível em que a comunicação de saúde pode funcionar é a comunidade. Para as autoras, aqui atuam os formadores de opinião — ou, como são chamados atualmente, influenciadores — que, ao alcançar a comunidade, podem gerar, conseqüentemente, mudanças práticas como um aumento na procura por opções saudáveis no comércio. E, por fim, o quarto nível é a sociedade e é consequência das ações nos níveis anteriores. Quando há uma comunicação eficaz neste nível, é possível chegar à adoção de novas normas e comportamentos que afetam a população em um nível mais amplo, como, por exemplo, a proibição de fumar em espaços fechados e o uso obrigatório do cinto de segurança. São mudanças que começaram em níveis individuais e foram crescendo até chegar em toda a sociedade.

Considerando os diferentes níveis, destaca-se outra estratégia importante e constantemente utilizada para potencializar o alcance e o sucesso da comunicação de saúde: segmentar públicos. É importante não apenas saber a qual nível comunicar, mas como os componentes desse nível se configuram. Ruão (2013) ressalta o risco de generalização do público dentro da comunicação em saúde e afirma que há uma crescente personalização das estratégias de comunicação. Assim, levando em conta as características específicas de cada indivíduo ou grupo, é possível direcionar a comunicação feita, garantindo uma maior precisão, persuasão e eficácia. A autora reforça que é dever dos agentes de comunicação em saúde, portanto, estudar cada um de seus públicos.

Ainda dentro deste aspecto, Ramos (2017) destaca a questão da multiculturalidade dentro de uma única sociedade. A presença e o encontro de culturas e etnias diversas devem ser levadas em conta para a realização do que a autora denomina comunicação culturalmente eficiente. Assim, com uma maior compreensão das particularidades das distintas culturas, é possível não apenas ter uma maior alcance e resposta às ações realizadas, mas as próprias instituições de saúde poderão ser reconhecidas como espaços de maior acolhimento.

Bass e Maurer (2018) reforçam esse mesmo pensamento e complementam que as pessoas enxergam e vivem sua saúde de formas diferentes, de acordo com suas experiências próprias e culturas. Assim, ao entender especificamente cada audiência, há uma chance muito maior de uma resposta positiva às mensagens transmitidas. Ainda no aspecto de entender o público, as autoras complementam que é importante delimitar a audiência primária — pessoas mais afetadas por algum problema específico e alvo principal da ação —, secundária — familiares e amigos que podem ser aliados em uma mudança de comportamento, e muitas vezes também precisam ser convencidos — e terciária — formadores de opinião que podem influenciar

diretamente na adoção da mudança de comportamento prevista na ação. Por mais que seja menos trabalhoso escolher uma estratégia unificada, “uma solução de ‘tamanho único’ funciona tão bem para a comunicação de saúde quanto funciona para roupas” (Bass & Maurer, 2018, p. 86).

Ainda enfatizando a importância de conhecer e segmentar os públicos, Santos e Montagna (2015) afirmam que as peculiaridades devem sempre ser levadas em conta, pois uma comunicação feita à medida possibilita um maior entendimento e aceitação da mensagem. Eles apontam também a importância da adoção de uma comunicação integrada, em que diferentes vertentes comunicacionais convirjam a um mesmo objetivo. Utilizando-se de formas e saberes diferentes para a execução de uma campanha há uma potencialização do seu alcance. Ruão (2013) complementa que o profissional de comunicação deve se apoiar em outras disciplinas e áreas para uma ação ainda mais completa e fundamentada.

A comunicação estratégica, portanto, não se reduz apenas a produção de projetos e ações, mas envolve toda a gestão, de forma integrada, das técnicas e instrumentos disponíveis para atingir os objetivos estabelecidos. Desse modo, é essencial que haja uma conversação constante entre os diferentes profissionais das instituições que querem comunicar alguma mensagem. Assim, a comunicação estratégica se caracteriza enquanto um processo contínuo e assume, então, o papel de agregar e ordenar as diferentes ideias e informações (Ministério da Saúde, 2008).

Outro aspecto importante, que só é possível com o entendimento do perfil do público e com uma comunicação integrada, é a escolha de quais meios utilizar para a propagação de uma mensagem. Henriques e Mafra (2006) dizem que as campanhas massivas em meios de comunicação de maior alcance devem ser complementadas com ações de cunho mais personalizada. Já Carrillo (2014) afirma que o que faz uma comunicação se tornar estratégica é, justamente, a utilização de variadas estratégias de comunicação. Para ela é importante que sejam utilizadas o máximo de possibilidades de divulgação que for possível. Entretanto, é crucial lembrar que cada veículo de comunicação exige uma adequação. Assim, a mensagem deve sempre adequar-se ao meio (Santos & Montagna, 2015).

É evidente, portanto, a importância que a comunicação estratégica tem assumido na temática da saúde, desde ações menores e customizadas a campanhas de maior alcance e mais generalizadas. Com as falas aqui apresentadas é possível destacar três pontos principais: o conhecimento do público para uma comunicação mais direcionada, a integração das diversas áreas para uma comunicação mais universal e a utilização dos variados meios para uma comunicação de maior alcance. As campanhas, portanto, devem ser pensadas de forma holística

e planejadas milimetricamente (Ruão & Kunsch, 2014). Entretanto, conclui-se também que a comunicação estratégica em saúde é complexa e, em alguns aspectos, imprevisível, pois mesmo com um intenso estudo e planejamento, nunca é possível uma garantia infalível dos resultados pretendidos.

2.2 Jornalismo de Saúde

Dando seguimento às formas de atuação dentro do campo da comunicação em saúde, é importante destacar a área do jornalismo de saúde. Ruão et al. (2012), em uma definição mais sucinta, percebem a área como a propagação de informações relevantes sobre temas relacionados à saúde e complementam que o acesso a informações representa um dos pilares na adesão a um estilo de vida saudável. Kucinski (2000) diz que o jornalismo, por se configurar enquanto uma das mais importantes formas de garantir o exercício da cidadania, assume um papel importante dentro da saúde, potencializando a melhoria da qualidade de vida da população.

Pessoni (2015) aponta que a saúde enquanto tema no jornalismo ocupa cada vez mais espaço, devido ao seu apelo social e humano e ao fato de trazer consigo diversos critérios de noticiabilidade. Além disso, o autor ressalta a importância da divulgação de informações enquanto recurso na promoção de saúde — desde a prevenção a tratamentos — e na garantia de direitos aos cidadãos. Para Lopes et al. (2013) o jornalismo se enquadra enquanto o meio principal de informações sobre a saúde, afetando diretamente a visão dos leitores. Assim, esse ramo assume um papel central na sensibilidade do público em relação ao assunto.

Levando em conta a relevância do jornalismo de saúde e sua presença constante nas pautas, é natural o crescimento da área e a tendência das agências de comunicação de aderir à uma agenda específica de saúde (Vasconcelos, 2005). Magalhães, Lopes e Costa-Pereira (2017) reforçam a utilidade do jornalismo de saúde na educação da população sobre as temáticas do ramo da saúde, destacando o jornalismo como uma lente com a qual a sociedade enxerga e assimila os assuntos. Mega e Silva (2019) reiteram a função de compartilhar dados sobre doenças e hábitos saudáveis, mas indicam, também, a vertente de construção de pautas ligadas à judicialização da saúde, que diz respeito ao que já foi apontado nos parágrafos anteriores, focando em informações para a garantia e, até mesmo, ampliação dos direitos à saúde.

Indo ao encontro desse pensamento, Azevedo (2012) complementa que o jornalismo de saúde garante ao público uma autonomia para exercer a sua cidadania. A autora conclui que o jornalista dessa vertente assume a responsabilidade de manter os temas da saúde em destaque, influenciando a opinião pública e podendo gerar transformações sociais. Outro aspecto destacado por ela como proveniente do jornalismo de saúde é a literacia de saúde.

A OMS (1998) define o termo como a capacidade de acessar, compreender e fazer uso das informações referentes à saúde. Assim, trata-se de um processo que garante ao público uma sensação de empoderamento ao dotá-lo do conhecimento necessário para atuar em benefício da sua saúde. Magalhães et al. (2017) fazem uma revisão literária sobre a literacia em saúde e percebem que há uma evolução no seu entendimento, indo de apenas uma compreensão básica sobre saúde para não só a assimilação das informações, mas a possibilidade de acessá-las e, principalmente, de agir sobre elas.

As potencialidades que o jornalismo de saúde representa na sociedade, portanto, são muitas e o tornam um aspecto fundamental para uma qualidade de vida dos cidadãos, porém, a área também apresenta limitações e enfrenta barreiras para a sua plena funcionalidade (Vasconcelos, 2005). O primeiro fator a ser destacado é que esse ramo, para uma maior profundidade e credibilidade daquilo que é divulgado, é dependente de fontes especializadas — profissionais das diversas áreas da saúde — que possuem um discurso, muitas vezes, excessivamente técnico, o que dificulta a compreensão do público. Assim, o jornalista tem o difícil papel de decodificar o que é dito sem esvaziar o sentido das informações (Lopes et al., 2013; Vasconcelos, 2005).

Em um aspecto semelhante, Azevedo (2012) também fala sobre os termos técnicos que, muitas vezes, podem ser incompreendidos ou, até mesmo, mal utilizados. Ela também fala sobre o atual excesso de vozes que falam sobre saúde. Isso se evidencia ainda mais com o crescimento das redes sociais, em que diversas pessoas especializadas em saúde — e, às vezes, até pessoas sem formação na área — podem criar espaços para divulgar informações ou opiniões sobre temas de saúde. Com isso, a autora argumenta que o jornalista deixa de ser o único a fazer esse papel e pode transformar-se em mediador das inúmeras informações, a fim de filtrá-las e divulgar aquilo que é, de fato, correto e relevante.

Magalhães et al. (2017) concluem que, tendo em vista os diversos desafios que surgem como consequência das diferenças de linguagem entre os profissionais da saúde e os profissionais da comunicação, deve ser priorizada a cooperação entre os dois ramos, focando sempre em

favorecer o alvo final, que é o cidadão que recebe as informações. Outra barreira apontada pelos autores é a superação da tendência — advinda de outras áreas do jornalismo — de prezar pela neutralidade nas informações. No campo da saúde é importante que seja priorizada uma ótica explicativa, educativa e interpretativa, garantindo o acesso à saúde através da divulgação e esclarecimento de noções de prevenção de doenças, adoção de hábitos mais saudáveis e a garantia dos direitos constitucionais.

Com o cenário pandêmico da Covid-19, observou-se o jornalismo assumindo, também, um papel interventivo. Sobre isso, Lopes, Araújo, Magalhães e Sá (2020) argumentam que os jornalistas se constituíram como mais uma frente de combate à pandemia e foram cruciais na viabilidade dos momentos de confinamento em Portugal. Os autores sustentam que apenas a partir de uma noticiabilidade centrada em fatos foi possível a realização da quarentena por grande parte da população. Varão e Ferreira (2020) possuem uma visão semelhante de um jornalismo mais interventivo e argumentam que no Brasil, em meio a um conturbado cenário político de combate à doença, os jornalistas tomaram para si o compromisso e a responsabilidade de levar à população as informações necessárias. Ainda no cenário pandêmico, Gomes (2020) reafirma a crucialidade de uma transmissão de informações fiáveis, mas ressalta que deve haver um preparo da população para distinção daquilo que, de fato, é plausível e o que deve ser descartado, retomando o conceito de literacia aqui apresentado anteriormente.

Já em relação ao cotidiano profissional, Ruão et al. (2012) elencam alguns desafios que os jornalistas enfrentam. Entre eles, destacam-se dois. O primeiro é o desencontro entre o tempo da ciência e o tempo do jornalismo, pois enquanto na produção de notícias e reportagens preza-se muito pelo imediatismo, os saberes científicos na área da saúde nem sempre conseguem acompanhar o ritmo. O outro ponto especificado pelas autoras é a dificuldade de noticiar certas pautas — especialmente ao tratar de doenças — sem alarmar excessivamente o público, mas, também, sem reduzir a sua importância, exigindo um equilíbrio do jornalista. É importante ressaltar, entretanto, que em momentos pandêmicos, como o vivido atualmente com a Covid-19, esse equilíbrio se torna ainda mais crucial, mas, também, mais difícil.

Nota-se, em vista dos pontos aqui apresentados, que o jornalismo de saúde não é isento de adversidades. E, justamente por se tratar de uma área que tem grande influência social, essas devem ser sempre atentamente observadas para que possam ser superadas. Pessoni (2015) chama atenção para a responsabilidade que o jornalista de saúde deve assumir no seu dia-a-dia, buscando capacitar-se constantemente e prezando sempre por uma visão muito crítica daquilo

que escolhe noticiar, tendo sempre em conta que as suas informações podem afetar a saúde de seus leitores. Lopes et al. (2013) enfatizam a influência que o jornalismo de saúde tem nos cidadãos e alertam para o cuidado na cobertura dos temas, para que esteja sempre de acordo com dados corretos e confiáveis, preze pela prudência na transmissão das informações e seja completa. Uma comunicação que não siga esses critérios pode gerar ideias de saúde incorretas na população, afetando a maneira que se relacionam com os profissionais da área, com os sistemas de saúde e, até mesmo, com seus próprios corpos.

Por fim, é evidente a importância que o jornalismo assume dentro do campo da comunicação em saúde. Mesmo com as suas limitações e com os diversos desafios que podem dificultar a atuação na área, a cobertura dos temas de saúde, quando feita de forma correta e responsável, pode trazer inúmeros benefícios e acarretar transformações em níveis individuais e sociais, devido a possibilidade de tornar mais acessíveis — não só demograficamente, mas também na explicação e facilitação de termos e saberes científicos — os conhecimentos acerca de doenças, de métodos de prevenção, de adoção de hábitos mais saudáveis e da divulgação dos direitos de saúde que muitos não tem ciência que possuem.

2.3 Problemas da comunicação em saúde

Considerando tudo o que já foi colocado até aqui, fica evidente que a comunicação em saúde se configura de maneiras diversificadas e tem um grande potencial de impactar positivamente a sociedade também em diversas formas. Entretanto, não deve ser criada uma ilusão de que todas as ações comunicacionais na área vão ser sempre bem sucedidas e livres de riscos ou problemas. Assim, é importante elencar alguns pontos que devem ser problematizados nesse cruzamento entre a comunicação e a saúde.

O primeiro aspecto a ser observado é o risco do processo denominado instrumentalização da comunicação. Araújo e Cardoso (2019) comentam sobre a questão e falam que, mesmo com as evoluções na área, a comunicação ainda é majoritariamente vista pela sua face instrumental, que consiste em enquadrá-la como um grupo de métodos e técnicas utilizados a fim de alcançar o objetivo de transmitir alguma informação. A princípio essa visão parece ser inofensiva e, até mesmo, muito natural. Entretanto, o problema está no fato de que, muitas vezes, existe uma

tendência de simplificar o processo comunicacional a uma equação muito simples em que basta seguir as técnicas consideradas corretas e os meios adequados que o público vai assimilar perfeitamente a mensagem e o objetivo será cumprido. Há, portanto, uma desconsideração de diversos aspectos – como os contextos sociais e individuais – que não podem ser ignorados. Esse processo de instrumentalização da comunicação acaba indo contra aquilo que já foi apresentado por Godói (2006) e Pinto-Coelho (2013) de que o entendimento da saúde evoluiu e, atualmente, vai muito além de uma simples dicotomia entre “estar saudável” e “estar doente”. Sendo assim, da mesma forma como houve um processo de aprofundamento no entendimento da saúde, a comunicação aplicada na área deve, também, se aprofundar e englobar diversas variáveis que precisam ser levadas em consideração.

Sobre isso, o Instituto Nacional do Câncer (INCA), em uma das publicações trimestrais em 2007¹⁴, diz que essa propensão de instrumentalização é muito simplista e precisa ser superada, pois há uma limitação do processo como a fácil transmissão de informação entre um emissor e o receptor e menospreza todas as outras partes do processo. O INCA também complementa que esse hábito é fruto de um modelo “campanhista” na saúde em que a comunicação é apenas um instrumento para a mudança de comportamentos e em que há um discurso único e centralizado. Kunsch (2018) vai ao encontro dessas ideias e diz que nas ações de comunicação, de fato, existe o costume de subestimar a complexidade e as adversidades do processo e do ambiente social, sendo priorizada a crença de que basta haver um bom planejamento para que a comunicação seja eficaz e atinja a finalidade.

Ainda a respeito dos riscos da instrumentalização, Pinto-Coelho (2013) fala que comumente há a elevação dos conhecimentos científicos a um patamar superior e a representação da população em geral como ignorante e apática, o que obviamente tem como consequência a secundarização ou mesmo exclusão da voz e saber leigos. Assim, a fácil solução para os problemas de saúde é utilizar os processos comunicacionais para que as pessoas tenham contato com a informação ou a mensagem correta e, assim, um estado de saúde será atingido. A autora explica, portanto, que há uma tendência de a comunicação ser vista enquanto terapêutica, em que, assim como apontado pelos demais autores acima, basta seguir a prescrição de uma comunicação devidamente planejada e de acordo com a metodologia correta por quem “sabe”, ou seja, é visto como detentor do conhecimento correto, que os problemas serão resolvidos.

¹⁴ Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/rede_cancer_2.pdf

Outra questão problemática da comunicação em saúde, que está muitas vezes fortemente ligada com a instrumentalização, é a comunicação enquanto uma via de mão única, seguindo um modelo tradicional entre um emissor e receptor. Araújo e Cardoso (2019) também comentam sobre isso, evidenciando que, apesar da modernização nos processos comunicacionais devido ao aumento das tecnologias e o surgimento e crescimento das redes sociais, ainda há uma concentração do poder de fala que exclui uma grande parcela da população. Por isso, a comunicação deve ser entendida não como uma transmissão linear e sistemática de informações, mas uma relação complexa e cheia de nuances e divergências. Os autores argumentam que esse comportamento esvazia a profundidade da comunicação e, também, que ao excluir as diversas outras vozes na sociedade, há uma ameaça ao direito básico de se comunicar. Portanto, a comunicação envolve diversas vozes, dimensões, vivências e experiências, e, por isso, deve ter uma perspectiva relacional e plural.

Reforçando esse ponto de vista, Coriolano-Marinus et al. (2014) expõem que são feitas muitas críticas a esse estilo monológico e unidirecional de comunicação, pois partem do princípio que a população é vazia de conhecimentos e que cabe à comunicação, a partir do envio direto de informações, preenche-la. Nassar (2012) concorda que há uma verticalização comunicacional, em que não existe uma troca de saberes, mas apenas o processo de fornecer conhecimento. A autora destaca, também, outra questão intrínseca à comunicação monológica, que é a hierarquização da comunicação. Com essa prática, o fluxo de informações que deveria empoderar a sociedade pode acabar por apenas inibi-la.

O INCA (2007) argumenta que, em vista disso, deve ser priorizada uma comunicação focando a promoção da saúde e reforçando um caráter comunitário. Ao dar maior enfoque às diversas comunidades na sociedade é possibilitada uma prática mais dialógica, inclusiva e abrangente, fortalecendo a autonomia cidadã e potencializando a participação social. Em uma visão semelhante, Araújo e Cardoso (2019) defendem a descentralização da produção de materiais e campanhas comunicacionais, a fim de aproximar o que for produzido das diversas realidades presentes na sociedade. As autoras deixam claro que prezar pela descentralização não significa tirar a responsabilidade de comunicar saúde das autoridades ou das organizações com maior influência socialmente, mas garantir que essa comunicação leve em conta as vozes dos diversos indivíduos e grupos sociais nos processos de criação, a fim de possibilitar uma comunicação muito mais abrangente e plural. Desse modo a informação será não apenas circulada, mas, de fato, compreendida e apropriada pelas pessoas e grupos.

Também é válido ressaltar outro aspecto problemático: a comercialização da saúde. Gomes (2012) mostra que é possível observar, ocasionalmente, um afastamento da comunicação da promoção da saúde e uma priorização de vender a saúde enquanto mercadoria. Pessoni (2015) adiciona que a saúde, por ser um tópico que chama a atenção do público, muitas vezes passa por um processo de espetacularização, com um enfoque sensacionalista objetivando apenas garantir uma audiência.

Por fim, é importante ressaltar um último ponto. Apesar da comunicação e a saúde possuírem uma atuação conjunta crescente — mesmo com os riscos e imperfeições — e serem vistas como aliadas, há uma tendência contrária no meio acadêmico que assume uma visão oposta e coloca a comunicação como uma possível inimiga da saúde. Nesse aspecto, Pinto-Coelho (2013) explica que os agentes comunicacionais deixam de ser vistos como aliados, por exemplo, quando há a divulgação de produtos ou serviços que são frequentemente colocados como prejudiciais à saúde, ou pelo fato de a mídia divulgar informações que podem ser consideradas inconsistentes e imprecisas. A autora ressalta, entretanto, que o conhecimento produzido na área das Ciências da Saúde, tal como em outros domínios, está em constante transformação e evolução. Por isso, é possível que uma informação dada como certeza hoje, amanhã seja abandonada. Basta evocar o ambiente atual da pandemia Covid 19 para constatar a presença dessas incertezas científicas e sobretudo das dificuldades que a sociedade tem em lidar com as mesmas, apesar da incerteza fazer parte da própria natureza do conhecimento científico, como é conhecido.

Conclui-se, enfim, que a relação entre a comunicação e a saúde é extremamente complexa, sendo muito claro, com os argumentos aqui apresentados, que ainda há muitas falhas nessa dinâmica. Entretanto, os problemas e riscos que foram listados não devem ser utilizados enquanto pretexto para justificar o cancelamento da parceria entre a comunicação e a saúde, mas, sim, para buscar a sua evolução. Esse campo possui um potencial imenso de transformação social e deve crescer constantemente, para que não só haja uma redução em doenças que podem ser evitadas com o acesso à informação e mudança de comportamentos nocivos à saúde, mas, principalmente, para que a sociedade seja dotada de empoderamento, tanto para buscar os seus direitos por saúde, quanto para ter mais autonomia na adoção de um estilo de vida mais adequado e saudável.

3. Metodologia

3.1 Pesquisa Quantitativa X Qualitativa

Tendo traçado uma base teórica para as questões centrais deste trabalho, é fundamental, também, traçar o percurso metodológico que foi seguido. Sendo assim, a primeira questão a ser definida é a respeito da abordagem usada na pesquisa. De modo geral, duas abordagens se destacam e serão aqui analisadas: a quantitativa e a qualitativa.

Discorrendo sobre a pesquisa quantitativa, Silva, Lopes e Junior (2014) falam que o aspecto mais frequentemente associado a esse tipo de abordagem é a presença de dados numéricos. Os autores argumentam que, apesar de ser uma associação óbvia, é uma relação correta. Entretanto, não é o único aspecto que deve ser levado em consideração para a realização deste tipo de pesquisa. Outro fator básico e crucial apontado por eles é a delimitação muito bem definida do problema a ser investigado e a presença de dados e teoria para fundamentar aquilo que será estudado.

Ainda sobre a pesquisa quantitativa, Mussi, Mussi, Assunção e Nunes (2019) afirmam que esta busca, através de dados representativos e objetivos, tratar de fenômenos reais. Além disso, há um foco majoritário naquilo que é interesse coletivo, não sendo uma pesquisa focada no individual. Sendo assim, os autores argumentam que, apesar da pesquisa quantitativa talvez não ser capaz de solucionar ou esclarecer de forma completa os problemas sociais, ela pode revelar dados e informações valiosas para uma futura interpretação.

Já a respeito da pesquisa qualitativa, Gil (2021) diz que considerá-la apenas como a pesquisa que lida com dados não numéricos é uma visão simplista e que reduz sua complexidade. Com isso, ele diz que é uma abordagem fundamentalmente interpretativa e que possibilita o estudo em profundidade de casos, fenômenos, situações, pessoas, organizações. O autor também argumenta que a sua utilização se deve à dificuldade de alcançar resultados através de técnicas quantitativas em determinados campos e fenômenos e que é muitas vezes utilizada para explorar campos e ideias ainda não muito bem definidos.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Silveira e Córdova (2009) mostram que, ao contrário da quantitativa, não há uma preocupação com a representação a partir de números e dados, mas

há um foco em aprofundar na compreensão de algum público – grupo ou indivíduo. Desse modo, o objetivo é entender e explanar o porquê das coisas, mas sem a quantificação das descobertas, tratando-se de dados não métricos. Por fim, os autores concluem que a finalidade da pesquisa qualitativa é absorver e interpretar aspectos reais que não podem ser quantificados, como as dinâmicas das relações sociais. Mussi et al. (2019) vão ao encontro desse pensamento e apontam que a abordagem qualitativa permite ao pesquisador explorar situações que os números são incapazes de resolver.

Israel (1996) agrega ao que já foi aqui apresentado e expõe que a pesquisa qualitativa, através das suas diferentes técnicas exploratórias e interpretativas, serve como decodificadora de fenômenos complexos do mundo social. Usando a pesquisa em saúde mental como exemplo, Flick (2009) alega que, a partir da abordagem qualitativa, é possível explorar a variedade de perspectivas do objeto de estudo e os atores sociais relacionados ao mesmo, levando em consideração a diversidade de pontos de vistas. Para o autor a subjetividade – do pesquisador e do público estudado – torna-se parte da pesquisa.

Sendo explorados os conceitos das duas abordagens, optou-se pela utilização de ambas, em conjunto, para a construção desta pesquisa. Por tratar-se de um fenômeno social complexo – a saúde mental dos universitários – a pesquisa qualitativa se apresenta como um caminho mais lógico. Entretanto, percebeu-se que a utilização de técnicas quantitativas poderia enriquecer a compreensão desse assunto tão abrangente. Sobre essa junção, Bauer, Gaskell e Allum (2008) afirmam que, dentro de um estudo aprofundado de acontecimentos sociais, um pluralismo metodológico surge como necessidade e argumentam que ambas as abordagens podem ser potencializadas quando utilizadas em conjunto. Flick (2009) reforça que as pesquisas quantitativa e qualitativa não são incompatíveis ou excludentes e complementa que, quando combinadas de forma adequada, podem oferecer uma visão mais ampla do problema estudado.

3.2 Revisão bibliográfica

Sendo, portanto, definida a abordagem da pesquisa, é necessário, em seguida, delimitar o método norteador para o trabalho. Para o tema aqui explorado, optou-se por dois métodos

principais. O primeiro deles foi a revisão ou pesquisa bibliográfica. Em uma definição simples, Macedo (1995) diz que essa revisão serve como uma espécie de varredura daquilo que já foi estudado para que não haja uma repetição desnecessária de conteúdos. Já Sordi (2017) afirma que esse método serve como evidência de que o pesquisador está a par dos conhecimentos relacionados ao tema de estudo e diz que a definição de conceitos e teorias é uma etapa fundamental para a realização de uma pesquisa.

Flick (2019) reforça que o pesquisador precisa buscar, de forma sistemática e recorrente, outras pesquisas já realizadas no seu campo de interesse. Esse hábito pode gerar três efeitos principais: servir como inspiração ao pesquisador sobre quais caminhos trilhar em sua própria pesquisa; evidenciar aquilo que já vem sendo estudado, qual foco normalmente é dado e quais áreas do tema são normalmente deixados de lado; e servir como base para a argumentação do autor, fundamentando suas ideias e objetivos.

Em uma visão mais ampla, Stumpf (2006) explica que a revisão bibliográfica deve ser a etapa primária de qualquer trabalho categorizado enquanto pesquisa. Para a autora, essa etapa não consiste apenas em procurar, identificar e selecionar uma base bibliográfica de qualidade e relevante ao assunto pesquisado, mas inclui a elaboração de um texto em que será organizada e apresentada a literatura que foi consultada e analisada, servindo, também, para que o pesquisador possa apresentar seus próprios argumentos e ideias, mas de forma fundamentada. Dessa forma, a autora conclui que o trabalho de pesquisa bibliográfica deve estar presente em todo o trajeto da pesquisa.

A revisão bibliográfica, portanto, foi um dos métodos norteadores desta pesquisa e foi utilizada em diversas etapas. Foi feita a leitura aprofundada de diversos textos, de variados autores, em diferentes temas: saúde mental, saúde mental na juventude, saúde mental na universidade, comunicação e saúde, comunicação e saúde mental, metodologias de pesquisa. A partir desse processo de leitura, foi possível delimitar os autores e conhecimentos mais relevantes para a construção da pesquisa e que serviram como fundamentação teórica para todo o percurso deste trabalho.

3.3 Estudo de caso

O segundo método escolhido para nortear a pesquisa foi o estudo de caso. Em relação à sua definição, Ventura (2007) afirma que é uma tarefa muito difícil, pois trata-se de um método muito amplo e que é utilizado de diferentes maneiras, podendo ser utilizado tanto na abordagem qualitativa quanto na quantitativa — como é o caso deste trabalho —, além ser aplicável nas mais diversas áreas. Entretanto, em uma definição mais sucinta, a autora diz que o estudo de caso tem o objetivo de investigar casos mais específicos que, dentro de uma delimitação de espaço e tempo, podem trazer informações — mesmo que circunstanciais — de um contexto mais largo.

Em uma visão semelhante, Godoy (1995) diz que o estudo de caso é caracterizado como uma modalidade de pesquisa em que o objeto de estudo é uma unidade específica — um indivíduo, um local, uma situação — que é analisada de forma profunda e detalhada. Para essa análise podem ser utilizadas informações variadas de diferentes fontes e através de diferentes técnicas, recolhidas em momentos diferentes na trajetória da pesquisa. Além disso, o autor também afirma que o estudo de caso, apesar de ser um método tradicionalmente qualitativo, pode também possuir características quantitativas.

Também a respeito do método, Yin (2015) diz que o seu uso é recomendado especialmente para pesquisas que têm como problema central algum fenômeno social, indo desde entender como e por que esse fenômeno ocorre até a tentativa de descrevê-lo e caracterizá-lo de forma mais aprofundada e detalhada. O autor complementa que o estudo de algum caso específico pode gerar uma visão holística de algum fenômeno. Entretanto, ele alerta para o fato de que, por ser um método que analisa — mesmo que de forma extremamente aprofundada e detalhada — um caso específico para tentar compreender uma situação maior, os resultados, apesar de permitirem uma generalização, não podem servir como determinante para todo um universo de pesquisa, servindo apenas como uma referência.

Considerando a amplitude do tema de pesquisa (a saúde mental na universidade) e entendendo que se trata de uma amostra extremamente extensa e com inúmeras variáveis, optou-se pelo estudo de caso como uma forma de tentar esclarecer, a partir de uma universidade específica, a questão central da pesquisa. Desse modo, apesar da noção da limitação do estudo e que o mesmo não pode ser usado enquanto regra universal para todos os ambientes universitários, a determinação de um caso específico permite um maior detalhamento e

profundidade na análise, oferecendo resultados mais ricos. Sendo assim, foi escolhida a Universidade de Brasília (UnB) como a instituição a ser estudada, pela sua relevância não apenas no Brasil, mas na América Latina, e por possuir um trabalho extenso de cuidado com a saúde mental de seus estudantes — mais detalhes sobre a Universidade serão apresentados posteriormente.

3.4 Pesquisa documental

Dentro do método do estudo de caso, foram definidas algumas técnicas para recolher e analisar as informações pertinentes a esta pesquisa, especialmente a respeito da UnB. A primeira técnica utilizada na pesquisa empírica — como forma de recolha de dados — foi a pesquisa documental.

De acordo com Moreira (2006) essa etapa consiste, basicamente, em identificar, selecionar, verificar e, por fim, apreciar documentos convenientes para um objetivo pré-determinado. A autora diz que esse tipo de pesquisa pode ser enquadrado como método ou técnica. Para os fins deste trabalho foi utilizado enquanto técnica, sendo utilizado de forma complementar com outras técnicas para reunir e estudar dados.

Gonçalves (2004) acrescenta que a pesquisa documental engloba os mais diversos tipos de documentos, desde escritos — revistas, jornais, livros, publicações governamentais, testamentos, diários, cartas, transcrições — até mesmo não escritos — esculturas, quadros, pinturas, construções arquitetônicas, filmes, programas de televisão ou rádio, sites, gravações. Portanto, são inúmeras as possibilidades dentro desta modalidade de pesquisa. O autor aponta, também, uma característica da pesquisa documental que é vista tanto como vantagem quanto como possível desvantagem: os documentos selecionados foram elaborados sem nenhuma participação do pesquisador. Essa característica representa uma vantagem no sentido de que há uma imparcialidade do pesquisador em relação ao documento e uma vasta disponibilidade de informações a serem verificadas, pois tudo ali é novo perante a pesquisa. Entretanto, pode ser também desvantagem justamente pelo fato de os documentos pesquisados não terem sido feitos conforme às necessidades da pesquisa, ou seja, muitas vezes não corresponderão às expectativas

e acabarão sendo descartados. Por fim, Gonçalves alerta para o cuidado em verificar minuciosamente a autenticidade dos documentos.

Ainda a respeito da pesquisa documental, Godoy (1995) diz que frequentemente se reduz o trabalho de uma pesquisa apenas a técnicas de contato direto com outras pessoas, deixando de lado os documentos, que podem trazer uma extensa riqueza de informações. Além disso, o autor argumenta que os documentos se caracterizam como fontes não-reativas, ou seja, as informações que eles transmitem são estáveis e não possuem o risco de mudança de comportamento ou de opinião. Godoy também reforça a desvantagem apontada por Gonçalves (2004) de que, por não terem sido produzidos com o propósito de oferecer dados a uma pesquisa, os documentos podem ser limitados ou até possibilitar vieses. Ademais, o autor indica o uso da pesquisa documental quando a pesquisa tem como objetivo estudar algum período de tempo mais abrangente, possibilitando a identificação de padrões — ou quebra de padrões — dentro de um fenômeno.

Portanto, decidiu-se utilizar a pesquisa documental como uma das técnicas de recolha de dados para perceber de que forma a UnB comunica — ao longo dos anos — a temática da saúde mental. Sendo assim, após uma verificação preliminar dos canais de comunicação da instituição, o site UnB Notícias destacou-se como um espaço de relevância e foi utilizado como local de busca, agrupamento e, posteriormente, análise de documentos que enriqueceram a discussão do trabalho.

3.5 Questionário

A segunda técnica escolhida para complementar a metodologia já realizada foi o questionário. Gil (2019) define a técnica como uma forma de investigação que é constituída por um grupo de perguntas que são direcionadas a diferentes pessoas — determinadas a partir do propósito de cada pesquisa — com o objetivo de recolher seus dados pessoais — a fim de delimitar um perfil dos respondentes — e, principalmente, suas impressões e opiniões sobre os mais variados assuntos. Por permitir o contato com diferentes pessoas e, conseqüentemente, ter a possibilidade de gerar múltiplas perspectivas, o autor considera o questionário como uma técnica essencial para a recolha de dados para levantamentos a respeito de grupos. Sobre a sua

elaboração, Gil afirma que, de forma muito sucinta, as questões pensadas devem ser reflexo direto dos objetivos traçados para a pesquisa. Se assim for, as respostas obtidas possibilitarão o teste das hipóteses construídas, além de enriquecer as percepções sobre o público escolhido para ser estudado.

De forma bastante similar, Richardson (2017) destaca algumas das possibilidades a partir das informações recolhidas da aplicação de um questionário: caracterizar e categorizar as pessoas participantes ou, até mesmo, um grupo de pessoas com a junção das respostas individuais; analisar mais profundamente o comportamento dos respondentes perante algum fenômeno social; entender e comparar as opiniões e percepções dos participantes em relação ao assunto que está sendo estudado.

O questionário, portanto, foi a segunda técnica de recolha de dados utilizada no trabalho. A partir das impressões consequentes da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, surgiram novos questionamentos referentes ao tema e a UnB e seus estudantes. Então, traçaram-se alguns objetivos que pretendia-se alcançar com a aplicação do questionário e foram elaboradas perguntas que possibilitassem esse processo.

Como forma de amostragem para o questionário, optou-se por uma amostra não probabilística. Vinuto (2014) diz que esse tipo de amostragem é utilizado quando não é possível estabelecer a probabilidade que cada indivíduo da população alvo da pesquisa tem de participar do questionário, sendo utilizado em casos de grupos com difícil acesso. O problema desse tipo de amostra é que, justamente por não possibilitar cálculos estatísticos, as respostas obtidas não podem ser consideradas representativas em relação à população geral. Como foram escolhidos como público-alvo para o questionário os estudantes de graduação da UnB, seria muito difícil utilizar alguma forma de amostragem probabilística, considerando que são mais de 39 000 estudantes e não está tendo nenhuma atividade presencial na instituição em decorrência do Covid-19, dificultando ainda mais o alcance.

E como tipo específico de amostra utilizou-se um modo similar à amostra em bola de neve. Vinuto (2014) diz que a mesma acontece quando são localizados alguns indivíduos — chamados de sementes — que correspondem às características definidas para participação na pesquisa, e, após responderem o questionário, pede-se que esses mesmos indivíduos indiquem a pesquisa para outras pessoas que também se enquadram nas características determinadas.

Então, utilizou-se o Google Forms para a formulação do questionário com 18 perguntas — divididas em 3 partes — definidas para possibilitar um maior entendimento da percepção dos estudantes de graduação da UnB — sendo estes o público-alvo da pesquisa — a respeito da relação da saúde mental com a vivência universitária e a respeito dos canais e produtos de comunicação da instituição. A maior dificuldade — que acabou se tornando a maior limitação — foi conseguir um número significativo de estudantes que participassem do questionário, especialmente pelo fato da Universidade estar fechada e pela amplitude da população — mais de 39 000 estudantes. Utilizou-se, portanto, um método similar ao da bola de neve e foram abordados alguns estudantes de graduação da UnB dentro da rede de contatos pessoais e pediu-se que eles divulgassem o questionário para mais conhecidos e assim respectivamente. Além disso, utilizou-se a lista de contatos disponível no portal da UnB¹⁵ para entrar em contato com todos os departamentos e faculdades para pedir ajuda na divulgação da pesquisa.

3.6 Entrevista

Para finalizar a recolha de dados, a fim de esclarecer alguns pontos e questionamentos que surgiram a partir da pesquisa documental e do questionário, optou-se pela entrevista. Gil (2019) fala que dentro do campo das pesquisas sociais a entrevista se configura como uma das mais importantes técnicas para coletar informações. O autor ainda opina que é uma técnica que funciona de forma curiosa pela sua relação social singular em que dois indivíduos — normalmente desconhecidos — interagem por um período de tempo para depois não se falarem mais. Entretanto, o autor diz que é justamente dessa dinâmica que torna a entrevista tão produtiva, pois o fato de o pesquisador não fazer parte da vida do entrevistado — e vice-versa — torna a conversa mais imparcial e, muitas vezes, mais frutífera.

Dentro dessa técnica, decidiu-se utilizar a modalidade da entrevista em profundidade. Sobre esta, Duarte (2006) argumenta que uma das suas principais vantagens está no fato de que não há tanta necessidade de se restringir totalmente às perguntas pré-definidas, possibilitando uma maior liberdade tanto da parte do entrevistado — que pode abordar com mais intensidade os

¹⁵ Disponível em https://noticias.unb.br/images/Telefones_unb/mprazer.pdf

tópicos que julgar necessários — quanto para o entrevistador — que tem a possibilidade de adaptar seu roteiro conforme o ritmo da conversa. Portanto, o foco aqui não é uma representação estatística, mas a profundidade nas respostas. Sendo assim, não se objetiva entender quantas pessoas pensam tal coisa sobre algum fenômeno, mas, sim, compreender como elas — do seu ponto de vista individual — percebem tal fenômeno.

O autor defende, então, que a riqueza da entrevista em profundidade está justamente na subjetividade das perspectivas dos entrevistados, diversificando e enriquecendo a visão sobre a questão da pesquisa. Sobre a aplicação da técnica em pesquisas na área da comunicação, Duarte (2006, p. 63) exemplifica que há o potencial de “entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço (...)”. Por fim, ele acrescenta que apesar de comumente serem feitas de forma individual, há abertura para a realização de entrevistas com duas fontes de forma conjunta.

Definiu-se, então, a entrevista em profundidade como uma técnica para complementar as informações para a pesquisa. A partir das percepções decorrentes das duas primeiras técnicas (pesquisa documental e questionário) surgiu a necessidade de aprofundar um pouco mais determinados aspectos e, para isso, foram planejadas entrevistas com pessoas que trabalham na UnB na área da comunicação e na organização dos serviços de apoio psicológico, possibilitando um olhar mais completo sobre a realidade da instituição.

Para as entrevistas, optou-se pelo uso da entrevista semiaberta (ou com roteiro semiestruturado). Duarte (2006) explica que as perguntas nesse modelo tentam englobar a amplitude do tema da pesquisa, sendo, portanto, construídas da forma mais aberta que for possível. Apesar da entrevista ser conduzida pelo pesquisador, é o entrevistado — a partir do seu conhecimento, da sua disposição e do comprimento e conteúdo das suas respostas — quem dita o ritmo e o rumo da mesma. Com isso, mesmo que haja um roteiro previamente definido para a entrevista, as questões pensadas podem ser alteradas, juntadas ou, até mesmo, excluídas, conforme o caminhar da conversa.

As entrevistas ocorreram de forma virtual — principalmente pelo fato dos trabalhadores da UnB estarem em regime *home office* — utilizando a plataforma Zoom, que permite a gravação das conversas para a posterior transcrição. Entrou-se em contato com profissionais de comunicação que atuam na Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília (Secom) e com profissionais

que atuam nos projetos de apoio psicológico. Assim como nos questionários, a maior dificuldade — que se tornou, também, a maior limitação — foi a dificuldade de encontrar pessoas interessadas e disponíveis para participar da entrevista.

3.7 Análise de conteúdo

Por fim, como última técnica — agora para a interpretação dos dados recolhidos — foi utilizada a análise de conteúdo. Krippendorff (2004) aponta que apesar do termo técnico ter surgido apenas no século XX, a prática da análise de conteúdo já tem sido realizada informalmente desde muito antes, especialmente com o surgimento da escrita. De maneira resumida, essa técnica apura dados e informações advindos das mais diversas formas — textos, imagens, áudios — para compreender não apenas os seus conteúdos, mas, também, os seus contextos, o que significam para os seus receptores, seus efeitos pessoais e sociais.

O autor coloca a análise de conteúdo como uma valiosa ferramenta científica que pode trazer novos significados e percepções, aprofundando o entendimento sobre determinados assuntos. Portanto, a análise de conteúdo é uma opção priorizada por muitos pesquisadores pelo seu potencial de dar significados às mais variadas fontes de informações. Por fim, o autor expõe que qualquer mensagem ou conteúdo só tem um sentido atribuído a partir da sua leitura ou consumo por alguém, e esse sentido nunca será único, ou seja, diferentes perspectivas podem ser verificadas a depender de quem está interpretando.

Bardin (2016) diz que a análise de conteúdo é compreendida, atualmente, como um conjunto de ferramentas direcionadas a variadas formas de conteúdo, mas tendo sempre um fator comum predominante com base em uma leitura dedutiva: a inferência. Assim sendo, a partir desse processo de análise, pretende-se fazer uma leitura que vai além daquela feita por um receptor “normal” — o público-alvo do conteúdo —, buscando, sempre, a partir de um olhar mais crítico e mais atento, reconhecer novos significados, buscar mensagens ocultas e, principalmente, realçar o sentido do conteúdo analisado.

A autora sistematiza a análise de conteúdo em três etapas norteadoras. A primeira delas é a pré-análise, que consiste em três objetivos principais: definir e selecionar os documentos,

textos e conteúdos que serão analisados; delimitar os objetivos e hipóteses que se pretende verificar com a técnica, apesar de o autor destacar que algumas análises são realizadas sem ideias preconcebidas, se formulando e adaptando no decorrer do trabalho; elaborar os indicadores que servirão como base para a interpretação posterior. A segunda fase é a exploração do material e consiste, basicamente, em codificar, consumir e organizar os materiais, seguindo os indicadores estabelecidos na primeira etapa. Por fim, a terceira parte é o tratamento dos resultados, que é a análise propriamente dita. Assim, nessa última fase são interpretados os materiais e dados, e as inferências feitas a partir deles são traduzidos em forma de texto explicativo.

A análise de conteúdo, portanto, foi a técnica escolhida para conferir sentido a todo o material – e, conseqüentemente, suas informações – acumulado a partir da pesquisa documental, do questionário e da entrevista. Desse modo, todas as três técnicas foram realizadas de forma concomitante com a análise de conteúdo. Sobre a combinação entre a pesquisa documental e a análise de conteúdo, especificamente, Kripka, Scheller e Bonotto (2015) dizem que uma funciona como complemento da outra, possibilitando, a partir da leitura, descrição e interpretação do conteúdo presente nos documentos, a formação de novos conhecimentos relevantes para o tema pesquisado.

Por fim, Godoy (1995) fala que a complementariedade entre diferentes técnicas permite comparar e, assim, validar ou confrontar os dados obtidos em cada etapa da pesquisa, enriquecendo os resultados. Sendo assim, ao agregar as técnicas de recolha de dados com as possibilidades da análise de conteúdo, é possível abordar de forma mais aprofundada as questões estudadas e exploradas neste trabalho.

4. Universidade de Brasília

4.1 Análise do contexto institucional

Inaugurada no dia 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília (UnB) é uma universidade pública federal localizada na capital do Brasil. A sua criação foi prevista e autorizada na Lei n° 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira foram responsáveis pela estruturação organizacional e pedagógica e Oscar Niemeyer pela estruturação física. Inicialmente, a UnB contava apenas com o campus Darcy Ribeiro, atualmente com mais de 500.000m², entretanto, a universidade tornou-se multicampi, com a adição de três novas unidades: Faculdade UnB Planaltina (FUP), Faculdade de Ceilândia (FCE) e Faculdade do Gama (FGA).

A UnB é uma instituição de ensino e de pesquisa de extrema relevância e se destaca como uma das melhores universidades não só no Brasil, mas na América Latina. De acordo com dados da avaliação *Times Higher Education*¹⁶, divulgada em julho de 2021, entre as instituições de ensino superior latino-americanas, a UnB fica com a 16ª posição, e com a 12ª entre as brasileiras. Já de acordo com os dados do QS World University Rankings¹⁷, a UnB fica com a nona posição entre as universidades brasileiras. E no Ranking Xangai¹⁸, a instituição ficou com o 7º lugar entre as nacionais e com o 4º entre as federais.

A fim de melhor compreender o perfil da UnB, serão apresentados alguns dados coletados e divulgados pela própria universidade no Anuário Estatístico 2020¹⁹, de acordo com informações relativas ao ano de 2019. Os primeiros números a serem apresentados correspondem aos componentes institucionais da UnB, permitindo uma maior noção da sua estrutura física e organizacional. Além disso, em seguida será mostrado o total de cursos oferecidos pela instituição.

¹⁶ Disponível em <https://www.timeshighereducation.com/>

¹⁷ Disponível em <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2022>

¹⁸ Disponível em <https://www.shanghairanking.com/rankings/arwu/2021>

¹⁹ Disponível em <https://anuario-estatistico-unb-2020.netlify.app/>

Componentes Institucionais	Total
Decanatos	8
Institutos	12
Faculdades	14
Departamentos	53
Centros de Pesquisa	12
Centros de Ensino e Pesquisa	4
Núcleos	36
Secretarias	4
Órgãos Complementares	6
Órgãos Diversos	10
Hospital Universitário	1
Hospital Veterinário	2
Bibliotecas	4
Fazenda Água Limpa	1
Campi	4

Tabela 1: Componentes Institucionais da UnB

Fonte: Anuário Estatístico 2020

GRAU	QUANTIDADE
Graduação - total	150
Graduação - ativos	134
Mestrado Acadêmico	82
Mestrado Profissional	11
Mestrado Total	93
Doutorado	72

Tabela 2: Total de cursos da UnB por grau

Fonte: Anuário Estatístico 2020

Percebe-se, portanto, que a UnB tem uma grande estrutura física e pedagógica. Paralelamente, a população universitária também apresenta números elevados e tem crescido anualmente:

Ano	Alunos de Graduação ¹	Alunos de Pós-Graduação ¹	Docentes ²	Técnicos-Administrativos	Total
2015	37.982	8.153	2.749	3.024	51.908
2016	37.724	7.599	2.744	3.159	51.226
2017	38.730	8.048	2.787	3.198	53.657
2018	39.610	8.435	2.818	3.171	54.034
2019	39.699	8.819	2.890	3.233	54.641

Notas:

(1) dados do 2º semestre

(2) inclui os docentes ativos permanentes, substitutos, temporários e visitantes

Tabela 3: População universitária da UnB, de 2015 a 2019

Fonte: Anuário Estatístico

Além de compreender a dimensão numérica da população universitária, é importante verificar as suas características, a fim de servir como base para comparações com os resultados obtidos no questionário. O gráfico e a tabela a seguir mostram a divisão por raça, sexo e idade dos alunos de graduação da UnB.

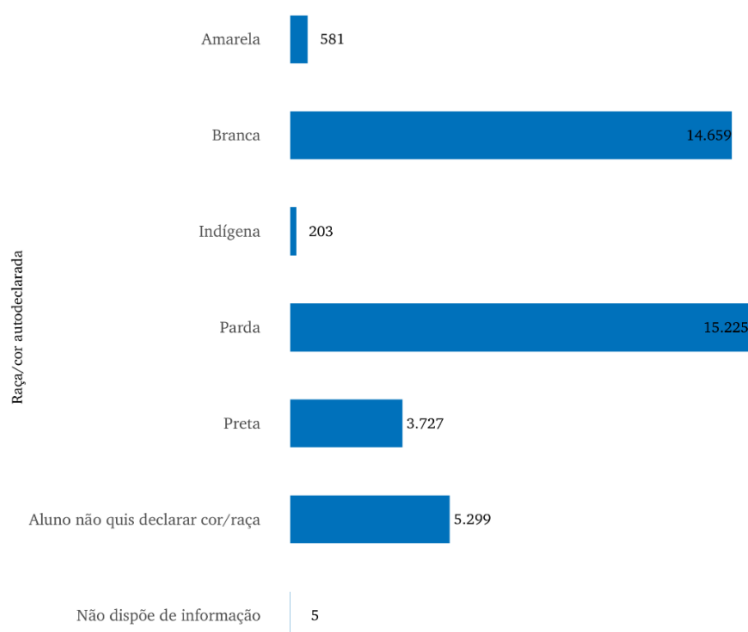


Gráfico 3: Alunos nos cursos de graduação por raça/cor autodeclarada, UnB, 2º semestre de 2019

Fonte: Anuário Estatístico 2020

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	% FEMININO	MASCULINO	% MASCULINO	TOTAL	% TOTAL
Até 18 anos	2.052	55,8%	1.626	44,2%	3.678	9,3%
De 19 a 24 anos	14.327	52,4%	13.033	47,6%	27.360	68,9%
De 25 a 29 anos	2.238	45,8%	2.653	54,2%	4.891	12,3%
De 30 a 34 anos	632	41,3%	899	58,7%	1.531	3,9%
De 35 a 39 anos	346	38,1%	563	61,9%	909	2,3%
De 40 a 44 anos	198	40%	297	60%	495	1,2%
De 45 anos ou mais	333	39,9%	502	60,1%	835	2,1%
Total	20.126	50,7%	19.573	49,3%	39.699	100%

Tabela 4: Alunos nos cursos de graduação por faixa etária e sexo, UnB, 2º semestre de 2019

Fonte: Anuário Estatístico 2020

Observa-se que a maior parte dos estudantes universitários se declaram pretos ou pardos (47,7%), enquanto a população branca representa 36,9%. Tal fato é um avanço em comparação a anos anteriores. Guimarães (2003) apresenta dados que mostram que em 2001 a quantidade de indivíduos brancos representava 63,7% dos estudantes de graduação e indivíduos pretos e pardos 32,3%. Esse aumento é fruto da adoção de políticas afirmativas para a população negra em 2004, sendo a UnB pioneira na adoção do sistema de cotas em universidades federais no Brasil. Em relação ao sexo, nota-se uma presença quase equivalente de mulheres e homens. Já levando em consideração a faixa etária, estudantes com idade entre 19 e 24 anos são a grande maioria (68,9%).

Com uma melhor compreensão da estrutura e da população da UnB, é importante, também, verificar dados relativos à saúde mental e sobre as formas de apoio que a Universidade oferece. O Jornal de Brasília divulgou dados de uma pesquisa²⁰ realizada por uma comissão da UnB em 2018. Entre os alunos de graduação foram 4026 participantes. Deste número, mais da metade afirmou ter sintomas que poderiam, eventualmente, levar ao suicídio e quase metade declarou sofrer com depressão ou ansiedade. Entre os termos apontados como fontes de sofrimento mental figuram: professores, aulas e monografia. Entretanto, apenas 11% dos

²⁰ Resultados disponíveis em <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/maioria-dos-estudantes-da-unb-apresenta-sintomas-de-problemas-como-a-depressao/>

graduandos citaram a busca por ajuda profissional como forma de lidar com as dificuldades mentais.

Adicionalmente, 637 estudantes da pós-graduação participaram da pesquisa e ofereceram a sua perspectiva sobre o assunto²¹. Quando questionados se fatores dentro da universidade desmotivam a permanência no curso, 73% dos entrevistados afirmaram que sim. Dentre os fatores para tal desmotivação, destacaram-se a “falta de bolsa, investimento, estrutura” (30%), “posicionamentos e relações com professores” (20%) e “posicionamentos e relações com orientadores” (15%). Além disso, foram elencados sintomas mentais que foram considerados relacionados ao curso e a UnB, destacando-se: ansiedade (90%), desânimo (71,60%) e irritabilidade (63,1%). Por fim, foram entrevistados também coordenadores dos cursos da Universidade e constatou-se que a maioria deles não se sentem aptos para lidar com casos de sofrimento mental dos alunos e que metade nunca recebeu pedido formal de ajuda por parte dos estudantes.

Já em relação ao momento pandêmico e seus efeitos psicológicos, o Centro de Referência sobre Drogas e Vulnerabilidades Associadas (CRR), ligado a FCE, realizou um questionário online²² e obteve 2.790 respostas, entre estudantes, professores e técnicos. 70% dos participantes afirmaram que sentiram uma piora na qualidade de vida durante o isolamento social, apesar de 12% indicarem uma melhora. Além disso, mais da metade reportou uma deterioração na satisfação consigo mesmo.

A partir dos dados aqui apresentados, infere-se que os estudantes da UnB não estão imunes aos sofrimentos mentais que podem surgir na vida universitária. Desse modo, como já apontado nos capítulos anteriores, a instituição deve assumir uma responsabilidade de oferecer meios de apoio e tratamento para aqueles em situação de vulnerabilidade psíquica. A fim de melhor compreender de que maneira a UnB tem se portado perante essa realidade, serão apresentadas algumas das formas de acolhimento psicológico disponibilizadas pela Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DASU), que é uma diretoria pensada para tratar especificamente da saúde de toda a comunidade universitária. Dentro da DASU há um foco muito grande na questão específica da saúde mental, sendo assim, serão listados aqui os programas de

²¹ Dados mais detalhados disponíveis em <http://www.anpg.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Resumo-question%C3%A1rio-2.0.pdf>

²² Resultados disponíveis em <https://www.noticias.unb.br/117-pesquisa/5044-pesquisa-aponta-impactos-na-qualidade-de-vida-da-comunidade-academica-durante-o-isolamento-social>

apoio psicológico que foram disponibilizados pela DASU no ano de 2021 e que estão disponíveis no seu site²³

Atividade	Público
Atendimento Psicológico/Psicossocial On-line, em grupo ou individual	Comunidade interna
Terapia Comunitária On-line	Comunidade interna e externa
Vínculos e Reflexões: Grupo para pessoas em luto pela perda de familiares vítimas da COVID-19	Comunidade interna e externa
Terapia de Família	Comunidade interna
Terapia de Casal	Comunidade interna
FalArte	Estudantes
Momento Acolhida	Estudantes
Diztando: escuta em tempos de pandemia	Estudantes
Grupo de Apoio Terapêutico a Jovens Atípicos	Estudantes
Orientação psicológica para os professores da UnB	Professores
Terapia de Família ou de Casal	Comunidade interna

Tabela 5: Programas de apoio psicológico da UnB

Fonte: DASU

Esses são alguns dos projetos realizados na UnB com foco na prevenção, apoio e tratamento de sofrimentos mentais. Percebe-se, portanto, que a instituição busca formas de combater os transtornos psicológicos que podem surgir durante o percurso acadêmico e oferece

²³ Disponível em <http://dasu.unb.br/atividades>

diversas abordagens – especialmente com os efeitos da pandemia - a fim de alcançar e beneficiar um maior número de pessoas.

4.2 Análise do site UnB Notícias: pautas de saúde mental

Para melhor compreender de que forma a instituição comunica as pautas de saúde mental, optou-se por analisar o site UnB Notícias. A equipe responsável pela sua manutenção é a Secretaria de Comunicação (Secom) da Universidade, que tem como parte da sua missão²⁴ o foco no interesse social. O site traz conteúdos, como notícias, reportagens, artigos de opinião e divulgação de eventos, atividades e projetos, que carregam relevância, principalmente, para a comunidade acadêmica, mas, também, para a sociedade em geral.

A análise tem como objetivo verificar alguns pontos centrais. O primeiro deles é a frequência em que o tema saúde mental aparece enquanto pauta nas publicações no site. Com isso, pretende-se perceber a importância que é dada à temática. Além disso, é importante verificar se a presença do tema se mantém frequente com o passar dos anos e se existe algum período anual em que o assunto é mais presente.

Outro ponto a ser explorado é o público-alvo das matérias, a fim de conferir se existe algum grupo específico que figura com maior regularidade ou se há uma tendência de generalização do público. Será examinado, também, qual é o enfoque dado ao tópico da saúde mental, objetivando verificar se há uma prevalência de algum subtópico. Por fim, serão analisados aspectos estruturais das publicações, averiguando o formato escolhido e a extensão.

Para encontrar os materiais para a análise foi utilizado o sistema de busca do próprio site com o termo “saúde mental” no dia 3 de agosto de 2021. Como resultado foram encontradas, inicialmente, 79 publicações em todo o acervo do site, indo de 2015 até a data aqui referida. Para fins de comparação, foi feita, também, a pesquisa apenas com a palavra “saúde” e o número cresceu para 158. Por fim, para ter uma maior noção da quantidade de publicações no site, pesquisou-se um termo neutro – “UnB” – que apresentou 548 correspondências. Após a busca inicial que resultou em 79 publicações, foi feita uma leitura preliminar de cada uma para verificar

²⁴ Disponível em <https://www.noticias.unb.br/secom>

quais, de fato, correspondiam ao termo proposto. Após um processo de eliminação de matérias repetidas ou que não tratavam sobre o assunto, o número desceu para 50. Foi feita, então, uma nova leitura mais aprofundada de cada uma das matérias, buscando os dados correspondentes às categorias que serão aqui apresentadas.

A primeira categoria foi a distribuição do número das publicações através dos anos e os resultados podem ser vistos no gráfico abaixo:

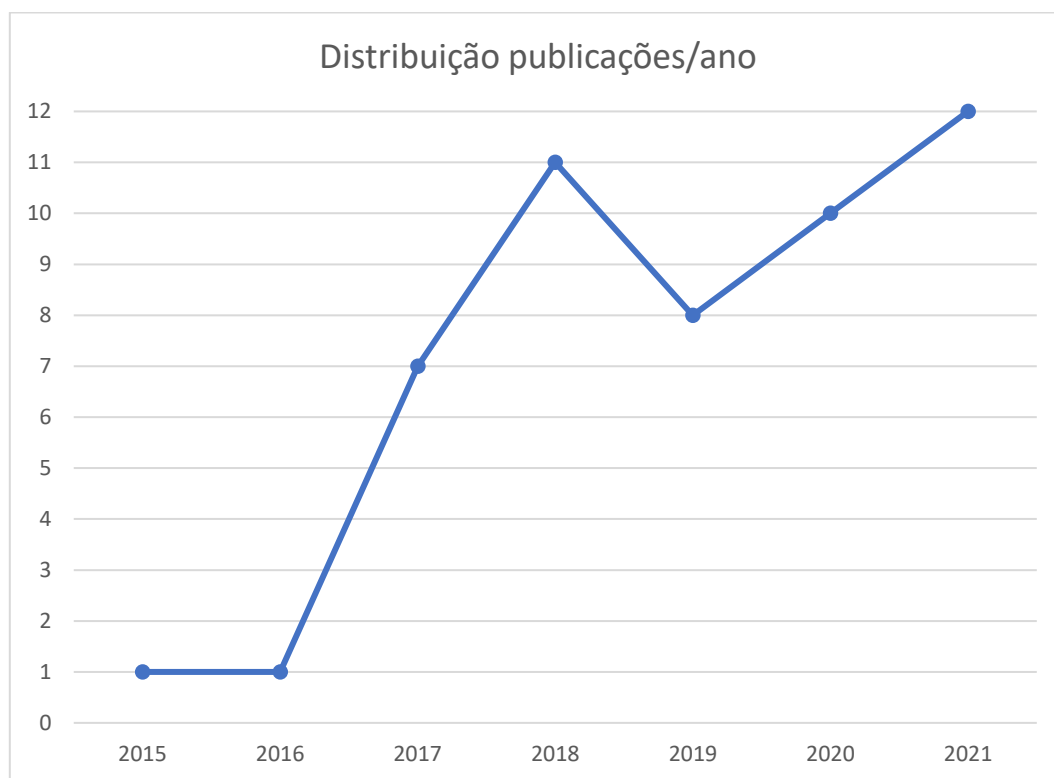


Gráfico 4: Distribuição do número de publicações através dos anos

Percebe-se que houve um aumento evidente na presença do tópico saúde mental no site. Enquanto em 2015 e 2016 foi encontrada apenas uma publicação por ano, em 2021 temos o maior número, chegando a 12 — ainda com a possibilidade de aumento do número considerando que a pesquisa foi feita em agosto. Apesar de a partir de 2017 haver uma constância relativa na produção da Secom sobre o assunto, existem explicações para um maior número de matérias em 2018 (11), 2020 (10) e em 2021 (12). Em relação a 2018, em junho daquele ano houve um caso de morte por suicídio²⁵ dentro das dependências da UnB em um horário de aula. O

²⁵ Notícia disponível em <https://www.metropoles.com/distrito-federal/morte-de-estudante-na-universidade-de-brasilia-suspende-aulas> e em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/casos-de-suicidio-motivam-debate-sobre-saude-mental-nas-universidades>

acontecimento repercutiu na comunidade acadêmica e trouxe à tona a discussão sobre a saúde mental na vida universitária, o que pode explicar uma maior presença do tópico no site.

Já em 2020 e 2021, a causa de uma maior frequência nas matérias é a pandemia do Covid-19 que se tornou uma questão de relevância na instituição desde março de 2020, quando as aulas foram suspensas²⁶ — e assim permanecem até o presente momento. A pandemia, portanto, veio acompanhada de uma crescente preocupação com os seus efeitos na saúde mental de toda a sociedade, mas, também, no contexto específico dos estudantes universitários, como já foi apresentado nos capítulos iniciais.

Além da distribuição através dos anos, foi verificado como as publicações relativas à saúde mental se organizam em relação aos meses.

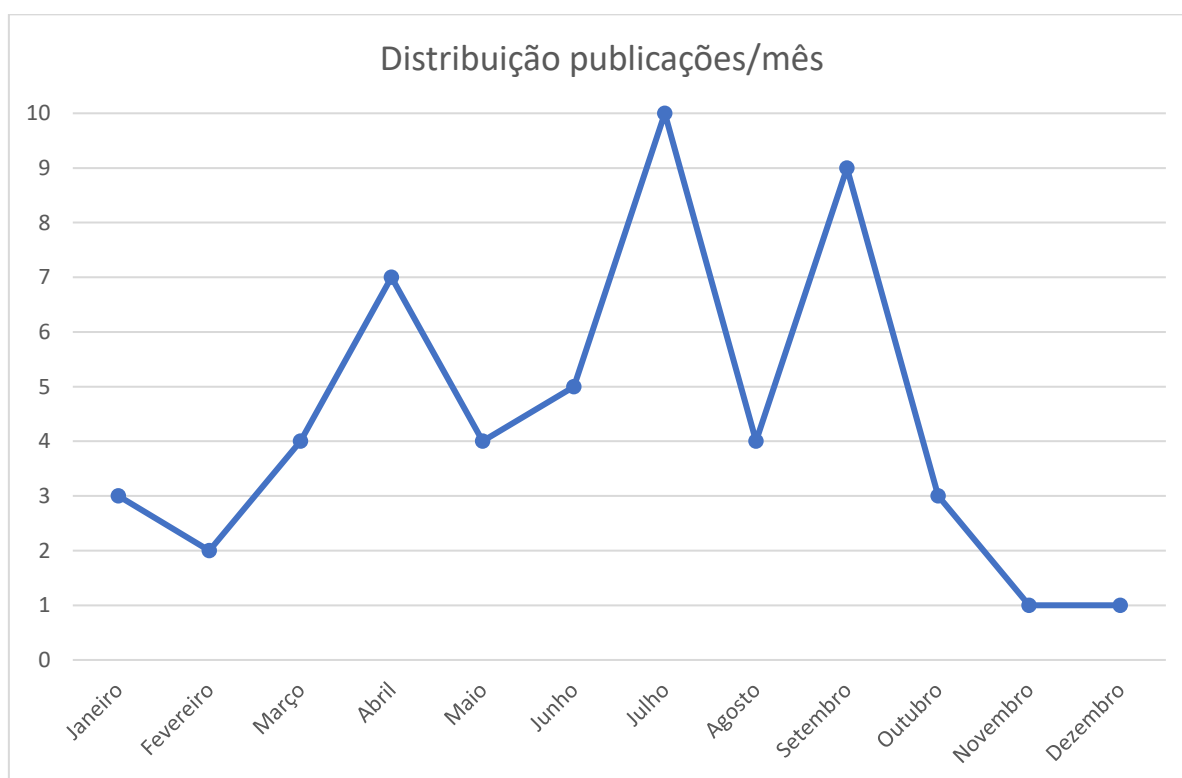


Gráfico 5: Distribuição do número de publicações através dos meses

Observa-se no gráfico que não há uma constância em relação aos meses. Enquanto novembro e dezembro possuem apenas uma publicação desde 2015, julho (10) e setembro (9) destacam-se como os meses em que há uma maior produção. Em relação a setembro, é possível

²⁶ Notícia disponível em <https://noticias.unb.br/69-informe/3996-informe-sobre-suspensao-de-atividades-presenciais-na-unb>

especular duas razões de ser o mês com a segunda maior quantidade. Primeiramente, no Brasil, há desde 2015 uma campanha chamada Setembro Amarelo, que se trata de uma ação para a prevenção ao suicídio, decorrente do fato o dia 10 de setembro ser reconhecido como o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio. Com isso, diversas organizações — governamentais e privadas — e veículos de comunicação enfatizam a saúde mental como pauta neste período. Além disso, em setembro, tradicionalmente, ocorre na UnB um evento denominado Semana Universitária, em que durante uma semana não há a realização de aulas, mas são organizadas diversas atividades para o público universitário e, também, a comunidade externa. Dentro da programação diversificada, há, normalmente, atividades com foco na saúde mental dos estudantes. Assim, surgem dois pontos centrais para a produção no mês de setembro. Já em relação a julho não houve um motivo aparente para ser o mês com mais matérias. A hipótese inicial era ser consequência de ser fim do semestre letivo — onde pode haver maior espaço para uma fragilidade mental —, entretanto, novembro e dezembro possuem a mesma característica e foram os meses com menos publicações.

A próxima questão a ser analisada foi o foco sob o qual a temática da saúde mental é explorada nas publicações. Em um primeiro ponto, foi feita uma divisão em dois grupos: geral e específico. Essa divisão visou perceber o foco que é dado ao tema, ou seja, se o mesmo é abordado de uma forma mais generalizada ou se era vista sob a lente de algum outro contexto específico.



Gráfico 6: Foco dado à temática da saúde mental

O gráfico revela que das 50 matérias lidas, apenas 8 abordaram a saúde mental sem associá-la um ângulo específico. Infere-se, portanto, que há uma tendência de enxergar e retratar a saúde mental a partir de contextos específicos. Sendo assim, verificou-se os temas relacionados à saúde mental nas publicações.

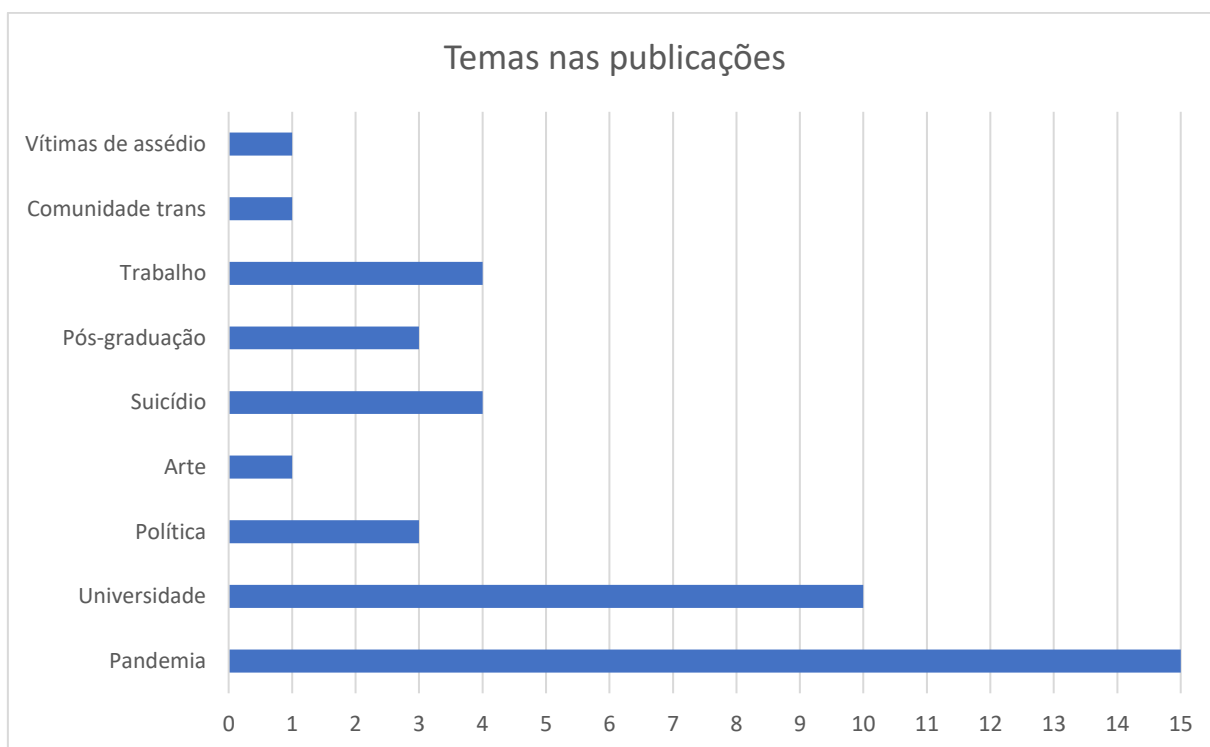


Gráfico 7: Distribuição dos temas relacionados à saúde mental

Os dados acima confirmam a tendência de compreender os efeitos psicológicos que a pandemia pode trazer, considerando que é o assunto mais abordado. Isso se dá por fatores diversos, e que são abordados nas matérias que exploram a questão, como o medo e incertezas pela doença, o luto pela perda de parentes e amigos, o isolamento pela quarentena e as dificuldades de adaptação ao modelo de ensino à distância. A predominância da associação da saúde mental com a pandemia vai ao encontro do que foi apresentado no gráfico 4, com o crescimento em 2019 e em 2020 de matérias relativas à saúde mental. Nesses dois anos, foram 22 publicações, sendo 15 referentes à pandemia. Fica evidente, portanto, a preocupação da instituição com os efeitos desse momento. O segundo subtópico mais frequente é a saúde mental e a universidade. É natural que haja uma maior presença dessa temática, considerando que é um site de notícias de uma universidade. Entretanto, verificou-se que há uma tendência de vincular a saúde mental na universidade com a vivência dos estudantes de graduação. Tal tendência pode

ser explicada pelo fato desta parcela corresponder a mais de 70% da população universitária, conforme apresentado na tabela 3. Quando o foco é a pós-graduação ou os trabalhadores da UnB, há, normalmente, uma especificação, como mostrado no gráfico.

Além de considerar os temas, é relevante entender o público específico das matérias produzidas. Os públicos-alvo foram inferidos a partir dos conteúdos das publicações que, em sua maioria, traziam no texto a quem aquela informação era direcionada.

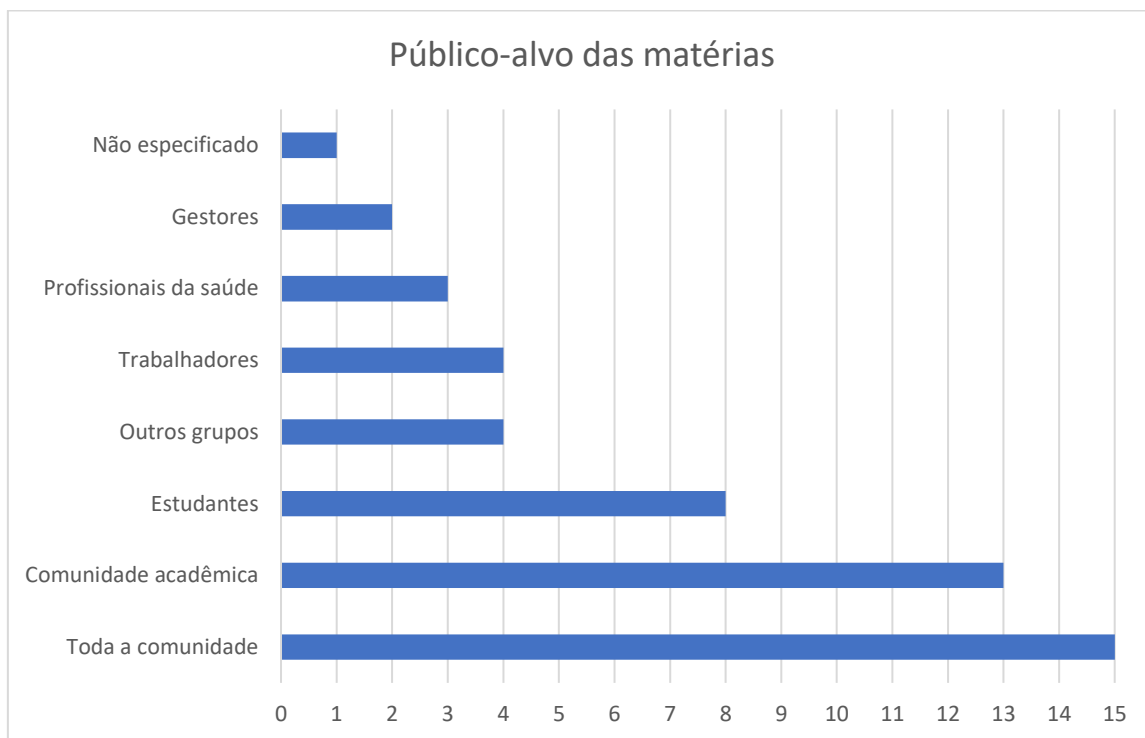


Gráfico 8: Distribuição do público-alvo das matérias publicadas

Apesar de se tratar de um site de notícias da UnB, a análise mostrou que o público-alvo com maior constância não se restringe à comunidade interna da universidade, mas inclui a comunidade externa. Tal resultado faz sentido ao levar em consideração parte da missão da Secom que tem como foco o interesse social. Sendo assim, a preocupação com a saúde mental não está necessariamente restrita à vida universitária, mas mostra-se uma pauta de relevância para a sociedade como um todo. A partir das leituras, evidencia-se que há um zelo em destacar que grande parte das atividades e informações são essenciais para a vida além do campus.

A comunidade acadêmica aparece como o segundo público mais visado. É importante frisar que se entende esse público como não apenas os estudantes — seja de graduação ou pós —, mas também os docentes e técnicos que compõem a população universitária. Com isso, infere-

se a propensão de considerar que não apenas a saúde mental dos discentes está em risco no contexto universitário, mas também a dos trabalhadores. Já em relação ao público de estudantes, das 8 publicações, 3 são direcionadas especificamente à pós-graduação e as outras 5 são generalizadas. E, por fim, os grupos específicos que figuram no gráfico, cada um com uma matéria direcionada, são: segmentos específicos do público estudantil para uma pesquisa institucional; vítimas de assédio moral; comunidade trans; residentes da Casa do Estudante.

Foram verificadas também questões mais estruturais das publicações no site. A partir da leitura, concluiu-se que as matérias se dividem nos seguintes tipos: divulgação de eventos; notícia/reportagem; artigo opinativo.

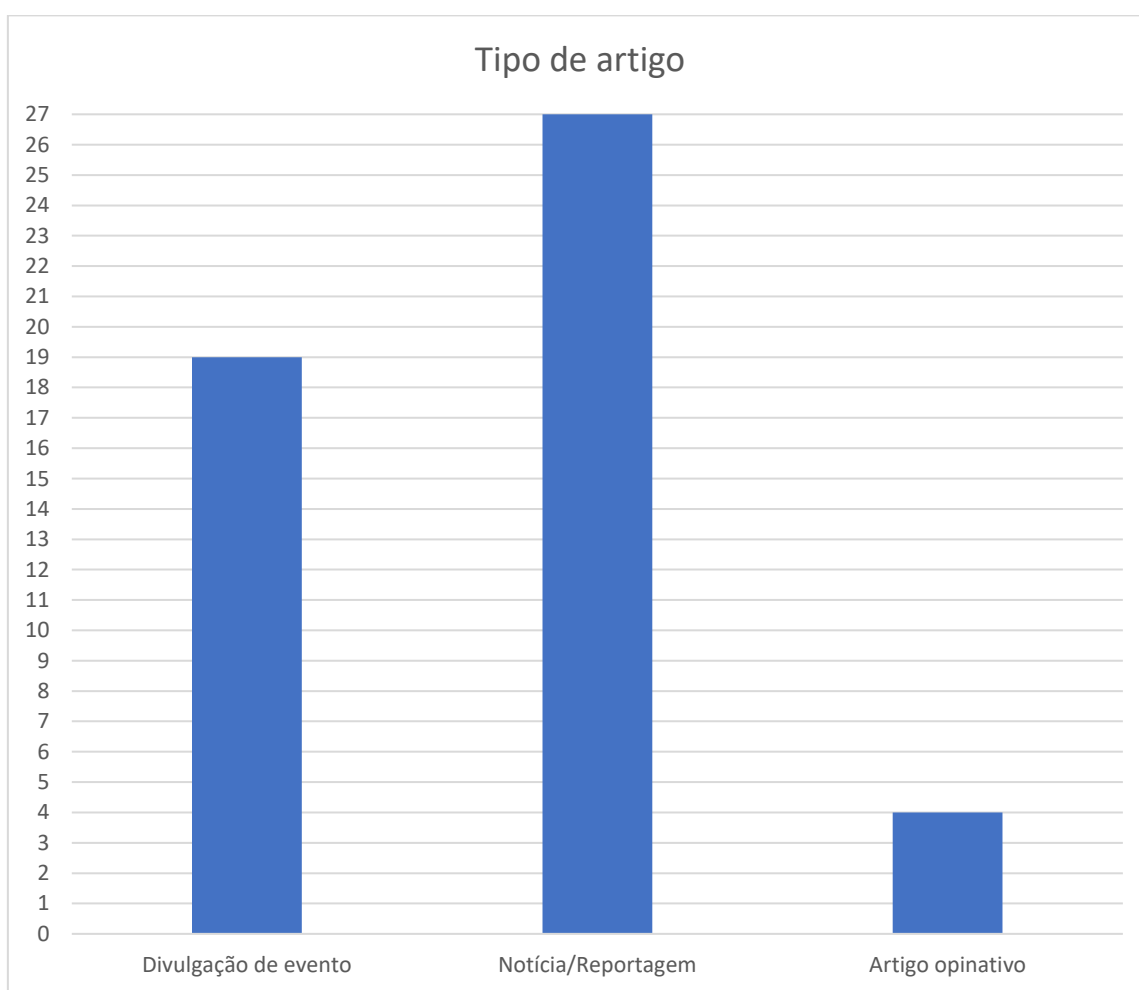


Gráfico 9: Distribuição do tipo de artigo publicado

Das 50 publicações analisadas, 27 configuram-se enquanto a exposição de fatos noticiosos, em formato clássico de notícia ou como reportagem. Destas 27, a grande maioria objetiva difundir eventos e atividades que tratam da saúde mental, mas com uma abordagem mais

profunda do tema, e não se resumindo apenas à divulgação. Além disso, normalmente há o cuidado de expor grupos e espaços de acolhimento que estão disponíveis ou são realizados pela UnB, apesar de, muitas vezes, se restringirem a pequenas notas. Há, também, algumas matérias que visam alcançar mais pessoas para a participação em pesquisas que tratam sobre a temática. Já a categoria “divulgação de eventos” diz respeito às publicações que funcionam mais como uma agenda, trazendo apenas informações sucintas — em forma de texto ou imagem — de eventos que serão realizados e podem ser de interesse dos públicos que acessam o site. Sendo assim, não há um aprofundamento do tema ou do funcionamento do evento. São disponibilizados, também, artigos opinativos que, pelo menos nos quatro casos analisados, não são de autoria da Secom, mas de autores externos, sempre com uma nota final que reforça que o texto não representa a visão da UnB e é de responsabilidade do autor.

Por fim, o gráfico abaixo complementa a análise estrutural das matérias:

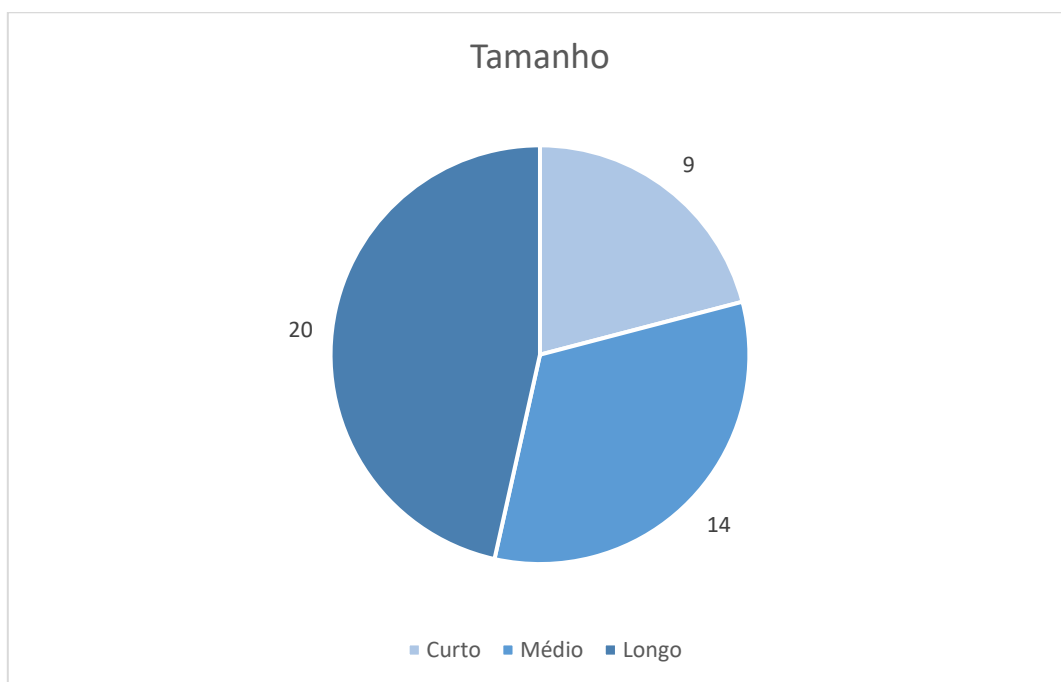


Gráfico 10: Distribuição do tamanho das publicações

O gráfico 10 ilustra o tamanho das matérias sobre saúde mental no site UnB Notícias. Para a classificação das entre as opções “curto”, “médio” e “longo”, utilizou-se o sistema de contagem de palavras do Microsoft Word, sendo copiados todos os textos na íntegra. Assim, definiu-se a seguinte classificação:

- Curto: textos com menos de 250 palavras;

- Médio: textos entre 250 e 700 palavras;
- Longo: textos com mais de 700 palavras.

Apesar de serem 50 publicações, para essa análise final 7 foram excluídas por não conterem nenhum texto, apenas alguma imagem com os detalhes para a divulgação de algum evento. Sendo assim, foram analisados 43 textos e constata-se, a partir das leituras feitas e dos dados disponíveis no gráfico, que há uma tendência de tratar o tema com uma maior profundidade, sendo apenas 9 – todas dentro da categoria de divulgação de eventos – com uma extensão curta. Mesmo nas notícias/reportagens que também visam uma divulgação, há uma preocupação em contextualizar a temática da saúde mental, reforçando a sua importância.

Conclui-se, portanto, que há uma ambiguidade no tratamento do tópico da saúde mental no site UnB Notícias. Por um lado, há uma frequência baixa da temática, ao levar em conta que entre 2015 e 2021 apenas 50 publicações foram sobre o assunto. Considerando a grande relevância que a questão possui para a vivência universitária, uma maior constância seria recomendada. Entretanto, por outro lado, quando a saúde mental é retratada – seja de uma perspectiva generalizada ou relacionando-a a um contexto específico-, na maior parte das vezes é de uma forma aprofundada, dando o devido peso e atenção. Além disso, foi possível perceber que o assunto tem alcançado maior destaque, especialmente pelas consequências da pandemia do COVID-19.

Por fim, fica claro que a UnB possui, sim, uma preocupação com a questão mental não apenas de seus estudantes, mas também dos professores e técnicos. A vasta quantidade de ações e projetos oferecidos pela instituição são prova disso. Entretanto, surge a hipótese de que talvez tais atividades não são amplamente conhecidas pelo público que visam alcançar. No próprio site UnB Notícias, muitas vezes, elas são apenas citadas, e não é dada uma maior plataforma de divulgação. Sendo assim, é fundamental verificar de que forma os estudantes – que são o alvo desta tese – consomem os materiais de comunicação da Universidade e, junto a isso, se fazem, já fizeram ou se, ao menos, conhecem as alternativas de apoio psicológico que são oferecidas pela instituição.

5. Questionário: percepção dos estudantes

A partir da análise feita em relação a UnB e da respectiva política da Instituição em matéria de saúde mental de seus estudantes, é possível perceber que há, de fato, uma preocupação com a problemática. A existência de projetos e grupos de apoio à vulnerabilidade emocional e o crescimento na presença da temática no site UnB notícias são evidências disso. Entretanto, é fundamental, também, verificar a percepção dos próprios estudantes sobre o assunto.

Sendo assim, formulou-se um questionário direcionado a estudantes que atualmente estão cursando a graduação na UnB. As perguntas dividiram-se em três partes. A primeira objetivou traçar o perfil dos participantes, recolhendo informações de cunho pessoal. A segunda parte teve foco na saúde mental dos participantes. E, por fim, a terceira parte explorou aspectos relacionados a Comunicação.

Foi utilizada a plataforma Formulários Google e o questionário ficou aberto para respostas do dia 13 de outubro ao dia 29 do mesmo mês, sendo divulgado no Facebook, por e-mail e através do Whatsapp. Logo no início da página já era explicado o objetivo da pesquisa, além de reforçar o público-alvo e dar a garantia de confidencialidade de todas informações recolhidas (gênero, idade, curso, opiniões) serem confidenciais e mantidas em sigilo, sendo usadas apenas para efeitos da investigação desenvolvida no quadro da minha dissertação de mestrado.

Inicialmente, foram recolhidas 165 respostas. Entretanto, com uma análise preliminar das respostas, percebeu-se que 2 participantes relataram estar matriculados em cursos que não são ofertados pela UnB, um participante afirmou não estar cursando nenhum curso e outro participante disse ser parte do programa de mestrado da Universidade. Portanto, as quatro respostas foram excluídas por não cumprirem o requisito principal de serem estudantes que atualmente cursam a graduação na UnB, totalizando, ao final, 161 respostas.

5.1 Perfil dos participantes

A primeira pergunta do questionário, dentro do âmbito de delimitar o perfil pessoal dos participantes, visava verificar o gênero. Optou-se pelo termo gênero por ser mais abrangente que o termo “sexo”, sendo, assim, mais inclusivo e possibilitando recolher mais informações. As opções para resposta foram “homem cisgênero”, “mulher cisgênero”, “homem transexual”, “mulher transexual”, “pessoa não binária”, “outro” e “prefiro não dizer”.

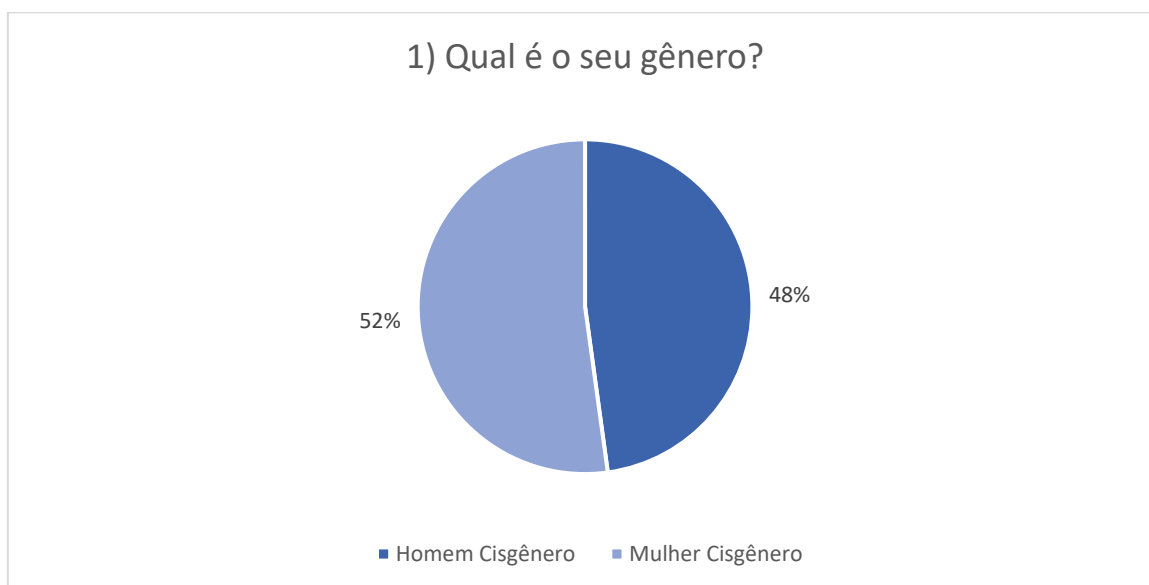


Gráfico 11: Gênero dos participantes do questionário

Entretanto, como pode ser verificado no gráfico 11, todos os participantes se identificam enquanto homem cisgênero (48%) ou mulher cisgênero (52%). Esses números estão de acordo com os dados do Anuário Estatístico 2020 da UnB que mostra que 50,7% da população estudantil é feminina e 49,3% é masculina.

Em seguida, perguntou-se a orientação sexual dos participantes, com as opções “heterossexual”, “homossexual”, “bissexual”, “prefiro não dizer” e “outro”.

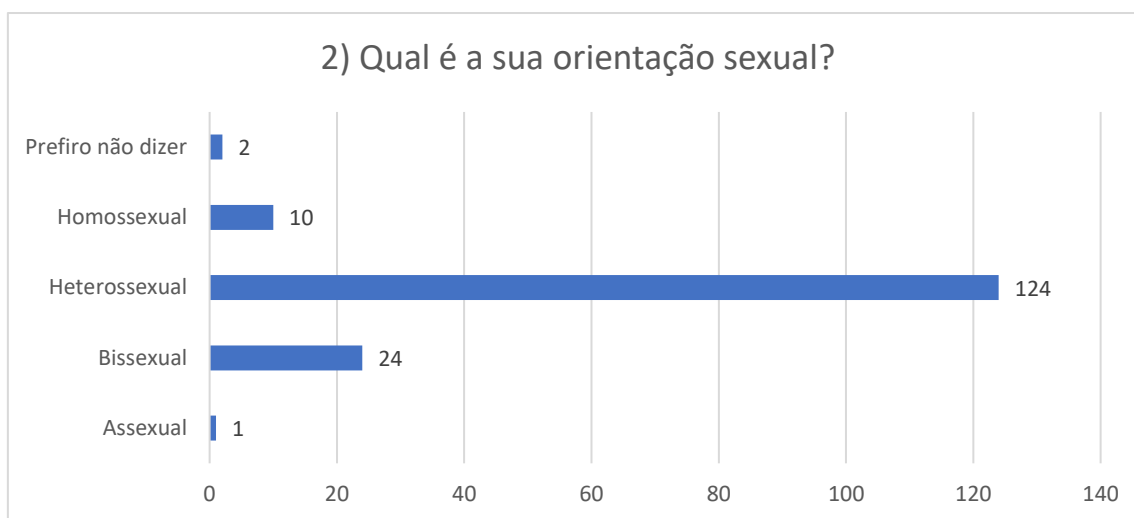


Gráfico 12: Orientação sexual dos participantes do questionário

Entre os participantes, a grande maioria (77%) respondeu ser heterossexual. O segundo maior número de respostas (14,9%) foi dos que se identificam enquanto bissexuais, seguidos dos alunos homossexuais (6,2%). Por fim, houve dois participantes que preferiram não responder e um que escreveu “assexual” no campo referente a “outros”.

Em seguida, questionou-se a raça/cor dos participantes, com as opções “branca”, “preta”, “parda”, “indígena”, “amarela”, “outro” e “prefiro não dizer”. 60,9% declararam ser brancos, compondo a maioria. O total de estudantes negros foi de 34,8%, dividindo-se entre aqueles que se identificaram enquanto pardos (25,5%) e pretos (9,3%). Apenas 2,5% dos respondentes declararam-se enquanto amarelos, 1,9% preferiram não responder e ninguém se identificou como indígena.

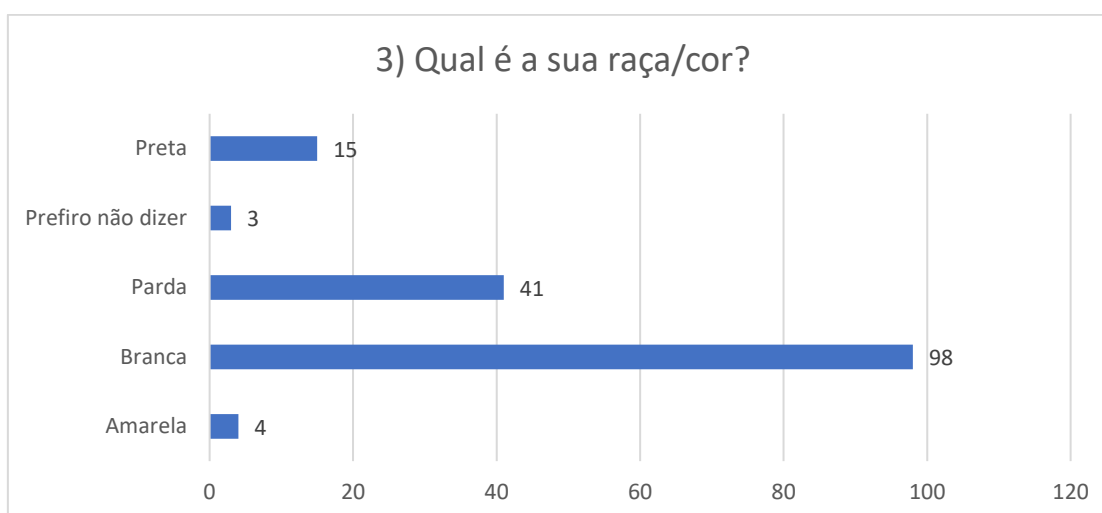


Gráfico 13: Raça/cor dos participantes do questionário

Percebe-se uma discrepância em comparação aos dados referentes à raça/cor do Anuário Estatístico 2020, que aponta que a maioria dos estudantes da UnB são negros (47,7%) e o total de estudantes brancos corresponde a 36,9%.

Ainda construindo o perfil pessoal dos participantes, foi perguntada a faixa etária em que os mesmos se enquadravam, com as alternativas “até 18 anos”, “de 19 a 24 anos”, “de 25 a 29 anos”, “de 30 a 39 anos”, “de 40 a 49 anos” e “acima de 50 anos”.

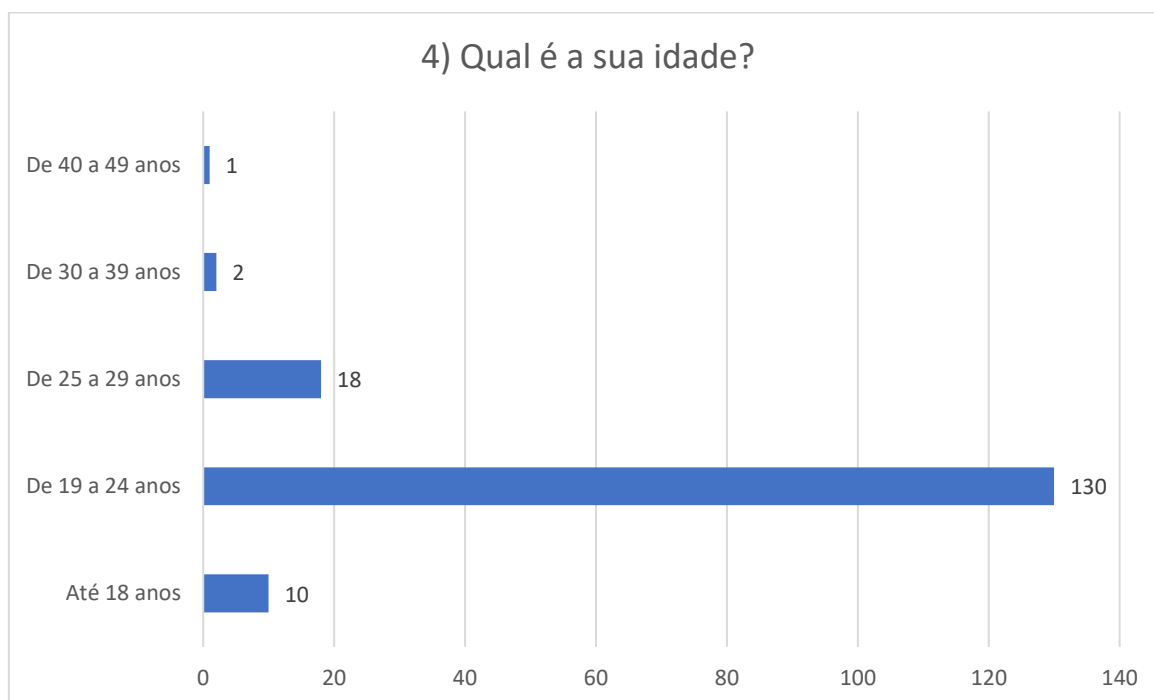


Gráfico 14: Idade dos participantes do questionário

Observa-se que a grande maioria dos respondentes estão situados entre 19 e 24 anos, correspondendo a 80,7%. Essa mesma faixa também corresponde à maioria dos estudantes da UnB de acordo com o Anuário Estatístico 2020, apesar de ser uma percentagem um pouco menor (68,9%). Os grupos seguintes também seguem a mesma ordem. De 25 a 29 anos e até 18 anos apresentam o segundo e terceiro maiores números com 11,2% e 6,2%, respectivamente, no questionário e 12,3% e 9,3% no Anuário. Apenas 3 participantes estão inseridos na faixa a partir de 30 anos.

Para completar a construção do perfil dos participantes, foram feitas mais três perguntas, voltadas à vivência acadêmica. Perguntou-se em qual curso estão matriculados — para os fins de organização, optou-se por dividir as respostas de acordo com a área do conhecimento, usando a

lista disponibilizada pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC)²⁷ —, o semestre que estão cursando e as suas ocupações.

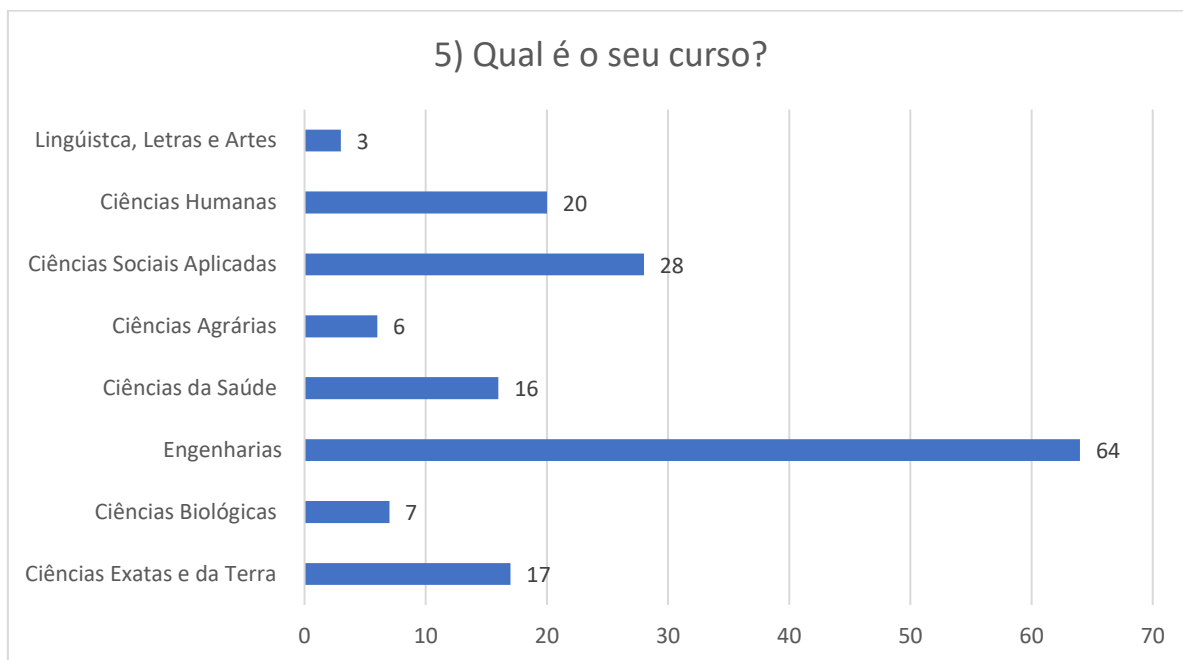


Gráfico 15: Área do conhecimento dos participantes do questionário

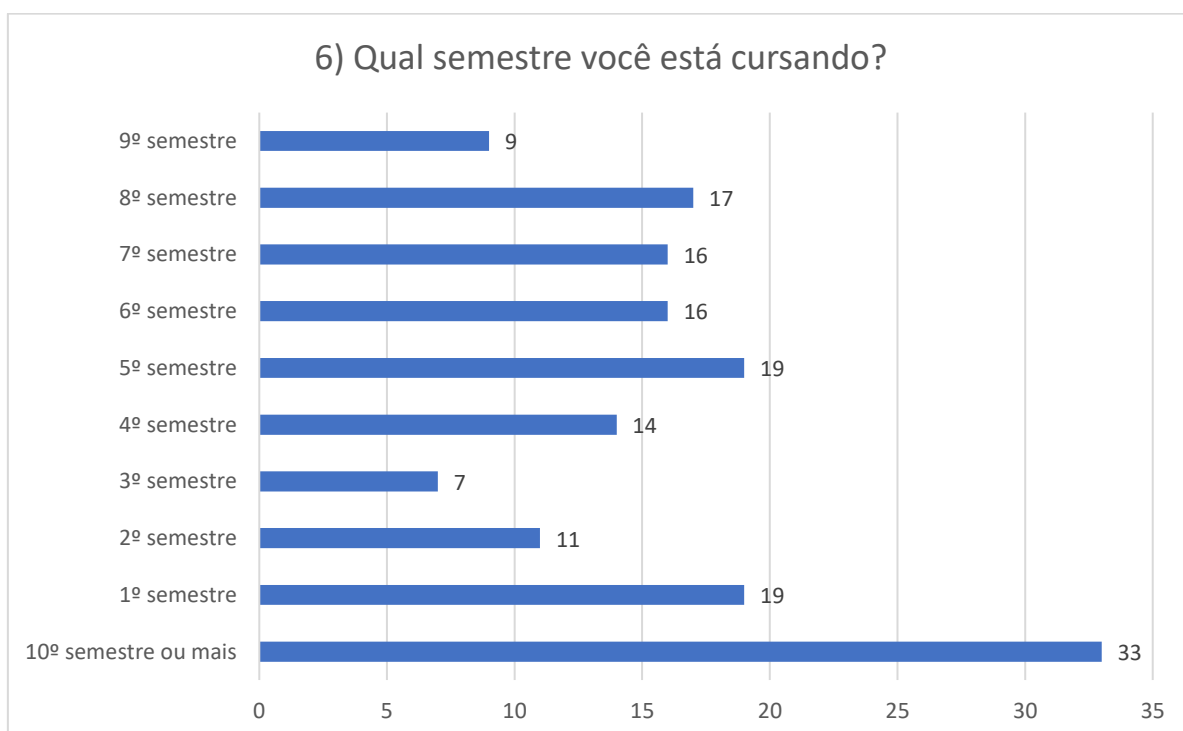


Gráfico 16: Semestre que os participantes do questionário estão cursando

²⁷ Disponível em http://fisio.icb.usp.br:4882/posgraduacao/bolsas/capesproex_bolsas/tabela_areas.html

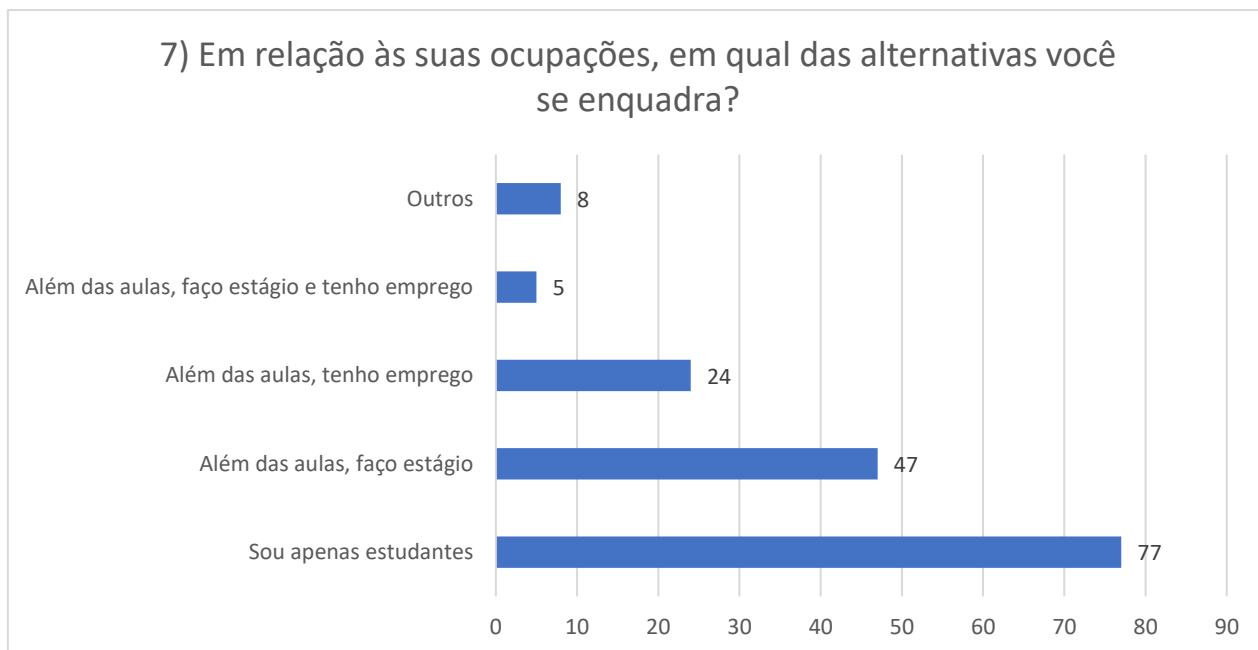


Gráfico 17: Ocupações dos participantes do questionário

Em relação ao curso, verifica-se que mais de um terço dos estudantes que participaram da pesquisa (40%) estudam na área das Engenharias, seguidos, com distância, pela área das Ciências Sociais Aplicadas (17%) e das Ciências Humanas (12%). Já no que diz respeito ao semestre, 20,5% já estão avançados no curso, cursando a partir do décimo semestre e o primeiro e o quinto semestres figuram como a segunda resposta mais frequente, ambos com 11,8%. Por fim, percebe-se que quase metade (47,8%) são apenas estudantes, 29,2% conciliam os estudos com estágio e 14,9% dividem as suas ocupações entre aulas e emprego. Apenas 4 respondentes assumem as três atividades simultaneamente e 8 responderam com outros, figurando entre as respostas alunos que participam da Empresa Júnior de seus cursos e uma aluna que divide seus esforços entre as aulas e os cuidados de seu filho recém-nascido.

5.2 Relação entre a saúde mental dos participantes e a vivência universitária

Após estabelecer o perfil dos respondentes do questionário, a segunda parte focou em explorar as percepções que os mesmos têm em relação à sua saúde mental dentro da

universidade. Para isso, iniciou-se perguntando se, na visão dos participantes, havia de fato essa relação entre a saúde mental deles e a vivência universitária.



Gráfico 18: Relação entre a saúde mental dos participantes do questionário e a vivência universitária

Percebe-se, portanto, que a grande maioria considera que há, sim, uma relação entre a saúde mental e a experiência acadêmica, totalizando quase 100% de respostas concordantes (96,3%). Sendo assim, ao levar em consideração as demais pesquisas previamente apresentadas neste trabalho, torna-se evidente que as experiências dentro da universidade têm alguma relação com a saúde mental de grande parte dos estudantes. Com isso, a pergunta seguinte buscou estabelecer a frequência que essa relação ocorre.

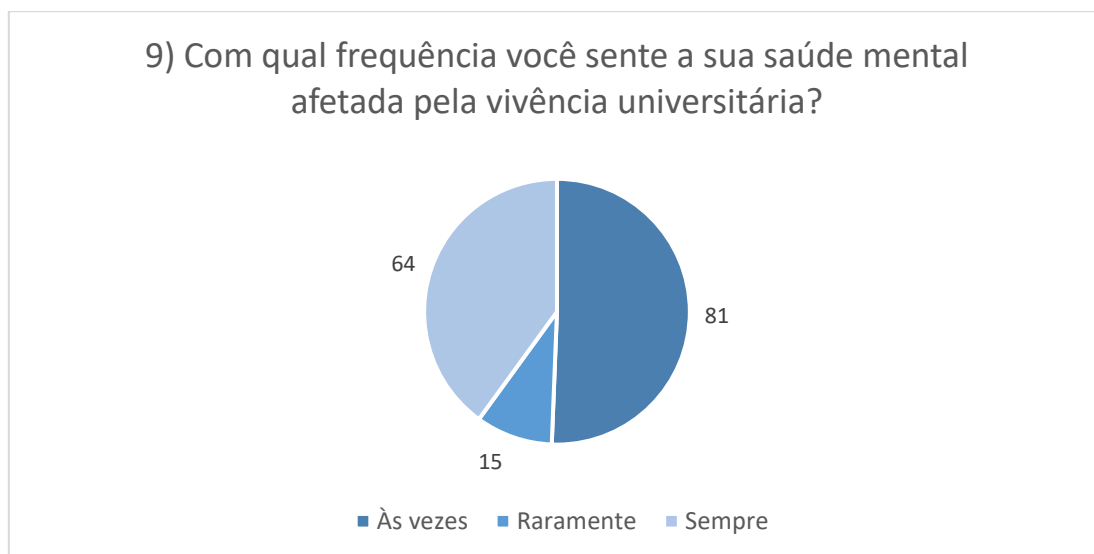


Gráfico 19: Frequência em que a saúde mental dos participantes do questionário é afetada pela vivência universitária

No gráfico visualiza-se que metade dos participantes (50,6%) afirmam que sentem sua saúde mental afetada pela vivência “às vezes” e 40% dizem que esse efeito é uma constante permanente no ambiente universitário, com apenas 9,4% afirmando que são raros os momentos em que esse fenômeno ocorre.

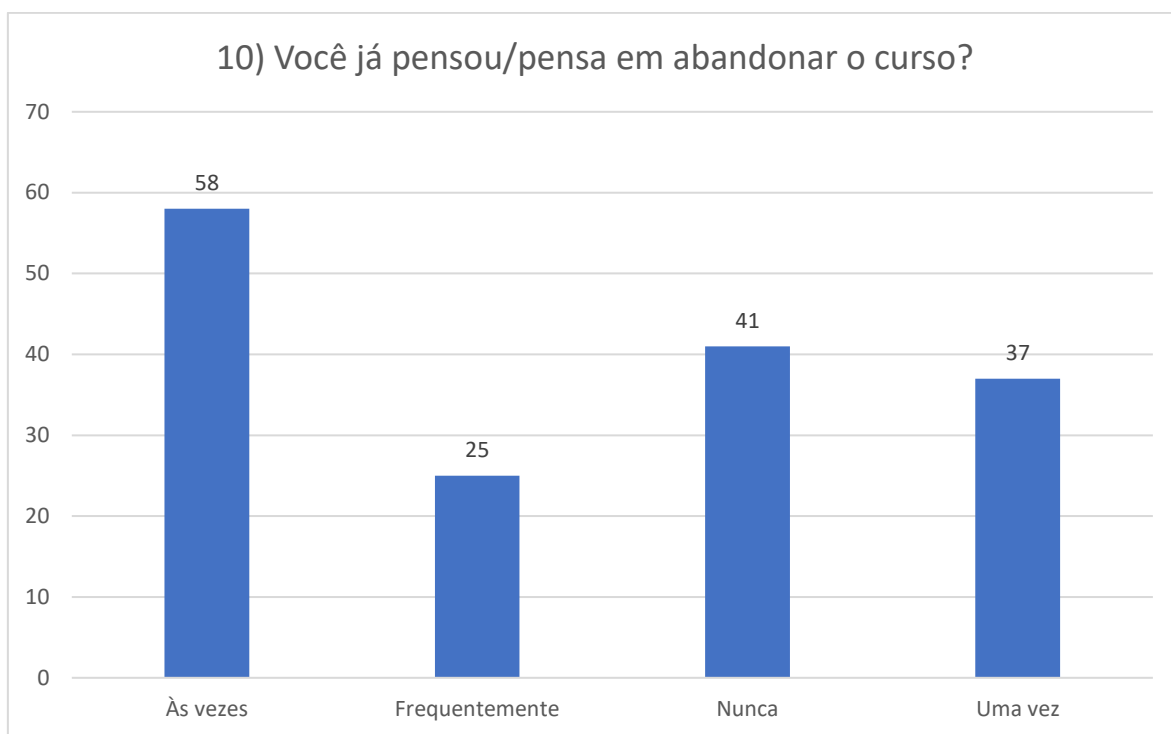


Gráfico 20: Frequência em que os participantes do questionário pensam em abandonar o curso

Em seguida, como pode ser visualizado no gráfico 20, foi perguntado se entrevistados e entrevistadas já pensaram ou ainda pensam em abandonar o curso. É possível verificar que, novamente, a alternativa “às vezes” foi a mais respondida, apesar de, desta vez, com uma frequência menor (36%) em relação à pergunta anterior. Entre as demais alternativas, a quantidade de pessoas que responderam “nunca” e “uma vez” foi quase igual, correspondendo a 25,5% e 23%, respectivamente, e 15,5% escolheram a alternativa “frequentemente”. Infere-se, portanto, que apesar de possivelmente surgirem questionamentos em relação à escolha e permanência do curso, talvez não seja esse o fator predominante para o sofrimento emocional dos estudantes.

Para compreender de forma mais profunda as maneiras que os participantes sentem a saúde mental afetada na graduação perguntou-se em relação às situações vivenciadas pelos discentes. As duas perguntas subsequentes foram baseadas nos moldes utilizados na V Pesquisa

Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018, realizada pelo FONAPRACE.

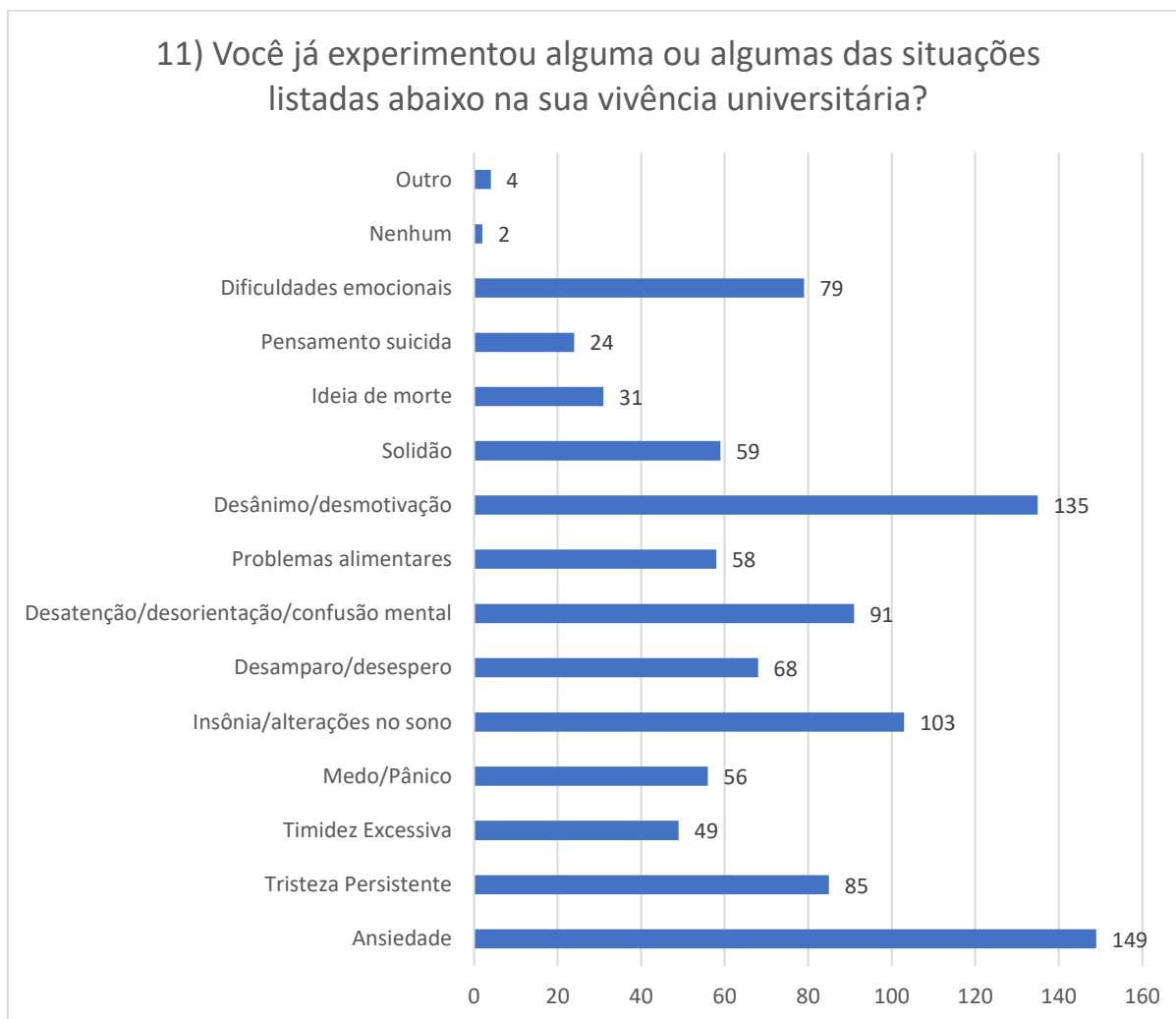


Gráfico 21: Situações vivenciadas pelos participantes do questionário

Diferentemente das perguntas anteriores, essa questão era de múltipla escolha e permitia aos participantes selecionarem todas as alternativas com as quais se identificassem. Os dados mostrados no gráfico reforçam o quão alarmante é a problemática da saúde mental na universidade. Quase a totalidade dos estudantes (92,5%) apontaram experimentar ansiedade dentro do seu trajeto acadêmico, número extremamente alto e superior ao avaliado pelo FONAPRACE, em que 63,6% citaram a ansiedade como um problema na vida universitária. Com uma percentagem pouco inferior, a alternativa “desânimo/desmotivação” foi selecionada por 83,9% dos participantes do questionário, enfatizando a gravidade da problemática. Entre as 13 alternativas apresentadas, 6 obtiveram mais de 50% de frequência. Já as duas situações com

menor frequência foram “ideia de morte” e “pensamento suicida”, totalizando 19,3% e 14,9%, respectivamente — números ainda preocupantes ao levar em consideração o assunto que tratam. Em relação aos que responderam “outro”, surgiram as seguintes respostas: cansaço, estresse, frustração, procrastinação, fadiga e dor no corpo.

A próxima pergunta — também de múltipla escolha — objetivou determinar quais fatores da vida na universidade podem estar associados às situações experimentadas e apontadas na pergunta anterior.

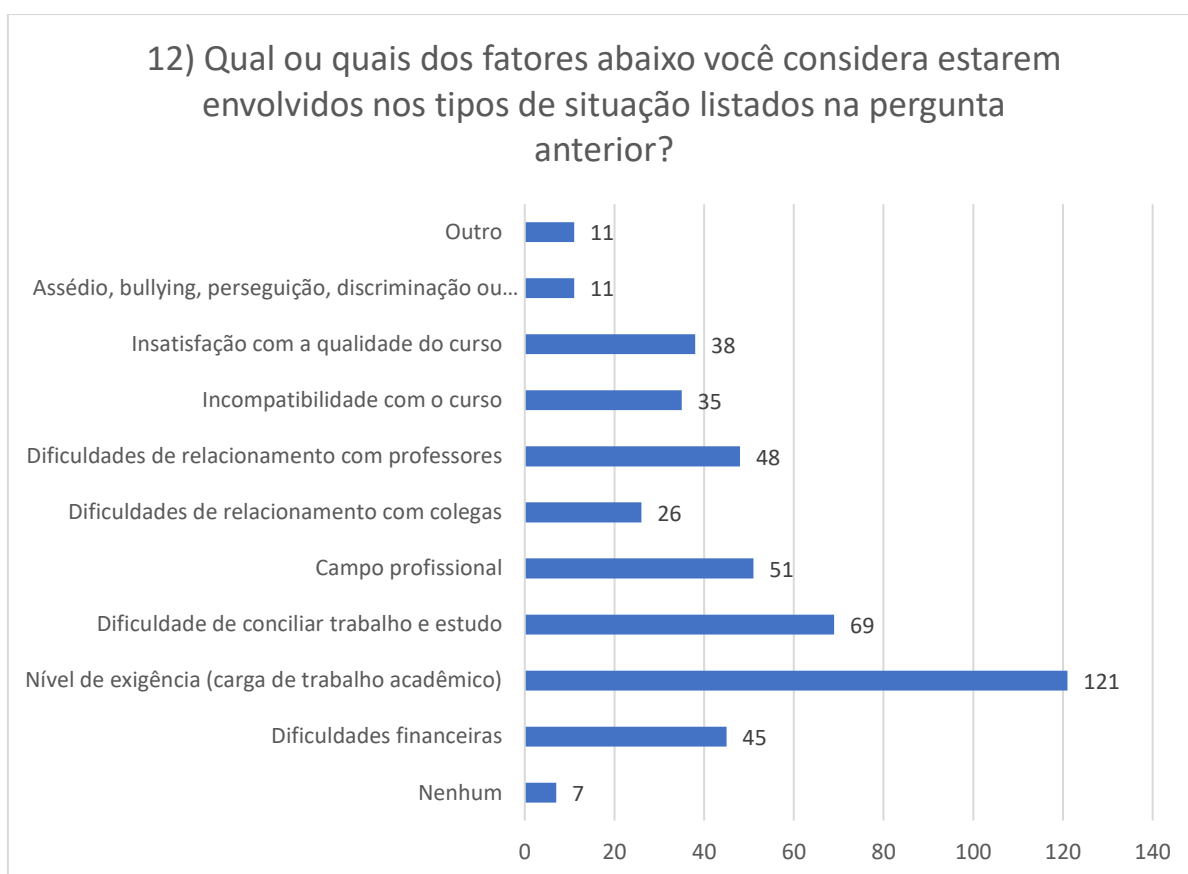


Gráfico 22: Fatores apontados pelos participantes do questionário

A alternativa que despontou na frente com o maior número de ocorrências foi o “nível de exigência (carga de trabalho acadêmico)” com 75,2%, revelando que, do ponto de vista dos estudantes que participaram do questionário, talvez haja um excesso de trabalhos e provas, além de uma dificuldade excessiva. O segundo fator mais repetido (42,9%) foi a “dificuldade de conciliar trabalho e estudo”, aspecto que vai ao encontro do fato apresentado no gráfico 15 de que 52,2% dos participantes conciliam os estudos com alguma outra atividade. Já como fator menos frequente, apenas 6,8% apontaram que sofrem “assédio, bullying, perseguição, discriminação ou

preconceito”, o que pode estar relacionado ao fato de que grande parte dos respondentes não se encontram em grupos minoritários socialmente, com 77% identificando-se como heterossexuais, 60,9% como brancos e nenhum enquanto transexual. Dentre as respostas enquadradas como “outro”, destaca-se a insatisfação com o modelo EAD em vigor em razão da pandemia.

Enfim, para encerrar a parte específica a voltada à saúde mental, perguntou-se sobre a busca de ajuda para lidar com as dificuldades.

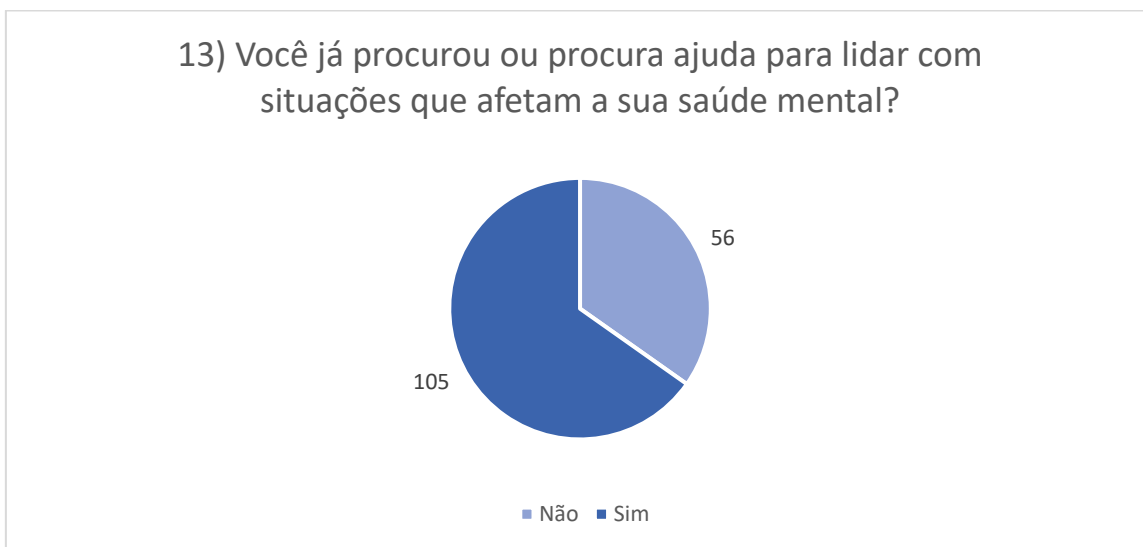


Gráfico 23: Busca de ajuda apontadas pelos participantes do questionário

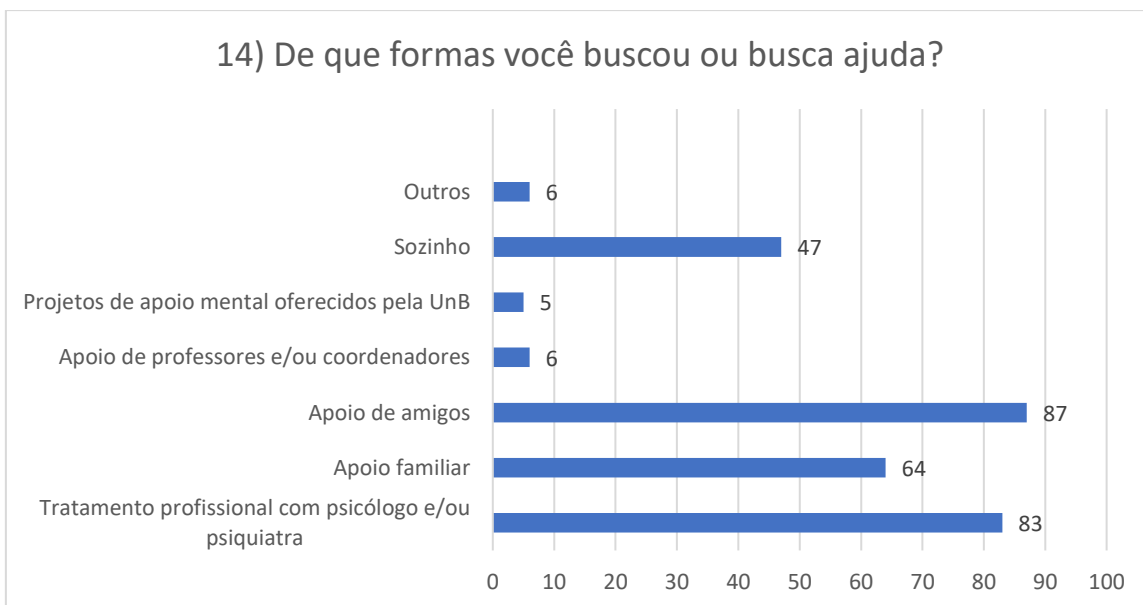


Gráfico 24: Formas de ajuda apontadas pelos participantes do questionário

Apesar das pesquisas apresentadas nos capítulos anteriores apontarem que grande parte dos estudantes que sentem a sua saúde mental afetada não buscam ajuda – especialmente profissional – para lidar com as dificuldades, os participantes do questionário mostraram uma realidade mais otimista, com 65,2% afirmando que buscam ou já buscaram alguma forma de ajuda e, dentro desse número, 71,9% evidenciando que foram atrás de tratamento profissional com psicólogo e/ou psiquiatra. Entretanto, a forma de ajuda mais recorrente foi o apoio dos amigos (87%). Já o apoio familiar contou com 52,9% das respostas. Esses dois aspectos vão ao encontro da importância do apoio social, apontada em capítulos anteriores. Já no extremo inferior, apenas 5 pessoas utilizaram os programas de apoio da UnB e apenas 6 confiam nos professores e/ou coordenadores para esse papel. E dentro de “outro”, destacou-se a ajuda através da religiosidade.

5.3 Relação dos participantes com os produtos de comunicação

Para finalizar o questionário, as perguntas finais versam sobre o grau de conhecimento de ações comunicacionais da universidade. Como ponto de partida desta terceira parte, foram listados alguns programas de apoio psicológico que são oferecidos pela UnB aos estudantes de graduação e que foram divulgados no portal UnB Notícias, nas redes sociais ou no site institucional²⁸ a fim de visualizar se os participantes estão familiarizados com esses programas. Desse modo, a questão 15 foi “Em relação aos programas de apoio psicológico oferecidos pela UnB listados abaixo, você:” e eram apresentadas as opções “nunca ouvi falar”, “já ouvi falar”, “conheço alguém que já utilizou” e “já utilizei”. As respostas estão dispostas na tabela abaixo:

Programa	Nunca ouvi falar	Já ouvi falar	Conheço alguém que já utilizou	Já utilizei
Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (Caep)	82	68	10	1
Atendimento Psicológico/Psicossocial On-line	82	67	6	6
Terapia Comunitária On-line	105	50	5	1

²⁸ www.unb.br

Vínculos e Reflexões: Grupo para pessoas em luto pela perda de familiares vítimas da COVID-19	114	45	2	0
Terapia de Família	133	27	1	0
Terapia de Casal	126	29	6	0
FalArte	150	10	1	0
Momento Acolhida	146	13	2	0
Diztando: escuta em tempos de pandemia	150	11	0	0
Grupo de Apoio Terapêutico a Jovens Atípicos	151	9	1	0
Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises do Tipo Psicótica	153	7	1	0
Núcleo de Estudos, Pesquisas e atendimentos em Saúde Mental e Drogas (Nepasd)	142	18	1	0
Núcleo de Mútua Ajuda às Pessoas com Transtorno Afetivo (APTA)	146	13	1	1

Tabela 6: Familiaridade dos participantes do questionário com os projetos da UnB

A partir dessas respostas torna-se evidente que, apesar de existir uma iniciativa por parte da Universidade em idealizar e disponibilizar grupos e programas que podem auxiliar na manutenção da saúde mental durante a vivência universitária, a grande maioria dos estudantes que foram questionados nem ao menos sabe da existência desses projetos. Com isso, considerando que 96,3% dos respondentes afirmaram que há uma relação entre a saúde mental e a vivência universitária e 90,6% apontaram que sentem os efeitos dessa relação “sempre” ou “às vezes”, percebe-se que é necessário pensar em maneiras de alcançar o público que pode ser auxiliado por essas iniciativas. É importante ressaltar que com o conhecimento em relação às formas de apoio os estudantes podem, além de buscarem ajuda, serem transmissores para amigos e conhecidos, aumentando, assim, a rede de apoio.

Esse fator de transmissão a terceiros pôde ser verificado na pergunta seguinte, também de múltipla escolha, que verificou de que maneiras os respondentes ficaram sabendo dos programas que conheciam. Como pode ser verificado no gráfico 25, a forma mais frequente foi justamente a partir de amigos e colegas (47,8%). Infere-se que a forma de comunicação informal tem grande papel no processo de divulgação, provando-se uma fonte essencial. As redes sociais da UnB foram a opção com o segundo maior número de respostas (28%) e superou as redes sociais dos próprios projetos e o site institucional da Universidade. Apesar de não terem um número tão grande de respostas, vale destacar mais três alternativas: divulgações físicas no

espaço da universidade (18%) – deve ser ressaltado que esta forma foi bastante prejudicada com o regime a distância adotado durante a pandemia e que se mantém até hoje –, a transmissão através de professores ou coordenadores (14,9%) – que também se configura como uma forma de comunicação informal – e a divulgação em atividades acadêmicas (14,3%).

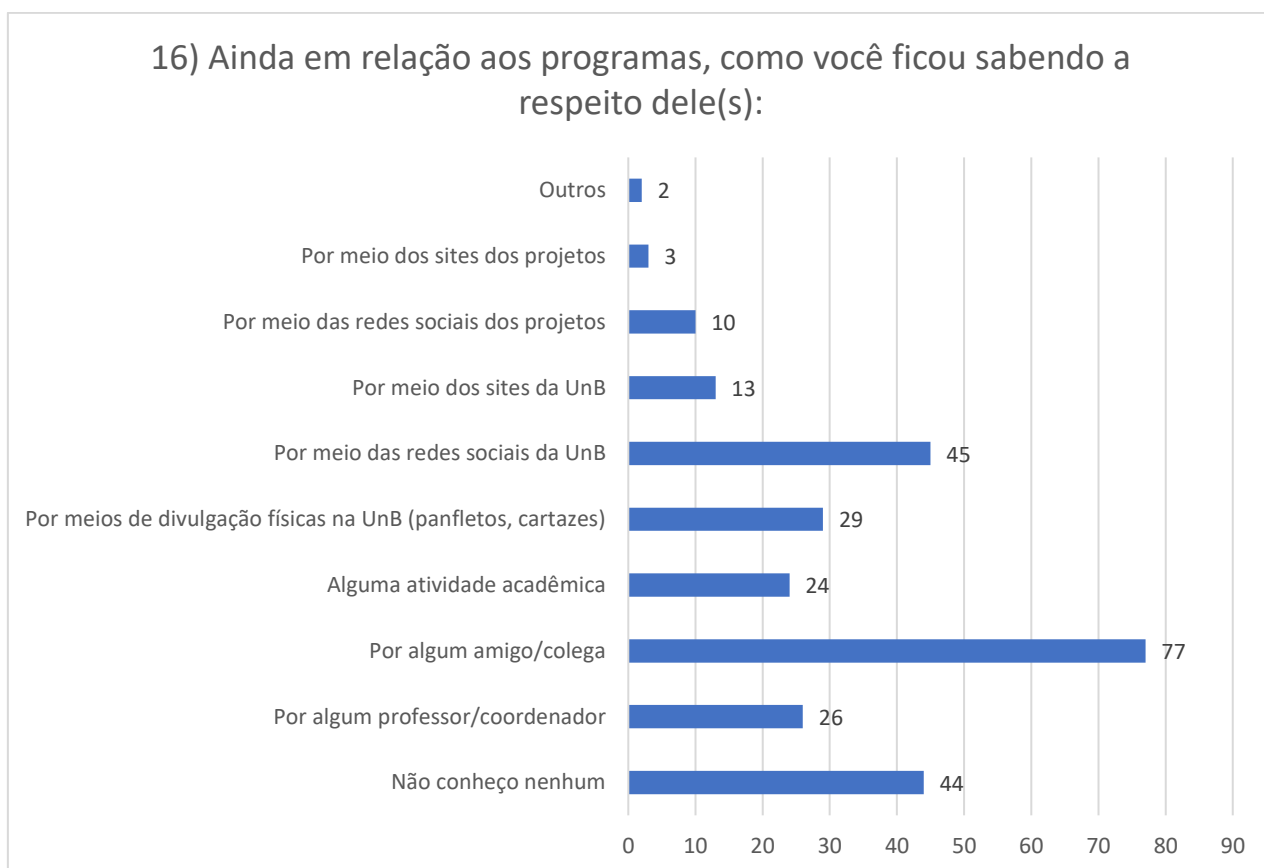


Gráfico 25: Como os participantes do questionário conheceram os programas

Já na penúltima pergunta do questionário, optou-se por distanciar-se dos projetos formalizados com o intuito de apoio mental e verificar a realidade que os estudantes encontram dentro de seus respectivos cursos em relação à receptividade à temática da saúde mental. Para tanto, questionou-se sobre a existência de canais comunicacionais para o assunto.

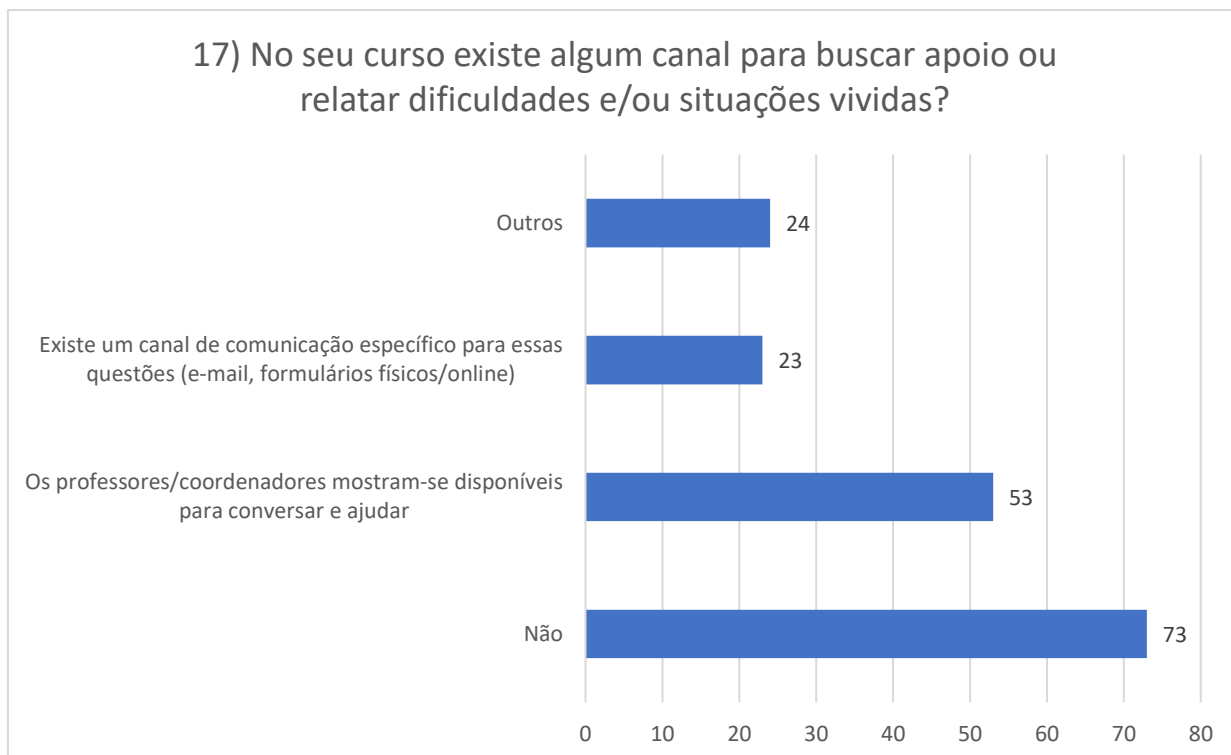


Gráfico 26: Percepção dos participantes do questionário sobre a realidade do curso

Dentre as opções — sendo essa pergunta de múltipla escolha —, a alternativa “não” foi a mais frequente, sendo marcada por 45,3% dos respondentes. Tal número revela uma realidade séria de que, na percepção de grande parte dos participantes do questionário, além de não haver uma forma de comunicação mais formal e direcionada para a questão da saúde mental, os professores e coordenadores não se mostram como possíveis aliados para o enfrentamento de eventuais dificuldades. Entretanto, para 32,9% dos estudantes a realidade é diferente e há uma sensação de abertura para buscar ajuda com seus docentes. Verifica-se, portanto, que mais uma vez a comunicação informal surge como uma alternativa importante. Apenas 14,3% relataram a existência de um canal comunicacional específico para questões de saúde mental e dentre os 24 participantes que marcaram “outro”, 18 afirmaram não saber se existe ou não um canal instituído para esse propósito.

Por fim, para encerrar o questionário, a pergunta final objetivou entender de que maneiras os estudantes participantes se relacionam — ou não — com os canais de comunicação disponibilizados pela UnB. Portanto, a pergunta 18 foi “Você acompanha algum meio de comunicação da UnB?”. As respostas foram representadas na tabela abaixo:

Meio	Não	Raramente	As vezes	Sempre
Site institucional	58	57	38	8
UnB Notícias	59	48	42	12
Página oficial no Facebook	109	25	22	5
Conta oficial no Instagram	63	47	32	19
Conta oficial no Twitter	97	26	21	17
Cartazes e panfletos disponibilizados na universidade	73	46	28	14

Tabela 7: Relação dos participantes do questionário com os canais de comunicação da UnB

Observa-se que em todos os meios de comunicação listados a maior parte dos respondentes marcaram “não” e “raramente”. Nota-se, portanto, que apesar de haver esforços por parte da instituição de disponibilizar variados canais comunicacionais, são poucos os estudantes que os acompanham com alguma regularidade. O meio com o maior número de respostas entre “às vezes” e “sempre” foi o portal UnB Notícias, apesar de, ainda assim, praticamente dois terços marcarem ou “não” ou “raramente”. O Instagram e o site institucional figuram como os segundo e terceiro canais com maior número de frequência entre “às vezes” e “sempre”. Vale destacar que apesar de ter o segundo maior número de respostas “não” ou “raramente”, o Twitter também tem o segundo maior número de respostas em “sempre”, ficando atrás apenas do Instagram.

Os meios de divulgação física, mais uma vez, são prejudicados pela condição imposta pelo COVID-19 do ensino à distância, considerando que os estudantes não estão indo presencialmente às aulas e que aqueles que estão do 3º semestre para baixo - que totalizam 22,9% conforme o gráfico 16 – ainda não tiveram a oportunidade de frequentar fisicamente a Universidade. Por fim, a página no Facebook constitui o meio menos acessado, com 134 respostas entre “não” e “raramente” e apenas 27 entre “às vezes” e “sempre”.

Esse fator pode ser justificado pela queda na utilização da rede social pela população brasileira, especialmente pelos jovens – público mais presente na pesquisa, como mostra o gráfico

14 —, fato evidenciado desde 2019 por alguns veículos de comunicação no Brasil.²⁹ Conclui-se, portanto, que apesar de haver um esforço por parte da UnB em se comunicar com o seu público, os estudantes que participaram do questionário tornaram evidente que devem ser pensadas formas de não apenas alcançar mais públicos, mas de preservá-los e torna-los assíduos no consumo de informações da Universidade.

²⁹Matérias disponíveis em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/entrevista-por-que-usuarios-brasileiros-estao-deixando-o-facebook-137097/>; <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43128266>; <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/03/03/instagram-supera-facebook/>; <https://forbes.com.br/colunas/2019/03/o-facebook-esta-se-tornando-uma-rede-para-o-publico-maisvelho>; <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/04/10/por-que-o-facebook-esta-perdendo-usuarios.htm>

6. Entrevistas: Percepções dos profissionais de Comunicação e de Psicologia

Com a aplicação do questionário foi possível complementar as descobertas feitas com a análise do site UnB Notícias. Entretanto, mesmo com a utilização das duas técnicas, ainda foi sentida a necessidade de preencher algumas lacunas de informação que podem acrescentar ao entendimento do tema aqui estudado. Sendo assim, optou-se pelo uso da entrevista em profundidade.

Foi estabelecido, portanto, um roteiro base para guiar as conversas, mas sendo utilizado o modelo de entrevista semiaberta. Foram realizadas ao total três entrevistas — sendo uma com duas pessoas simultaneamente — utilizando o programa Zoom, escolhido pela possibilidade de gravar as conversas nele realizadas. Todas as entrevistas iniciaram com uma explicação do trabalho e do intuito da conversa, sendo perguntado em seguida se os entrevistados concordavam em ser gravados para possibilitar a transcrição posterior. Apenas quando era dada a permissão, a gravação era iniciada e a entrevista começava. Ao fim de cada entrevista também foi perguntado se os participantes davam consentimento para que fossem apresentados no trabalho os seus nomes, funções e informações. Todos consentiram.

A fim de alcançar as informações desejadas, definiu-se dois alvos principais para as entrevistas: profissionais da comunicação que atuam na UnB e profissionais responsáveis pela organização dos projetos de apoio psicológico. Desse modo, utilizou a seção³⁰ do site UnB Notícias que trata especificamente da Secom e onde é listada a equipe de trabalho com os respectivos e-mails para contato. Foram selecionados alguns profissionais de acordo com suas funções e foi realizado um primeiro contato via e-mail explicando, rapidamente, o tema do trabalho, expondo o interesse na realização de entrevista e perguntando se havia interesse e disponibilidade. Foram obtidas três respostas positivas. Além disso, foi enviado um e-mail com o mesmo molde à direção da Dasu — equipe responsável pela criação e manutenção de diversos projetos e grupos focados na saúde mental dentro da Universidade — utilizando o contato disponível no site³¹. No mesmo dia já houve resposta e foi possível marcar uma entrevista.

³⁰ Disponível em <https://noticias.unb.br/secom/123-secom/equipe>

³¹ Disponível em <http://Dasu.unb.br/fale-conosco>

Para facilitar a visualização e organização das informações obtidas através das conversas, cada entrevista será tratada de forma individual, expondo, assim, aquilo que foi possível tirar a partir de cada conversa.

6.1 Entrevista 1

A primeira entrevista foi realizada em dupla — a pedido dos próprios entrevistados — com Renan Apuk e Serena Veloso, ambos servidores da Secom. A pergunta inicial, portanto, pedia que ambos descrevessem suas funções dentro da Secretaria. Renan, que está descrito na relação disponível no site UnB Notícias como o Editor de Jornalismo do Portal, explicou que o seu cargo engloba a função de organizar e atualizar frequentemente o site institucional principal da UnB³², onde é possível encontrar os links para os demais sites da instituição e aceder, de forma rápida, informações e matérias de relevância para os diferentes públicos que acessam a página. Além de toda a organização estrutural do portal, Renan também tem o papel de gerenciar as diversas solicitações de pautas que chegam para a Secom, sendo responsável por uma filtragem inicial e por distribuir as pautas dentro da equipe.

Também de acordo com a lista no site, Serena possui a função de editora dos portais UnB Notícias e UnB Ciências. Seu trabalho, portanto, consiste em fazer a edição daquilo que é publicado em ambas as páginas e acompanhar os demais repórteres na apuração e produção das matérias, tirando, também, as eventuais dúvidas que podem surgir no processo. Além disso, ela, atualmente, está auxiliando, também, como editora, a equipe responsável pela Revista Darcy³³, que é uma revista de jornalismo científico e cultural da UnB.

Tendo estabelecido as suas funções na equipe de comunicação, a pergunta seguinte — direcionada ao Renan — buscava estabelecer como funciona a definição de pautas dentro da Secom, a fim de compreender melhor de quais maneiras a saúde mental pode se tornar um assunto dentro daquilo que é produzido. Renan explicou, então, que a seleção de pautas se dá de duas maneiras principais. Uma delas é pela própria autonomia dos membros da Secom, que,

³² <https://www.unb.br/>

³³ <https://revistadarcy.unb.br/>

através das suas próprias percepções e interesses, podem sugerir temas que julgam como sendo relevantes para a produção de materiais nos variados veículos. Já a outra forma — sendo esta a mais frequente — ocorre em forma de solicitações que chegam até a Secom advindas de diversos interessados: faculdades, institutos, diretorias, departamentos, reitoria, administração, público externo. Renan explica que foi criado um material — disponível online³⁴ — em que são detalhados os critérios de escolha daquilo que pode ou não ser divulgado ou noticiado pela Secom nos seus variados veículos. Sendo assim, esse processo de escolha de pautas torna-se menos arbitrário e pessoal, seguindo um conjunto de regras pré-determinadas.

A partir da resposta de Renan, é possível inferir que, apesar de haver uma abertura para a sugestão de pautas por outros departamentos e, até mesmo, por contatos externos, ainda há uma tendência de uma comunicação vertical. Parte disso pode ocorrer pelo fato de a Secom estar vinculada à reitoria e, portanto, não ter total autonomia na escolha daquilo que será produzido. Além disso, a criação de um documento com normas para a determinação de pautas, apesar de possibilitar uma melhor organização do processo, pode acabar servindo — ou sendo vista — como empecilho para a adoção de uma comunicação mais participativa, especialmente por parte dos estudantes.

Em seguida, foi compartilhado que foi percebido, através da análise do site UnB Notícias, um aumento da presença do tema da saúde mental nas publicações do site. E perguntou-se, então, quais fatores eles consideravam como causadores desse crescimento. Serena começou dizendo que, antes de tudo, relaciona esse aumento com a preocupação crescente da própria UnB com essa temática e citou alguns exemplos como evidências dessa preocupação: a criação da Dasu, sendo uma diretoria focada no cuidado com a saúde da comunidade acadêmica; um foco específico na saúde mental na organização da Semana Universitária nos últimos anos; a meta da UnB em se firmar como uma Universidade Promotora da Saúde (UPS). Ela afirmou, também, que, além de uma atenção por parte da gestão da instituição, os próprios profissionais que fazem parte da equipe da Secom têm se atentado mais ao assunto e buscado retratá-lo nas diferentes mídias. Por fim, ela conclui que “são aspectos que estão casados, tanto do interesse nosso em noticiar, quanto do interesse da administração de tratar esses temas juntos da comunidade acadêmica, fortalecendo uma rede de apoio”.

³⁴ https://noticias.unb.br/images/Noticias/Docs/2019_criterios_noticiabilidade.pdf

Renan concordou com o exposto pela Serena e complementou com alguns dados que ele considera como centrais nesse movimento de maior destaque para a saúde mental. Primeiramente, ele apontou que em 2019 houve uma mudança na gestão do Decanato de Assuntos Comunitários (DAC), em que o professor Ileno Izídio, que é da área da Psicologia, assumiu o cargo de decano já com o propósito de intensificar os cuidados com a saúde mental na universidade. Outro fator apontado — e aqui ele fez questão de ressaltar que é uma visão pessoal dele — é a mudança de perfil dos estudantes da UnB a partir da aplicação de políticas de afirmação que possibilitaram uma maior democratização no acesso à instituição. Renan argumentou que com esse movimento de aumento da entrada de uma parcela da população que talvez seja mais vulnerável socialmente e/ou economicamente, gera-se, também, uma possível pressão nesses estudantes e uma preocupação em relação a como vão se manter naquele ambiente com potenciais desafios — racismo, preconceitos, dificuldades financeiras. Ele também citou o acontecimento de casos de suicídio dentro do campus, que impulsionaram, ainda mais, a urgência de focar no tema da saúde mental. Por fim, Renan reforça o ponto exposto por Serena que, além das publicações de comunicação acompanharem esse movimento de maior foco na temática, a própria equipe da Secom tem buscado dar cada vez mais atenção ao assunto pelo cuidado com a comunidade universitária da qual fazem parte.

Com as respostas dadas fica claro que ambos consideram que a UnB, enquanto instituição, tem adotado um comportamento cada vez mais atento à questão de saúde mental da sua comunidade, especialmente dos estudantes. Além disso, há um consenso entre os dois de que os profissionais da Secom, a partir de um senso de responsabilidade e cuidado com a comunidade da qual fazem parte, têm se atentado mais ao tema e buscado retratá-lo com uma maior frequência.

Na sequência, perguntou-se se existiam dados sobre o consumo dos materiais publicados — especialmente a respeito do UnB Notícias — e como era a interação dos estudantes com os portais de comunicação da Universidade. Renan começou respondendo que não existem esses dados de forma formalizada, mas que eles percebem que os jovens estão muito mais presentes nas redes sociais do que nos portais institucionais. Entretanto, ele também expôs que, há algum tempo, tem-se uma impressão por parte da Secom de que os conteúdos publicados por eles conversam muito mais com os técnicos e docentes do que com os estudantes. Para isso, ele aponta duas razões principais. A primeira é que a Secom é subordinada a Reitoria e, portanto, acaba atendendo muito mais as demandas de professores e técnicos. Já a segunda é o fato de

que a Secom é composta por técnicos, então eles acabam tendo mais facilidade para se comunicar com esse público. Renan argumenta, então, que esse é um ponto crucial no qual a Secom precisa se desenvolver: adaptar a sua linguagem e os seus conteúdos para ir ao encontro do público jovem – que é a grande maioria da comunidade acadêmica. Como conclusão, ele compartilha que ele próprio foi estudante da UnB e na época não tinha conhecimento sobre a Secom e seus produtos, e que ainda hoje tem a impressão de que muitos estudantes também passam pela instituição da mesma maneira.

Ainda a respeito sobre o consumo dos canais de comunicação, Serena apontou que no caso dos portais institucionais há um interesse maior por parte daqueles que querem ingressar na UnB e acessam os sites em busca de informações sobre as provas de acesso. Sendo assim, ela apontou alguns desafios que percebe que a Secom tem que enfrentar. O primeiro deles é justamente a adoção de uma linguagem mais direcionada ao perfil dos estudantes, para que eles não só conheçam os canais, mas os consumam com regularidade. O segundo desafio é criar, desde o ingresso na Universidade, uma cultura de busca de informações dentro dos canais oficiais. E o terceiro desafio é se adaptar à tendência atual de uma comunicação mais instantânea e acessível, mesmo se tratando de uma comunicação institucional.

A partir das informações expostas, uma conclusão principal se destaca, que é justamente a falta de engajamento dos estudantes com os veículos comunicacionais da Universidade. Esse mesmo fator pôde ser observado já no questionário, quando a grande maioria dos participantes relatou não acessar – ou acessar raramente – os diversos canais. Como um dos causadores disso, Renan e Serena expõem que ainda há uma dificuldade na adoção de uma linguagem que não apenas chame a atenção dos estudantes, mas que os motivem a interagir com mais frequência. Assim, há uma urgência em pensar maneiras de alcançar esse público, para que os conteúdos ali construídos e veiculados para eles não sejam em vão.

Por fim, para encerrar a entrevista, foi questionado aos dois participantes como eles achavam que a Comunicação poderia ser aliada na questão da saúde mental dentro da Universidade. Renan iniciou sua resposta dizendo que tratar desse tema é um dever da Comunicação, especialmente da comunicação pública dentro de uma universidade, e que isso surge pela obrigação de servir ao público e pelo senso de responsabilidade pessoal e profissional. Entretanto, ele diz que para cumprir bem esse papel é necessário resolver justamente a questão anterior de conseguir se comunicar de forma efetiva com os públicos, pois apesar de considerar

que a equipe tem feito um bom trabalho no tratamento do tema, ele acredita que nem todas as pessoas que podem estar com algum sofrimento desencadeado pela vivência acadêmica estão sendo alcançadas. E, para ele, o objetivo é justamente “que os estudantes enxerguem na comunicação que a gente faz na Secom um ponto de apoio”. Renan complementa que, apesar de ainda poderem e deverem fazer mais, tem convicção de que os profissionais da equipe já estão atentos à discussão da saúde mental independentemente de haver — ou não — uma demanda por parte da gestão da instituição.

Mas acho que nossa visão da promoção da saúde mental como uma responsabilidade da comunicação dificilmente vai mudar. Mesmo que surjam mudanças institucionais ou alterações nos focos da UnB enquanto instituição, vai ser muito difícil tirar esse sentimento de que é algo que devemos fazer dentro da Secom. Mesmo que não tivermos a demanda institucional, nós iríamos atrás disso pela nossa própria iniciativa. As pessoas da nossa equipe não deixam essa chama apagar e veem isso como algo muito caro. (Renan Apuk)

Serena concordou com tudo o que foi apontado por Renan, reforçando a responsabilidade enquanto comunicadora de abordar essa temática. Ela também destacou o papel da Comunicação de dar visibilidade ao que a UnB já tem feito, levando essas informações ao público que pode estar precisando de ajuda. Além disso, foi colocado o ponto de que a estratégia de comunicação não deve partir apenas da Secom, mas, sim, ser um esforço conjunto entre todas as partes — administração superior, diretorias, faculdades, projetos de apoio —, sendo importante que todos compreendam a importância de comunicar aquilo que está sendo feito em prol da saúde mental, pois esse hábito pode trazer reflexos positivos. Por fim, Serena conclui dizendo que “a gente precisa também estabelecer pontes com todos os braços que atuam nessa área para que essa comunicação chegue de fato a quem precisa chegar, que é o mais importante”.

Percebe-se, portanto, que tanto Renan quanto Serena entendem que, como profissionais da comunicação, possuem a responsabilidade social de abordar a temática da saúde mental, especialmente em um espaço de tanta vulnerabilidade. Há, inclusive, um compromisso em manter a temática viva mesmo que a alta administração decida desviar o foco do assunto. Entretanto, os

dois também afirmam que, por mais que acreditem que tem sido realizado um bom trabalho na abordagem do tema e produção de matérias, os resultados ainda são insuficientes, principalmente pela dificuldade de alcançar os estudantes.

6.2 Entrevista 2

A segunda entrevista foi realizada com Júlia Consentino, também parte da Secom, que faz parte da equipe intitulada Relações Institucionais. Falando sobre a função da equipe e suas funções específicas, Júlia explica que, basicamente, atua na área de atendimento da Secom. Ou seja, tudo aquilo que chega enquanto demanda é tratado por ela e por suas colegas. Além disso, a equipe de Relações Institucionais é a responsável pela manutenção das redes sociais oficiais da UnB.

Após a explicação das suas funções dentro da Secom, foi perguntado se houve um aumento na presença da temática da saúde mental, tanto por demanda de terceiros dentro da UnB quanto no tratamento das redes sociais. Para isso, Júlia respondeu que com certeza houve um aumento e tentou elencar alguns possíveis causadores disso. O primeiro foi um caso de femicídio³⁵ que ocorreu dentro do campus Darcy Ribeiro e que, em sua percepção, teve forte efeito em todo o ambiente universitário e ocasionou um crescimento nas iniciativas de apoio à saúde mental. Além disso, Júlia apontou os casos de suicídio entre estudantes – dentro e fora do campus – que chegam ao conhecimento da UnB e que alavancaram mais ainda as discussões sobre o assunto. Também acrescentou que percebe que a UnB vai além dos limites de ser apenas uma instituição de ensino e tenta estar sempre muito alerta e agir em prol da questão da saúde mental e que a Secom tenta justamente dar visibilidade a isso, especialmente nas redes sociais.

Assim como Renan e Serena, Júlia demonstra que percebe que a Universidade tem demonstrado uma preocupação crescente com a temática da saúde mental, especialmente por alguns fatores elencados. E, também como já havia sido exposto por Serena, infere-se pela

³⁵ Informações disponíveis em <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/03/aluna-foi-morta-em-laboratorio-da-unb-por-afogamento-em-cloroformio.html>

resposta de Júlia que há um esforço conjunto entre a Secom e a administração para dar visibilidade ao tema.

Dando continuidade à entrevista, perguntou-se como é feito o tratamento da temática da saúde mental dentro das redes sociais. Sobre isso, Júlia disse que, especialmente com o surgimento da pandemia e todas as suas consequências, houve um fortalecimento da criação e divulgação de posts específicos para aqueles meios com o intuito de conscientizar sobre a importância de cuidar da saúde mental. Além disso, outra informação de extrema relevância apontada por ela foi que muitos alunos — até mesmo através de perfis fakes — utilizam as redes sociais para fazer relatos de sofrimento mental e pedindo ajuda.

A partir dessa informação, pediu-se que a entrevistada elaborasse um pouco mais sobre esse fenômeno dos estudantes utilizarem as redes sociais como canais para pedir ajuda. Júlia disse que os alunos enxergam as páginas nas redes sociais como uma forma direta de entrar em contato com a Universidade. Sendo assim, além de chegarem muitas mensagens com dúvidas práticas sobre questões mais pedagógicas, chegam também mensagens com teor como “não estou aguentando mais esse semestre”, “eu vou surtar”, “eu preciso de ajuda”, “estou deprimido”. E justamente nisso surge uma grande responsabilidade da Secom de não apenas fazer o encaminhamento para os profissionais que de fato podem dar uma ajuda especializada — sobre isso, Júlia ressalta que grande parte dos estudantes não sabem que a Dasu tem uma página específica —, mas, também, de dar um tratamento humanizado que pode ser crucial em um momento de dificuldade. Ela completa:

Uma coisa muito bacana é que a gente tenta compreender e se colocar no lugar daquele estudante. Às vezes, uma questão de algumas horas já faz muita diferença pra alguém que está desesperado, tendo alguma crise de ansiedade, então a gente tenta sempre agir na maior velocidade possível dentro das nossas limitações, mas sempre querendo ajudar, querendo ser solidários, ter compaixão com o próximo. (Júlia Consentino)

A partir do exposto por Júlia, percebe-se que as redes sociais podem surgir como alternativa para o cenário obtido no questionário em que grande parte dos estudantes afirmaram

não haver — dentro de seus cursos — um canal para relatar suas experiências. Nesse aspecto, a comunicação vai muito além de uma configuração que pode ser enquadrada como instrumental de apenas divulgar as ações realizadas pela instituição e se firma como um canal de escuta, possibilitando que aqueles estudantes em situação de vulnerabilidade emocional, e, muitas vezes, em estado de solidão, sintam-se ouvidos e possam ser direcionados para os profissionais qualificados para ajuda-los.

Por fim, foi feita a mesma pergunta de encerramento da Entrevista 1, sobre como a Comunicação pode ser aliada na questão da saúde mental dentro da universidade. Julia respondeu que a Secom, por ser a responsável pelos principais canais da UnB, tem o dever de fazer com que as informações sobre esse tema e esclarecimentos sobre grupos/projetos de apoio chegue aos estudantes e a quem mais interessar. Além disso, ela destaca o papel dos profissionais de comunicação de saberem direcionar aqueles que precisam de alguma ajuda aos locais ou às pessoas que podem auxiliar propriamente. Por fim, ela reforça a percepção de que a UnB tem feito, em sua opinião, mais do que talvez fosse a sua obrigação e tem um trabalho efetivo de escuta e de auxílio e apoio aos alunos, sendo necessário, portanto, que a Secom atue como ponte nesse processo, conectando os alunos que precisam de socorro aos instrumentos disponíveis para essa finalidade.

6.3 Entrevista 3

Por fim, a última entrevista foi realizada com a diretora da Dasu, Larissa Polejack. De acordo com os dados presentes no portal da Diretoria³⁶, Larissa é, além de diretora e uma das figuras centrais na estruturação da Dasu, psicóloga e professora do Instituto de Psicologia da UnB, com mestrado em Psicologia Clínica, doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde e pós doutorado em Saúde Coletiva e Saúde Pública.

Para dar início à entrevista, foi pedido que a entrevistada descrevesse mais detalhadamente a estrutura e o funcionamento da Dasu. Larissa explicou que a Diretoria foi criada em 2019 quando o professor Ileno Costa — citado previamente por Renan — foi convidado para

* Disponível em <http://Dasu.unb.br/institucional/equipe>

assumir o DAC. O novo decano tinha muita preocupação com a questão da saúde mental — especialmente após um caso de suicídio dentro do campus — e já tinha planos de criar algum tipo de movimento com ações em diferentes níveis para não apenas solucionar crises, mas já ter um cuidado preventivo. Então, assim que assumiu o Decanato, ele convidou a professora Larissa para ajudar a pensar na proposta da Dasu. Ela complementa, que a Diretoria foi planejada, também, para firmar a UnB enquanto UPS. Larissa explicou que esse movimento de colocar a universidade como promotora da saúde começou na década de 80, do século XX, por incentivo da OMS. Desde então, o movimento foi se espalhando e, no Brasil, a UnB se consagrou como pioneira e se tornou parte da Rede Brasileira de Universidades Promotoras da Saúde (REBRAUPS), que atualmente já conta com mais de 30 universidades no país. Larissa, que atua também na coordenação da REBRAUPS, diz que um dos fundamentos de uma UPS é, justamente, buscar se envolver com ações de promoção da saúde — física e mental.

Sendo estabelecida, portanto, a Dasu, foram definidas, também, 4 coordenações internas — todas compostas por uma equipe multidisciplinar — para que os objetivos fossem alcançados através de diversas ações voltadas para toda a comunidade acadêmica e, até mesmo, para a comunidade externa. A primeira delas é a Coordenação de Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde (CoRedes)³⁷, que tem como função principal estabelecer parcerias internas e externas para potencializar os trabalhos de promoção da saúde. Como um exemplo de suas ações, Larissa apontou que a CoRedes possibilitou, através de uma parceria com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal, a introdução da terapia comunitária na UnB. Além disso, a CoRedes também organiza diversas atividades para a conscientização sobre questões mais humanitárias, como a luta contra o racismo e a luta pelos direitos humanos. A segunda coordenação é a Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca)³⁸, que foca em propiciar uma vivência acadêmica — especificamente do ponto de vista pedagógico — de maior qualidade, promovendo ações como acolhimento de calouros e oficinas para ajudar no planejamento do tempo dentro da rotina acadêmica.

A próxima coordenação explanada por Larissa foi a Coordenação de Atenção Psicossocial (CoAP)³⁹ que é voltada especificamente para a questão da saúde mental. São diversos projetos e ações — de caráter individual e coletivo — voltados para o atendimento e/ou apoio psicológico.

³⁷ Mais informações em <http://dasu.unb.br/coordenacoes/coordenacao-de-articulacao-de-redes-para-prevencao-e-promocao-da-saude-coredes>

³⁸ Mais informações em <http://dasu.unb.br/coordenacoes/coordenacao-de-articulacao-da-comunidade-educativa-coeduca>

³⁹ Mais informações em <http://dasu.unb.br/coordenacoes/coordenacao-de-atencao-psicossocial-coap>

Além disso, Larissa também informou que nesse último semestre, devido à sobrecarga resultante dos efeitos mentais da pandemia, a CoAP conseguiu oferecer através de um edital, que alunos com situações de sofrimento mental e vulnerabilidade econômica recebessem um auxílio de R\$ 600,00 (seiscentos reais) durante 4 meses para ajudar no tratamento psicológico ou psiquiátrico. E a última coordenação é a Coordenação de Atenção e Vigilância em Saúde (CoAVS)⁴⁰ que foi criada para ajudar no enfrentamento ao Covid-19. Como uma de suas práticas, Larissa explicou que existe um aplicativo chamado Guardiões da Saúde, em que os usuários podem reportar seus estados de saúde e tirar dúvidas, e quando é relatado algum sintoma da Covid, a equipe da CoAVS já entra em contato para orientar o que deve ser feito.

Baseado no exposto por Larissa, é possível ilustrar o ponto recorrente nas entrevistas anteriores de que a Universidade tem buscado ativamente formas de enfrentar a questão do sofrimento mental dentro do espaço universitário. Percebe-se, também, que a Dasu tem uma percepção abrangente da saúde, abordando não apenas a questão física e mental, mas focando, junto a isso, em questões sociais, como discussões sobre direitos humanos e racismo, e questões pedagógicas, como no auxílio para que os estudantes se adequem à rotina universitária. Fica claro, portanto, que os esforços não são apenas para resolver situações de crise ou ir atrás de uma “cura”, mas têm um caráter muito preventivo, objetivando uma maior humanização de todo o espaço.

Ainda explicando sobre o funcionamento da Dasu, Larissa expôs que há uma relação de parceria com a Faculdade de Comunicação (FAC) e que a Comunicação é uma parte fundamental e atuante dentro da Diretoria. Como exemplo disso, ela falou sobre as medidas adotadas pela UnB para o enfrentamento da pandemia. Foi criado um comitê formado por especialistas de diferentes áreas que se distribuíram em subcomitês, sendo um deles específico para a saúde mental e apoio psicossocial. Dentro do subcomitê, havia 5 grupos de trabalho, com um específico para a área da comunicação que buscava maneiras de estar mais perto da comunidade acadêmica durante o período de quarentena, através de campanhas de conscientização e planejamento de ações dentro das redes sociais.

Dando continuidade na entrevista, perguntou-se como é a procura e a participação dos estudantes nos projetos oferecidos pela Dasu. Larissa informou que tem havido um crescimento na adesão às ações, sendo os programas de atendimento psicológico individual os mais

⁴⁰ Mais informações em <http://dasu.unb.br/coordenacoes/coordenacao-de-atencao-e-vigilancia-em-saude>

procurados. Ela também relatou que houve — e ainda há — uma grande dificuldade em fazer com que os estudantes saibam sobre a existência da Dasu e seus projetos, especialmente pelo fato de que em 2020, quando a Diretoria ia iniciar de forma efetiva a sua existência dentro do campus e divulgar mais concretamente as suas ações, a UnB passou a funcionar apenas virtualmente. Assim, tem sido um grande desafio alcançar as pessoas que podem necessitar de ajuda na modalidade apenas virtual. Em seguida, quando questionada sobre quais são as formas que os estudantes que utilizam algum serviço da Dasu ficam sabendo sobre a sua existência, Larissa apontou que, apesar de terem páginas ativas no Instagram e no Facebook e de também contarem com a divulgação nos cursos através de parcerias, o maior instrumento de propagação “é entre pares mesmo, de um que já está sabendo ou sendo atendido e fala para um colega ir lá, fala que é legal e importante. Acho que essa é a nossa maior divulgação”.

A resposta dada por Larissa vai muito ao encontro daquilo que foi percebido nos questionários em dois pontos. O primeiro — apesar da observação de que se tem percebido um crescimento na adesão dos alunos — é justamente que muitos estudantes — no caso do questionário, a grande maioria — ainda não conhecem os projetos de apoio psicológico oferecidos pela UnB. O segundo ponto é a forma pela qual aqueles que participam da Dasu ficam sabendo sobre a existência dos programas, pois, tanto no questionário quanto no exposto na entrevista, percebeu-se que a forma mais recorrente é justamente através da conversa com amigos/colegas, mesmo com uma divulgação ativa nas redes sociais da UnB e da Dasu.

Em conclusão, para encerrar a entrevista, perguntou-se mais uma vez sobre como a Comunicação pode ser aliada na questão da saúde mental dentro da universidade. Larissa foi muito enfática em dizer que considera a Comunicação uma peça essencial nesse empenho de tornar a vivência acadêmica mais saudável, pois, apesar de haver profissionais qualificados e empenhados em fazerem o cuidado, há uma falta de expertise em fazer com que esse cuidado alcance os diferentes públicos que podem estar necessitados. Ela complementou que é justamente esse o maior desejo que ela tem: ter uma comunicação efetiva que possibilite esse processo e, até mesmo, amplie as oportunidades de apoio. Ela disse, também, que há um grupo de trabalho na Dasu para cuidar especificamente da comunicação, mas que ainda é muito limitado, apesar de fundamental. Por fim, Larissa expôs que acredita que deveria existir, já desde a graduação, uma parceria mais ativa entre a Comunicação e a Psicologia.

Com a última resposta de Larissa, fica explícita a sua convicção de que a Comunicação precisar atuar como aliada dentro da temática da saúde mental, reforçando, principalmente, aquilo que já havia sido observado nas entrevistas anteriores de servir como uma forma de ampliar o conhecimento a respeito daquilo que a Universidade oferece, auxiliar a alcançar aqueles que podem precisar ser amparados por algum dos programas. Essa visão exposta pelos quatro entrevistados é, de fato, importante e pode ajudar muitas pessoas, entretanto, é importante atentar-se ao perigo de redução do papel da Comunicação a este único fator de divulgação.

7. Discussão dos resultados

Após a aplicação das técnicas de recolha e análise de dados, é indispensável uma discussão geral que englobe e compare tudo aquilo que foi possível adquirir como informação. Com o capítulo voltado para a UnB, foi possível, primeiramente, conhecer um pouco mais sobre a Universidade e, principalmente, investigar a forma que a instituição enxerga a questão da saúde mental e quais são as medidas adotadas em função disso. Além disso, com a pesquisa documental e análise de conteúdo do site UnB Notícias, foi possível perceber como a temática tem sido comunicada pela equipe de comunicação da Universidade.

Em seguida, com a aplicação do questionário e leitura de seus resultados, permitiu-se entender, mesmo que a partir de uma amostragem limitada, como os estudantes conciliam a vivência universitária com a saúde mental, a relação que eles têm — ou não — com os projetos de apoio psicológico oferecidos pela UnB e, por fim, verificar como é o consumo dos materiais de comunicação relativos à instituição. Por fim, com a realização das entrevistas, foi viável um aprofundamento nas informações descobertas a partir da percepção de profissionais de comunicação que atuam na Secom e da diretora da Dasu.

Desse modo, fundamentando-se nos resultados obtidos com as três etapas realizadas, além da base teórica inicial, foi possível chegar em quatro pontos principais, que se mostraram constantes, e que merecem um olhar mais atento: a preocupação com a saúde mental; a Comunicação como ponte; a importância de alcançar o público; a comunicação informal. É válido reforçar que aquilo que aqui foi recolhido e será agora discutido diz especificamente a respeito da UnB, que foi o objeto escolhido para análise.

7.1 Preocupação com a saúde mental

O primeiro ponto que ficou evidente a partir da comparação dos resultados obtidos foi que a saúde mental é uma questão de extrema relevância para a UnB. Antes de adentrar nos dados que evidenciam essa preocupação, é importante, também, reforçar os dados que mostram que, de fato, há uma relação alarmante entre a vivência universitária e a saúde mental dos estudantes.

Dentro do percurso do questionário, havia uma seção exclusiva para a questão da saúde mental dos participantes. Apesar da amostra que participou da pesquisa ser insuficiente para representar toda a população de estudantes de graduação da UnB, os resultados obtidos revelam uma realidade inquietante que não pode ser ignorada. Quase a totalidade dos respondentes apontaram que sentem uma relação entre a saúde mental e a vivência universitária, sendo que os efeitos dessa relação — na maioria das respostas — são sentidos com uma frequência ocasional ou constante. Junto a isso, as experiências e os fatores causadores reforçam, ainda mais, que é um problema que não pode ser ignorado e que há a necessidade de serem pensadas maneiras de tentar tornar mais leve o trajeto dos estudantes dentro da experiência na UnB.

Felizmente, as informações obtidas no percurso do trabalho comprovam que a UnB demonstra uma preocupação real com a saúde mental não apenas de seus estudantes, mas de toda a comunidade acadêmica. Já no capítulo centrado em compreender melhor o perfil da instituição foi possível verificar que há uma quantidade significativa de projetos e grupos que focam justamente nessa questão. Além disso, a análise do site UnB Notícias revelou que, apesar de ainda não ser tão frequente quando idealmente poderia ser, a temática da saúde mental tem se estabelecido como uma pauta de maior valor e tem tido maior presença no canal nos últimos anos. Esses dados foram corroborados pelos profissionais da Secom que, em suas entrevistas, afirmaram que, de fato, tem tido um aumento no foco dado à questão da saúde mental dentro da universidade e expressaram que esse é um tema muito valioso para eles. Além disso, a partir da análise do site e das entrevistas, notou-se que a pandemia foi um fator determinante para que a saúde mental fosse, ainda mais, um assunto de extrema relevância.

Por fim, a entrevista com a diretora da Dasu, Larissa Polejack, foi a evidência final de que a preocupação com a saúde mental dentro da UnB é tangível e que há um grande esforço em buscar formas de dar apoio aos estudantes — e outros públicos — que vivem algum tipo de sofrimento. Larissa explicou de forma bastante detalhada as diversas formas que a Dasu, que por si só já é um indicativo do interesse da Universidade com a saúde mental, busca preservar a saúde de toda a população que por ali passa. Além disso, a caracterização da UnB enquanto uma UPS é um fato muito significativo, pois demonstra a consciência de que o espaço universitário deve ir além de unicamente fornecer conteúdos aos seus estudantes e deve, também, garantir as ferramentas necessárias para que todos aqueles que por ali percorrerem tenham uma experiência saudável e engrandecedora.

A atenção da UnB em planejar formas de apoio psicológico aos estudantes vai bastante ao encontro das ideias abordadas pelos autores apresentados no capítulo sobre saúde mental a respeito da importância das universidades se posicionarem sobre a questão e tomarem iniciativa. Destacam-se, principalmente, as falas de Assis e Oliviera (2010) que defendem fortemente que através da promoção de ações de apoio é possível combater o sofrimento mental dentro do meio acadêmico e a ideia exposta por Nogueira-Martins e Nogueira-Martins (2018) de que a preocupação em pensar formas práticas de ajudar os estudantes com dificuldades emocionais e facilitar o percurso universitário deve ser multidisciplinar, envolvendo as diversas áreas e diversos profissionais que fazem parte da instituição.

7.2 Comunicação como ponte

Apesar de ter ficado claro que há uma preocupação dentro da UnB com a temática da saúde mental e que há uma disponibilidade de variadas alternativas de projetos e grupos de apoio psicológico, ficou muito claro que sem um alinhamento com a Comunicação para que essas ofertas alcancem aqueles que precisam, essa variedade de ações acaba perdendo o propósito. Mas antes de entrar especificamente na questão de como tem sido esse alcance dos projetos aos públicos, é pertinente perpassar pelos entendimentos obtidos — ou reforçados — a partir das técnicas utilizadas em relação às maneiras que a Comunicação pode ser aliada no esforço de melhorar a saúde mental dos estudantes.

Teve um termo que foi utilizado em duas entrevistas — por Serena e por Júlia — e que revela bastante sobre a responsabilidade da Comunicação dentro do campo da saúde mental, englobando alguns significados que merecem ser explorados: a Comunicação como ponte. Ao pensar em uma ponte em seu sentido literal como um artifício arquitetônico de travessia, é possível destacar três funções, que estão conectadas, sendo uma consequência direta da outra: possibilitar que algo ou alguém chegue de um ponto a outro; fazer a conexão entre dois ou mais lugares; e garantir uma travessia segura em algum lugar de risco. A partir dessas três funções da ponte enquanto objeto físico, é possível fazer uma correlação com funções da Comunicação dentro do aspecto da saúde mental, especialmente no contexto universitário, e que foram possíveis observar a partir dos resultados obtidos.

A primeira função citada é possibilitar que algo ou alguém chegue de um ponto a outro. Essa função é facilmente associável a noção comunicacional básica de transmissão de uma mensagem, fazendo com que ela saia do emissor e chegue ao receptor. E essa noção de transmissão de uma informação foi verificada em alguns pontos na realização da pesquisa empírica, especificamente de duas formas principais: divulgação e conscientização. Dentro do aspecto de divulgação, já na análise do UnB Notícias ficou muito evidente que grande parte das publicações tem, justamente, o intuito de divulgar a realização de eventos relacionados à saúde mental e os grupos de apoio disponibilizados pela Universidade. Esse mesmo ponto foi reforçado pelos quatro entrevistados, que explicitaram a importância de utilizar os meios de comunicação disponíveis na UnB para fazer com que os alunos e demais públicos saibam sobre tudo aquilo que a instituição oferece e, portanto, possa ter um efeito positivo na comunidade acadêmica, afinal, de nada vale serem pensadas ações de apoio psicológico se aqueles que precisam desse apoio não sabem da sua existência. Esse aspecto da divulgação daquilo que é realizado dentro da Universidade também vai fortemente ao encontro do aspecto apresentado no enquadramento teórico de que a Comunicação em saúde possibilita um empoderamento dos cidadãos — nesse caso, a população universitária — quando os mesmos têm conhecimento sobre aquilo que é oferecido a eles enquanto oportunidade de melhoria da saúde.

O aspecto de conscientização foi também observado nas publicações do UnB Notícias, apesar de em uma quantidade menor que as divulgações, através da tendência de aprofundar a discussão sobre o tema. Além disso, nas entrevistas com Júlia e com Larissa verificou-se, também, uma preocupação com a utilização das redes sociais para conscientizar os públicos sobre a importância dos cuidados com a saúde mental, especialmente com a ocorrência da pandemia. Essa dimensão da conscientização foi também apontada no enquadramento teórico, especificamente ao tratar sobre o jornalismo de saúde, revelando que a visão que um público tem sobre um assunto está muito conectada com a forma que as mídias tratam esse assunto. Portanto, especificamente sobre a saúde mental dentro da vivência acadêmica, é possível inferir que quanto mais os veículos de comunicação falarem sobre o tema, mais as pessoas vão assimilar que não há vergonha ou demérito em sentir a sua saúde mental afetada dentro da vivência universitária, além de possibilitar um sentimento de pertença por saberem que não estão sozinhos nessa dificuldade.

Contudo, ainda nessa primeira função de transmissão da mensagem — seja com teor de divulgação ou de conscientização — reside o risco daquilo que foi apontado e problematizado nos

primeiros capítulos: a instrumentalização da comunicação. Como Araújo e Cardoso (2019) e Kunsch (2019) apontam, pode surgir uma tendência de reduzir todo o processo de comunicar sobre a saúde mental a um conjunto de técnicas que, se bem aplicadas, vão garantir resultados, ignorando todos os contextos sociais e pessoais que podem interferir nesse processo, especialmente em um ambiente tão complexo e diversificado quanto a UnB. Além disso, é válido ressaltar aquilo exposto por Pinto-Coelho (2013) sobre o hábito de excluir os saberes leigos no tratamento das temáticas de saúde, sendo a população reservada exclusivamente ao papel de “receptor”. Especificamente no objeto aqui pesquisado, não faz sentido excluir as vozes dos estudantes quando o foco é, justamente, falar sobre o sofrimento mental sentido por eles. Sendo assim, apesar da essencialidade de divulgar as ações e incentivar a conscientização sobre a temática da saúde mental, deve-se ter muita atenção para não haver uma simplificação no processo de tratamento do tema e, principalmente, para que os estudantes não sejam deixados de lado. Envolvê-los na construção de conteúdos na temática é uma forma de ampliar suas vozes e aprofundar as discussões.

Indo além da função de transmitir uma mensagem — fazer com que algo chegue de um ponto a outro —, a segunda função destacada é a de fazer a conexão entre dois ou mais lugares. Esse aspecto foi constatado principalmente dentro de duas entrevistas. Na conversa com Serena, ela enfatizou a importância de serem adotados métodos de união entre os diversos agentes dentro da UnB que atuam de alguma forma dentro da questão da saúde mental. Para isso, é importante que os profissionais de comunicação enfatizem aos demais agentes a importância de comunicar tudo aquilo que tem sido feito em prol da saúde mental e que sejam traçadas estratégias que englobem diferentes áreas da Universidade, potencializando os resultados. Nas respostas de Larissa também foi possível observar essa ênfase na importância de os profissionais de comunicação se associarem aos profissionais de outras áreas, para que, a partir de uma riqueza de perspectivas e competências, as ações voltadas à saúde mental sejam mais eficazes. A importância de unir-se e apoiar-se em outras áreas e disciplinas também foi explicitada dentro da base teórica, sendo apontada como uma estratégia de comunicação. Além disso, assim como exposto no parágrafo anterior, os próprios estudantes devem ser considerados enquanto parte essencial desse fenômeno de conexão entre diferentes agentes.

A terceira função que é facilmente associada à ponte como objeto é garantir uma travessia segura em algum lugar de risco. Essa função pode ser relacionada à Comunicação, considerando as informações encontradas, no sentido de que, quando aplicadas de forma humanizada, as

práticas dos profissionais da área podem fornecer uma sensação de segurança aos estudantes em situação de vulnerabilidade mental. Esse ponto foi fortemente visto também em duas entrevistas específicas. Na conversa com Renan, ele colocou que tem a expectativa de que com um trabalho bem realizado os estudantes possam enxergar na Secom um ponto de apoio diante de algum eventual sofrimento emocional. Já na entrevista de Júlia, foi revelado que há uma tendência de os estudantes utilizarem as redes sociais para pedir socorro, expondo situações de sofrimento e estresse. Nisso, os canais de comunicação se estabelecem, também, como canais de escuta. E aí está a grande responsabilidade que o profissional de comunicação deve assumir de se colocar da forma empática e humana, indo além, muitas vezes, das competências técnicas da área da Comunicação. Esse aspecto também pôde ser verificado na teoria selecionada para o trabalho, onde foi exposto que o processo comunicativo dentro do campo da saúde deve sempre ser acompanhado de muita sensibilidade.

Verifica-se, portanto, a partir dos resultados obtidos, que a Comunicação tem uma variedade de funções quando aplicada ao contexto da saúde mental dentro da universidade e pode, quando utilizada de forma correta, trazer grandes benefícios. A analogia da ponte permite uma visualização mais fácil de como esse processo ocorre, especificamente, dentro da UnB. Sendo assim, conclui-se que: a partir da divulgação daquilo que é oferecido pela instituição e publicações de conscientização sobre a temática da saúde mental é possível alcançar pessoas em vulnerabilidade emocional que podem necessitar desse conteúdo, sendo necessário um grande cuidado para não cair na simplificação da instrumentalização; a Comunicação pode fazer ligação com outros agentes — profissionais de outras áreas, coordenadores, professores, estudantes — e potencializar as possibilidades de ajuda à comunidade acadêmica; os canais e profissionais, a partir de um processo de escuta e de sensibilidade no tratamento do tema, podem se configurar como pontos de segurança e apoio para aqueles que precisam.

7.3 Importância de conhecer o público

Como os dois pontos acima mostram, foi possível verificar com os processos de recolha de dados aplicados que a UnB assume um papel ativo e responsável perante à questão da saúde mental de sua comunidade e que a Comunicação pode ser uma forte aliada para fortalecer as

ações e a discussão sobre a temática. Entretanto, observou-se, também, que ainda há uma forte dificuldade em fazer com que esses conteúdos alcancem os estudantes.

A primeira evidência desse fator veio a partir da aplicação dos questionários. Em uma das perguntas foi apresentada uma lista com alguns dos projetos oferecidos atualmente pela Universidade e perguntou-se se os participantes já tinham ouvido falar, conheciam alguém que já tinha utilizado ou se eles mesmos já tinham utilizado os projetos. Nos 13 projetos apresentados a maioria dos estudantes respondeu que nunca tinha ouvido falar, sendo que em 10 esse número representou mais de dois terços. Percebe-se, portanto, que — tendo como referência apenas os participantes do questionário — há uma situação problemática. A UnB oferece uma variedade de ações focadas em dar suporte e apoio para alunos que estão sentindo a sua saúde mental afetada, mas muitos estudantes sequer ouviram falar sobre esses projetos. A diretora da Dasu, Larissa, comentou que, de fato, tem sido um grande desafio alcançar os estudantes para que fiquem sabendo sobre tudo aquilo que é oferecido e possam ser ajudados, colocando a condição das aulas em modo virtual como um fator agravante. Larissa explicou, também, que há uma equipe de comunicação dentro da Diretoria e que é responsável pelas redes sociais, que são ativas, mas, ainda assim, não há um alcance tão efetivo. Para fins de referência, atualmente a página da Dasu no Instagram conta com 2 609 seguidores⁴¹.

A dificuldade de alcançar os alunos, entretanto, não é uma questão exclusiva da Dasu. Também no questionário, foi-se perguntado em relação ao consumo dos canais de comunicação da UnB. Assim como na pergunta referente aos programas de apoio psicológico, os resultados obtidos não foram tão satisfatórios. Em todos os canais listados — site institucional, UnB Notícias, Instagram, Facebook, Twitter, comunicação offline dentro da Universidade — a maioria dos participantes responderam ou que nunca acessam ou que acessam raramente. É válido ressaltar que há, portanto, uma relação entre a falta de conhecimento sobre as ações oferecidas e a pouca utilização dos veículos comunicacionais da instituição, pois esses meios são uns dos instrumentos principais para a divulgação dos projetos.

Na entrevista com Renan e com Serena foi possível ir mais fundo sobre o consumo e a interação dos estudantes com os canais de comunicação da Secom. Renan expressou que percebe que existe uma dificuldade em alcançar esse público e que isso se dá, principalmente, pela linguagem que eles utilizam dentro dos materiais publicados. Ele explicou, então, que sente que

⁴¹ Número verificado no dia 17/12/2021.

há um distanciamento entre a forma que eles comunicam e a linguagem atual dos jovens — faixa etária da grande maioria dos estudantes —, fazendo com que não surja um interesse em consumir esses conteúdos. Renan acrescentou, inclusive, que ele mesmo não conhecia os veículos e materiais da Secom quando era estudante de graduação na UnB. Ele diz, ainda, que acredita que para que o papel da Secom seja cumprido de forma efetiva, é preciso, de fato, aprender a se comunicar com mais eficácia com os estudantes. Também no mesmo tópico, Serena reforçou a dificuldade em alcançar o público jovem dentro dos meios de comunicação da Universidade e que sente o desafio de que seja criada uma cultura entre os estudantes de acessarem esses meios com mais frequência. Ela também atribui esse alcance ainda não tão eficaz à dificuldade de adoção de uma linguagem mais apropriada ao público.

A partir de todas essas informações, chegou-se ao terceiro ponto: a importância de conhecer o público. Esse ponto já havia sido mencionado, também, nos capítulos teóricos, especificamente na parte de comunicação estratégica em saúde, em que foi alertado sobre o risco de generalizar o público e sobre a necessidade, portanto, de estudar os públicos específicos, aumentando a precisão daquilo que é construído enquanto material comunicacional. Entretanto, a prática de conhecer o público — especificamente os estudantes — se mostra especialmente difícil dentro da UnB ao levar em conta que é uma população de mais de 39 000 pessoas e composta por uma amplitude de características de cunho social, racial, etário, sexual, econômico e de gênero. Assim sendo, é difícil reduzir todos os estudantes da Universidade a um grupo homogêneo e definir uma linguagem única para se comunicar. Surge assim, portanto, um dos pontos de maior dificuldade, mas, ao mesmo tempo, um dos pontos mais necessários, pois, como já foi colocado acima, se os estudantes — especialmente aqueles em situação de sofrimento mental — não forem alcançados, os vários projetos de apoio acabarão perdendo o propósito. Portanto, é indispensável ir além de uma comunicação generalizada para toda a população acadêmica e conhecer os públicos de forma mais individualizada, potencializando, assim, não só o alcance, mas o consumo frequente dos canais de comunicação oferecidos pela instituição.

Outro fator que deve ser levado em consideração e que pode tornar a comunicação mais eficaz e facilitar o conhecimento do público é, justamente, escutá-lo e torna-lo parte do processo, promovendo uma comunicação participativa. Nesse aspecto, é válido ressaltar a visão de Araújo e Cardoso (2019) que foi apresentada nos capítulos iniciais sobre a importância de uma descentralização da produção de matérias e campanhas. Isso não significa tirar o encargo dos profissionais de comunicação, mas é uma forma de aproximar os estudantes daquilo que é

produzido — para eles —, facilitando não apenas a adoção de uma linguagem mais apropriada — dificuldade apontada nas entrevistas —, mas garantindo que eles se sintam representados e criem real interesse por aquilo que é veiculado pela Universidade. Além disso, assim como diz Nassar (2012), com a troca de saberes a comunicação deixa de ser monológica e o público — os estudantes — passam a fazer parte da conversa. Percebe-se, portanto, que a Comunicação pode auxiliar a causa da saúde mental nas universidades sendo, além de um canal de escuta, um instrumento para amplificar as vozes dos estudantes em situação de vulnerabilidade mental.

7.4 Comunicação informal

Por fim, observou-se mais um ponto de destaque a partir da análise e comparação de todos os resultados obtidos: o papel essencial da comunicação informal. Entende-se aqui como comunicação informal todo o processo comunicacional que não se utiliza de um canal próprio de comunicação, mas que ocorre a partir de uma interação entre duas ou mais pessoas. As respostas no questionário e a entrevista com Larissa forneceram dados relevantes para chegar a esse ponto.

Dentro do questionário havia uma questão que perguntava sobre a forma que os participantes ficaram sabendo a respeito dos programas de apoio oferecidos pela UnB. A opção mais marcada foi “por algum amigo/colega”, com uma quantidade de 20% a mais de respostas que a opção seguinte. Fica claro, já por essa questão, que a divulgação boca a boca se mostra mais eficaz e mais frequente do que as divulgações mais formais utilizando os canais específicos para comunicação. Além disso, ainda na mesma pergunta, 14,9% dos participantes afirmaram conhecer os projetos a partir das falas de professores ou coordenadores, interação que também se configura enquanto comunicação informal.

Ainda no mesmo tópico e reforçando os dados encontrados, quando foi perguntado a Larissa sobre como normalmente os participantes dos projetos oferecidos pela Dasu ficam sabendo sobre a sua ocorrência, ela respondeu que, mesmo com publicações frequentes nas redes sociais, o meio mais comum pelo qual as pessoas chegam até a Dasu é justamente pela divulgação através de amigos e conhecidos que já participaram de algum projeto e fazem a

propaganda para outros que possam precisar. Foi destacada também a ocorrência de divulgações dentro dos cursos e das aulas, através de iniciativas dos professores e coordenadores.

Fica evidente, dessa forma, que a comunicação informal se revela como um instrumento essencial para fazer com que as iniciativas oferecidas pela Universidade alcancem um maior número de estudantes. Esse fenômeno é abordado por Bass e Parvanta (2018) que, ao tratarem sobre a comunicação em saúde funciona em diferentes níveis, explicam como é possível, através de uma dinâmica de compartilhamento de informações em nível interpessoal, alcançar um maior número de pessoas. Elas ressaltam também a importância de alcançar pessoas chave que são vistas como influenciadoras e podem impulsionar o debate sobre o assunto. No caso do contexto universitário, os próprios professores e coordenadores podem ser vistos como figuras de influência.

E o papel dos profissionais da Comunicação e dos responsáveis pela manutenção dos projetos é, portanto, pensar em maneiras de proporcionar o acontecimento de conversas sobre o assunto. Isso pode ocorrer de diversas maneiras, como através da presença de materiais físicos em pontos estratégicos pela UnB — especificamente com o retorno das aulas presenciais —, através da parceria com os cursos para que seja incentivado a abordagem do tema da saúde mental dentro das aulas, a realização de eventos que tratem sobre o assunto e fomentem a discussão, e pela continuidade de divulgação dentro das redes sociais e demais canais, além dos esforços para começar a fazer com que os estudantes se tornem parte do processo de criação dos materiais produzidos.

8. Considerações finais

8.1 O percurso da pesquisa e os resultados obtidos

A partir da convicção de que, pela sua potencialidade de alcançar as pessoas e influenciar comportamentos e percepções, a Comunicação deve ser uma área acompanhada de um senso de responsabilidade social, sendo utilizada e direcionada para a constante melhoria e evolução da sociedade, este trabalho objetivou investigar qual é o papel que a Comunicação deve assumir no contexto de preocupação com a saúde mental — especialmente dos estudantes — dentro da vivência universitária, utilizando a Universidade de Brasília como referência para estudo.

Já no capítulo inicial a respeito da saúde mental e a sua relação com a realidade acadêmica tornou-se evidente que a experiência dentro de uma universidade, apesar de ser um momento de engrandecimento pessoal e profissional, pode ser acompanhada, também, de dificuldades e fatores que podem resultar em sofrimento emocional, podendo ser experimentado nas mais variadas maneiras e intensidades. Nas falas dos autores foi possível verificar que há um movimento crescente de atenção à temática, mas, também, que ainda é um desafio muito distante de ser solucionado. Os dados apresentados a partir de pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal surgem como evidências de que, de fato, é um problema muito palpável e que, especialmente com as consequências da pandemia, ainda gera muitos efeitos.

Com a pesquisa bibliográfica voltada à interação entre as áreas da Comunicação e Saúde foram dados exemplos de como essa relação pode trazer inúmeros benefícios e que uma área pode potencializar a outra. Foram destacadas duas subáreas específicas — comunicação estratégica em saúde e jornalismo de saúde — que possuem funções e possibilidades específicas, indo desde capacitar e possibilitar o empoderamento dos cidadãos com informações sobre cuidados saudáveis e direitos na área da saúde até conscientizar as pessoas sobre diversos assuntos relativos ao campo da saúde, especialmente dentro do campo da saúde mental, onde, por muito tempo, falar sobre o assunto foi enxergado como um grande tabu. Foi verificado, também, que apesar dos muitos benefícios que podem ser atingidos com a prática da comunicação em saúde, há riscos envolvidos e comportamentos problemáticos que devem ser evitados.

Entrando mais especificamente na realidade da UnB, foram utilizadas algumas técnicas de pesquisa para possibilitar não apenas a recolha de dados, mas, também, a interpretação e análise. A primeira etapa consistiu em uma análise aprofundada a respeito da instituição, investigando informações relativas à sua estrutura física, organizacional e sua população – estudantes de graduação e pós-graduação, servidores e técnicos –, além de prescrutar o comportamento da Universidade face à questão da saúde mental de sua comunidade, especialmente os estudantes. Nisso, obteve-se um resultado bastante satisfatório pela ampla quantidade de projetos e ações com o intuito de dar apoio àqueles que estão passando por algum momento de vulnerabilidade emocional. Verificou-se também a existência de uma diretoria – responsável pela grande maioria dos programas de apoio - específica para tratar da saúde de toda a comunidade acadêmica, com grande foco especialmente direcionado ao campo da saúde mental.

Como complemento, foi realizada uma análise de um dos principais portais de comunicação da Universidade, o UnB Notícias. Foi constatado que a temática da saúde mental tem se constituído como uma pauta cada vez mais presente, apesar de ainda não ter uma constância tão vasta quanto talvez fosse necessária. Percebeu-se, também, que há dois objetivos principais nas publicações sobre o tema. O primeiro e mais frequente é a divulgação de eventos ou de projetos, visando levar ao público interessado – especificamente aqueles em condição de sofrimento emocional – alternativas de suporte oferecidas pela instituição. O segundo objetivo também percebido com frequência foi a conscientização sobre a importância do cuidado com a saúde mental, aprofundando o debate sobre o assunto e, até mesmo, trazendo dicas práticas para uma vida emocional mais saudável.

Dando prosseguimento foi aplicado um questionário direcionado aos estudantes de graduação da UnB, a fim de identificar suas percepções sobre o tema aqui estudado e sobre o consumo dos materiais comunicacionais da Universidade. No que diz respeito à saúde mental, as respostas deixaram claro que na visão dos participantes há um consenso de que a experiência universitária tem relação com o estado emocional. Entretanto, apesar de a grande maioria dos respondentes relatarem situações de sofrimento mental causadas por diferentes aspectos, os programas de apoio psicológico são desconhecidos por muitos. Também através dos questionários foi possível inferir que os materiais comunicacionais produzidos pela UnB são consumidos apenas por uma pequena parcela dos participantes e com uma frequência mínima.

Por fim, para complementar as descobertas realizadas com as análises e com o questionário, foram realizadas entrevistas com três profissionais da Secom e com a diretora da Dasu. As entrevistas permitiram algumas conclusões principais. A primeira delas, reforçando aquilo que já tinha sido verificado anteriormente, foi que, de fato, há uma preocupação muito forte e crescente da UnB com as questões da saúde mental de sua comunidade, evidenciada pela consolidação da instituição como uma UPS e, principalmente, pelo vasto trabalho da Dasu, que foi explicado em maior detalhamento pela sua diretora. A segunda conclusão foi a de que, de fato, há uma distância entre os materiais de comunicação e os estudantes, e isso se dá, principalmente, pela dificuldade em falar uma linguagem que os atraia. A terceira conclusão principal foi de que, numa visão unânime entre os entrevistados, a Comunicação é uma aliada indispensável no esforço pela saúde mental dentro da Universidade, auxiliando os programas de apoio — através da divulgação — a alcançarem aqueles que estão necessitando de ajuda, fomentando o debate sobre a saúde mental, e, através, principalmente, das redes sociais, estabelecendo-se como um ponto de segurança onde os estudantes podem expressar os seus sofrimentos e se sentirem ouvidos.

Esta pesquisa, portanto, conseguiu compreender, de uma forma mais prática e aprofundada, de que maneiras a união entre os campos da Comunicação e da saúde mental podem andar lado a lado no universo acadêmico. A partir dessa parceria, é possível chegar a um maior número de estudantes que, apesar de estarem em sofrimento, não têm o conhecimento a respeito das formas de ajuda que estão disponíveis naquele espaço, além de ser possível, também, desmistificar cada vez mais o assunto da saúde mental e trazer conforto a muitos em situação de vulnerabilidade emocional que pensam ser os únicos que estão passando por isso ou que têm, até mesmo, vergonha de falar sobre aquilo que estão vivenciando.

Contudo, também foi possível verificar nas descobertas realizadas com a pesquisa empírica alguns dos fatores problemáticos e de risco elencados já nos capítulos teóricos, especificamente dois. O primeiro é a tendência de instrumentalização da comunicação em saúde. Esse ponto foi verificado especialmente na maneira em que — diversas vezes — a função principal atribuída à Comunicação dentro dos esforços para um ambiente universitário saudável foi a divulgação de projetos. É inegável a importância desse aspecto de fazer com que as alternativas de apoio psicológico oferecidos pela universidade alcancem aqueles que estão em estado de sofrimento, entretanto, não se deve reduzir a Comunicação a isso. O tratamento de um tema tão complexo e tão pessoal como a saúde mental nunca ocorrerá — de forma eficaz — de uma maneira tão simples assim. O segundo aspecto problematizado na fundamentação teórica e que pôde ser

verificado é a existência de uma comunicação ainda vertical — mesmo que inclua outros departamentos e profissionais de outras áreas —, pois ficou evidente que os estudantes — que representam a grande maioria da população universitária — ainda não participam dos processos comunicacionais na instituição. E, especificamente dentro dos esforços para construção de uma cultura voltada para a saúde mental, a transformação deve ser feita com os estudantes.

Por fim, ao considerar o tema da pesquisa, fica muito claro que, apesar dos desafios, dificuldades e problemas que ainda perpassam essa relação entre os campos da Comunicação e da Saúde no espaço universitário, as potencialidades são muito amplas e valem o esforço. Com um trabalho bem realizado — mesmo que implique na reestruturação de alguns processos — e que envolva, principalmente, os estudantes — afinal, quem melhor para falar sobre o sofrimento mental dos estudantes do que eles próprios —, é possível ter uma grande ampliação de todos os resultados positivos que já estão sendo alcançados, tornando a universidade um espaço cada vez mais saudável e acolhedor.

8.2 Contribuições e limitações

O debate sobre a saúde mental vem crescendo constantemente e é visível a forma em que o assunto têm se tornado presente nas mais diversas esferas. Entretanto, ainda há muito o que ser desmistificado e muito a ser desbravado dentro dessa temática. Além disso, apesar de a associação entre a saúde mental e a vivência universitária não ser um tema novo ou ignorado, pela importância que o mesmo representa, toda contribuição dentro da discussão do tema é muito bem-vinda.

É esperado, portanto, que a partir da leitura de todo o material aqui produzido e de todas as informações apresentadas surja um incentivo a discussão sobre esse tema que é tão valioso. Os dados alarmantes apresentados nesta e em outras pesquisas revelam o quão longe a questão do sofrimento mental dentro da universidade ainda está de ser resolvida. Sendo assim, é importante que haja um reforço constante no debate sobre a pauta.

É possível, então, destacar três contribuições principais que podem surgir a partir da realização deste trabalho. A primeira é, justamente, servir como incentivo para a discussão do

tema e, principalmente, na busca de formas de fazer com que a trajetória na universidade seja cada vez menos acompanhada de gatilhos e causadores de sofrimento mental, mas que se torne um ambiente seguro e de fortalecimento. A segunda contribuição principal é que o tema aqui debruçado e os conhecimentos compartilhados sirvam para fortalecer a ideia de que os profissionais da Comunicação devem ir além de uma perspectiva apenas mercadológica ou institucional e criem consciência da responsabilidade e potencial social que a área carrega. A Comunicação, através de seus inúmeros recursos e possibilidades, pode – e deve – ser um fator inestimável de transformação social. E a terceira contribuição que se espera que surja como consequência da leitura deste material é o incentivo de uma união ainda mais forte e frequente entre o campo da Comunicação e o campo da Saúde. Especialmente após o Covid-19, ficou fortemente evidente que as pessoas de todo o mundo precisam muito de saúde – em todos os seus sentidos – e as ferramentas comunicacionais são aliadas valiosas nessa causa.

Contudo, apesar das contribuições que podem surgir a partir deste trabalho, é importante, também, reconhecer as suas limitações. A primeira delas, e talvez a mais evidente, é o fato de que se trata de um estudo de caso específico sobre a Universidade de Brasília. Assim sendo, torna-se impraticável a generalização dos resultados aqui obtidos para todas as experiências universitárias ou para outras organizações. Apesar de terem sido encontradas bons resultados em relação à postura da UnB frente à situação da saúde mental, é inquestionável que cada universidade tem uma postura específica e lida com a questão da sua própria maneira, até porque os próprios dados de sofrimento mental por parte da comunidade acadêmica serão diferentes em cada instituição. Além disso, como visto no início do trabalho, as percepções acerca da saúde mental são muito relacionadas à cultura de um lugar e às suas características socioeconômicas. Sendo assim, o contexto estudado é muito limitado e não pode servir como régua para outros casos.

Outra limitação que se destacou na realização do trabalho foi em relação à amostragem tanto do questionário quanto das entrevistas. Em relação ao questionário, por se tratar de uma população de mais de 39 000 estudantes, já seria impraticável, mesmo em condições extremamente favoráveis, alcançar uma amostra significativa e representativa. Entretanto, duas condições se mostraram como agravantes. A primeira foi o fato de que a UnB está ainda em regime à distância, com todas as atividades presenciais suspensas. Sendo assim, limitou-se à esfera virtual as possibilidades de alcançar participantes para o questionário. Caso estivesse ocorrendo aulas de forma presencial na Universidade, seria possível reservar alguns dias para ir

lá fisicamente e abordar uma maior quantidade de estudantes, além de ir diretamente nas faculdades para pedir ajuda na divulgação da pesquisa. A segunda condição, muito relacionada à primeira, foi o fato de que, apesar de ser feito contato por e-mail com praticamente todas as faculdades e institutos da UnB — 69 e-mails no total - pedindo para que enviassem a pesquisa aos seus estudantes, foram obtidas apenas quatro respostas. Com isso, acabou-se obtendo uma amostra muito limitada, possibilitando inferências apenas específicas aos respondentes.

Já para entrevista ocorreu uma situação muito semelhante. Apesar de ser tentado um contato com mais de dez profissionais da Secom, apenas três responderam, e com os projetos de apoio ocorreu o mesmo, sendo enviados e-mails para mais de cinco contatos e obtendo apenas uma resposta.

8.3 Sugestões de pesquisas futuras

Nenhuma pesquisa por si só pode ser considerada como definitiva. Na temática aqui pesquisada não é diferente. A questão da saúde mental é muito inconstante e, portanto, deve ser sempre acompanhada de perto. Além disso, toda investigação, especialmente quando dentro da modalidade qualitativa, carrega muito da visão do investigador, sendo, portanto, parcial. Disso já surge a primeira sugestão – e apelo – de que a saúde mental continue a ser investigada nas suas diversas perspectivas e em diferentes contextos.

Espera-se, também, que surja a iniciativa de entender o contexto da saúde mental e o contexto comunicacional específico de outras universidades e, até mesmo, de outras organizações, possibilitando um enriquecimento no debate do tema e das potencialidades da intersecção entre a Comunicação e a saúde. Enfim, sugere-se ainda a confecção de materiais mais práticos voltados para ilustrar mais maneiras em que essa união pode ocorrer e servir como guia para instituições e profissionais de comunicação que decidirem se debruçar sobre a questão da saúde mental.

Referências bibliográficas

- Almeida, L. S. (2007). Transição, Adaptação Acadêmica e Êxito Escolar no Ensino Superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 15 (2), 203-215.
- Alves, A. A. M. & Rodrigues, N. F. R. (2010). Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28 (2), 127-131. doi: 10.1016/S0870-9025(10)70003-1.
- Amarante, P. (4ª Ed.) (2013). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Araujo, I. S. & Cardoso, M. J. (2018). Comunicação e Saúde: Desafios para um Pensar-Fazer em Sintonia com o SUS. In P. M. C. Focesi & M. F. Luiz. *Educação e Promoção da Saúde - Teoria e Prática, 2ª edição* (pp. 81-94). Rio de Janeiro: Grupo GEN.
- Araújo, R. & Ruão, T. (2014). A Comunicação Estratégica na Saúde: a relação de poder entre a assessoria de imprensa e o jornalismo. In T. Ruão, R. d. Freitas, P. C. Ribeiro & P. Salgado (Eds.), *Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Horizontes e Perspectivas* (pp. 100-115). Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Ariño, D. O. & Bardagi, M. P. (2018). Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 12 (3), 44-52. doi: 10.24879/2018001200300544
- Assis, A. D. & Oliveira, A. G. B. (2010). Vida Universitária e Saúde Mental: Atendimento às Demandas de Saúde e Saúde Mental de Estudantes de uma Universidade Brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 2 (4-5), 159-177.
- Azevedo, A. P. M. de. (2012). Jornalismo de saúde: novos rumos, novas literacias. *Comunicação e Sociedade*, 185-197. doi: 10.17231/comsoc.23(2012).1363
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bass, S. B. & Maurer, L. (2020). In C. Parvanta & S. Bass (Eds.). *Health Communication: strategies and skills for a new era* (pp. 85-106). Burlington: Jones & Bartlett Learning

- Bauer, M. W., Gaskell, G. & Allum, N. C. (2008). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento - Evitando confusões. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*, 7ª edição (pp. 17-36). Petrópolis: Editora Vozes.
- Becker, D. V. & Rosenzweig, P. Q. (2015). A Importância da Comunicação Estratégica para a Promoção de Ações de Saúde Pública. *Revista Científica de Comunicação Social*, 5 (1), 117-129. doi: 10.18224/pan.v5i1.4331
- Bueno, W. C. (2015). Comunicação para a saúde: a prescrição deve ir além da competência técnica. In A. Personi (Ed.), *Comunicação, Saúde e Pluralidade: novos olhares e abordagens em pauta* (pp. 65-85). São Caetano do Sul: USCS.
- Carrillo, M. V. (2014). Comunicação Estratégica no ambiente comunicativo das organizações atuais. *Comunicação e Sociedade*, 26, 71-80. doi: 10.17231/comsoc.26(2014).2025
- Castro, V. R. (2017). Reflexões Sobre a Saúde Mental do Estudante Universitário: Estudo Empírico com Estudantes de uma Instituição Pública de Ensino Superior. *Revista Gestão em Foco*, 9, 380-401.
- Cerchiari, E. A. N., Caetano, D. & Faccenda, O. (2005). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25 (2), 252-265. doi: 10.1590/S1414-98932005000200008
- Cirino, J. A. F. & Tuzzo, A. S. (2015) Comunicação e saúde: mídia como agente social de saúde. In *Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Campo Grande*. São Paulo: Intercom.
- Coriolano-Marinus, M. W. L., Queiroga, B. A. M., Ruiz-Moreno, L. & Lima, L. S. (2014). Comunicação nas práticas em saúde: revisão integrativa da literatura. *Saúde e Sociedade*, 23 (4), 1356-1369. doi: 10.1590/S0104-12902014000400019
- Dellazzana, A. L. (2012) A saúde na perspectiva da comunicação institucional e mercadológica. *Organicom: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. [Vol. Especial] (16/17)*, 199-212. doi: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2012.139138
- Drescher, J. (2015). Out of DSM: Depathologizing Homosexuality. *Behavioral Sciences (Basel)*, 5 (4), 565-575. doi: 10.3390/bs5040565

- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, 2ª Edição (pp. 62-83). São Paulo: Editora Atlas.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*, 3ª edição. Porto Alegre: Artmed Editora
- Foucault, M. (1972). *História da Loucura na Idade Clássica*. Paris: Éditions Gallimard.
- Fonte, C. & Macedo, I. (2020). Perceção das experiências académicas e saúde mental na adaptação ao ensino superior: que relações?. *Revista Lusófona de Educação*, 49, 199-213.
- Galtung, J. Violência, paz e investigação sobre a paz. In: P. Braillard. *Teoria das relações internacionais*. (pp. 331-357). Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1990.
- Gama, C. A. P. da, Onocko Campos, R. T. & Ferrer, A. L. (2014). Saúde Mental e Vulnerabilidade Social: a direção do tratamento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(1), 69-84.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 7ª edição. São Paulo: Grupo GEN.
- Gil, A. C. (2021). *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. Rio de Janeiro: Grupo GEN.
- Godoi, G. C. S. (2006). A Cobertura sobre Saúde Relativa à Infância e à Adolescência: uma análise comparativa do material veiculado por 50 jornais brasileiros. In A. Santos (Ed.). *Caderno mídia e saúde pública* (pp. 57-69). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública; Funed, 1.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (3), 20-29. doi: 10.1590/S0034-75901995000300004.
- Gomes, S. (2020). A saúde, o jornalismo e a COVID-19. *Communitas Think Tank – Ideias*. Acedido em <http://www.communitas.pt/ideia/a-saude-o-jornalismo-e-a-covid-19/>
- Gonçalves, A. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação social - Programa, conteúdo e métodos de ensino teórico e prático*. Relatório apresentado à Universidade do Minho para Provas de Agregação no Grupo Disciplinar de Sociologia, Braga.
- Gonçalves, A. M. (2016). A doença mental: determinação individual ou construção social. *Millenium: Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32 (11), 163-168.

- Grander, K. M. & Cerqueira, A. T. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (4), 1327-1346. doi: 10.1590/1413-81232018244.09692017
- Hahn, M. S., Ferraz, M. P. T. & Giglio, J. S. (1999). A Saúde Mental do Estudante Universitário: Sua história ao longo do século XX. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 23 (2-3), 81-89. doi: 10.1590/1981-5271v23.2-3-011
- Henriques, M. S. H. & Mafra, R. L. M. (2006). Mobilização social em saúde: o papel da comunicação estratégica. In Santos, A (Ed.), *Caderno mídia e saúde pública* (pp. 101-111). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública, FUNED.
- Igue, E. A., Bariani, I. C. D. & Milanesi, P. V. B. (2008). Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *PsicoUSF*, 13 (2), 155-164.
- Ingleby, D. (1982). A Construção Social da Doença Mental. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 9, Lisboa, 89-113.
- Ischkanian, P. C. & Pelicioni, M. C. F. (2019). Comunicação em saúde e promoção de práticas integrativas complementares. In *Educação e promoção da saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Santos.
- Israel, F. (1996). Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*, 1 (3).
- Junior, D. P. B., Corradi, A. & Assumpção, D. J. F. (2021). Comunicação e saúde mental: a presença da temática em uma revista ligada à Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). *Revista Conhecimento Online*, 2, 187-207. doi: 10.25112/rco.v2i0.2467.
- Kripka, R. M. L., Scheller, M. & Bonotto, D. L. (2015). Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de Investigaciones UNAD*, 14 (2), 55-73.
- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. California: SAGE.
- Kucinski, B. (2000). Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, 4 (6), 181-186. doi: 10.1590/S1414-32832000000100025
- Kunsch, M. M. K. (2018). A comunicação estratégica nas organizações contemporâneas. *Media & Jornalismo*, 33, 13-24. doi:10.14195/2183-5462_33_1

Lopes, F., Araújo, R. & Fernandes, L. (2013). In F. Lopes; T. Ruão; S. Marinho; Z. Pinto-Coelho; L. Fernandes; R. Araújo & S. Gomes. *A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação* (pp. 28-37), Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., Sá, A. (2020). COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. In Martins, M., Rodrigues, E., *A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo III: Projeções* (pp. 205-233). UMinho Editora. doi: 10.21814/uminho.ed.25.11

Macedo, N. D. (1995). *Iniciação à Pesquisa Bibliográfica*. São Paulo: Edições Loyola.

Magalhães, O. E., Lopes, F. & Costa-Pereira, A. (2017). Qual o papel do jornalismo na literacia da saúde? – estado da arte. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, Média e Cidadania – Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 251-265). Braga: CECS.

Martins, M. C. A. (2004). Factores de Risco Psicossociais para a Saúde Mental. *Millenium on-line. Millenium - Revista do Instituto Politécnico de Viseu, 29*. Acedido em <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/575>

Mega, H. & Silva, A. C. de M. (2019). Ciência, jornalismo e saúde: a judicialização em pauta. *Revista Extraprensa, 13(1)*, 277-291. doi: 10.11606/extraprensa2019.164114

Moreira, S. V. (2006). Análise documental como método e como técnica. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, 2ª Edição* (pp. 269-279). São Paulo: Editora Atlas.

Mussi, R. F. F., Mussi, L. M. P. T., Assunção, E. T. C. & Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: Distanciamentos, Aproximações e Possibilidades. *Sustinere - Revista de Saúde e Educação, 7 (2)*, 414-430. doi: 10.12957/sustinere.2019.41193

Nassar, M. R. F. (2012). Comunicação e saúde: interfaces e desafios. *Organicom - Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, 9 (16-17)*, 79-91. doi: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2012.139130

Nogueira, M. J. C. (2017). *Saúde Mental em Estudantes do Ensino Superior: Fatores Protetores e Fatores de Vulnerabilidade*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Acedido em

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28877/1/ulsd730773_td_Maria_Nogueira.pdf/

- Nogueira-Martins, L. A. & Nogueira- Martins, M. C. F. (2018). Saúde mental e qualidade de vida de estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(3), 334–337. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.2086
- Osse, C. M. C. & Costa, I. I. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia/Campinas*, 28 (1), 115-122. doi: [10.24879/2018001200300544](https://doi.org/10.24879/2018001200300544)
- Parker, I; Georgaca, E; Harper, D; Mclaughlin, T. & Stowell-Smith, M. (1995). *Deconstructing Psychopathology*. Londres: SAGE Publications.
- Parvanta, C. F. & Bass, S. B. (Eds.) (2020). *Health Communication: strategies and skills for a new era*. Burlington: Jones & Bartlett Learning
- Pessoni, A. (2015). Jornalismo em saúde: acessos a serem drenados. In Santos, M. & Bueno, W. C. (Eds.), *Jornalismo Especializado no Brasil: Teoria, prática e ensino* (pp. 31-60). São Paulo: Editora Metodista.
- Pinto-Coelho, Z. (2013). In F. Lopes; T. Ruão; S. Marinho; Z. Pinto-Coelho; L. Fernandes; R. Araújo & S. Gomes. *A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação* (pp. 9-14), Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Quartilho, M. J. R. (2010). *Saúde mental*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Rose, N. (2019). *Our Psychiatric Future*. Cambridge: Polity Press.
- Ramos, N. (2017). In M. Rangel-S & N. Ramos. *Comunicação e Saúde: perspectivas contemporâneas* (pp. 149-172). Salvador: EDUFBA.
- Rangel-S, M. L. & Ramos, N. (Eds.) (2017). *Comunicação e Saúde: perspectivas contemporâneas*. Salvador: EDUFBA.
- Richardson, R. J. (2017). *Pesquisa Social - Métodos e Técnicas*, 4ª Edição. São Paulo: Grupo GEN.
- Ruão, T. (2013). In F. Lopes; T. Ruão; S. Marinho; Z. Pinto-Coelho; L. Fernandes; R. Araújo & S. Gomes. *A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação* (pp. 16-24), Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Ruão, T. & Kunsch, M. (2014). A Comunicação Organizacional e Estratégica: Nota Introdutória. *Comunicação e Sociedade*, 26, 7-13. doi: 10.17231/comsoc.26(2014).2021

- Ruão, T., Lopes, F. & Marinho, S. (2012). Comunicação e saúde, dois campos em intersecção. *Comunicação e Sociedade*, 5-7. doi: 10.17231/comsoc.23(2012).1360
- Santos, C. A. & Montagna, E. (2015). A Comunicação Integrada na Área da Saúde. *Revista Acadêmica Oswaldo Cruz*, 8. Acedido em http://revista.oswaldocruz.br/Content/pdf/Edicao_08_Cristina_Aparecida.pdf
- Silva, D., Lopes, E. L. & Junior, S. S. B. (2014). Pesquisa Quantitativa: Elementos, Paradigmas e Definições. *Revista De Gestão e Secretariado*, 5(1), 01-18. doi: 10.7769/gesec.v5i1.297
- Silveira, D. T. & Córdova, F. P. (2009). A Pesquisa Científica. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Eds.), *Métodos de Pesquisa* (pp. 31-42). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Sordi, J.O. D. (2017). *Desenvolvimento de Projeto de Pesquisa*, 1ª edição. São Paulo: Editora Saraiva.
- Stumpf, I. R. C. (2006). Pesquisa Bibliográfica. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, 2ª Edição (pp. 51-61). São Paulo: Editora Atlas.
- Varão, R. & Ferreira, F. V. (2020). Jornalismo como Instância de Confiabilidade de Informações durante a Pandemia da Covid-19. In H. Oliveira & S. Gadini (Eds.), *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus* (pp. 373-398). Aveiro: Ria Editorial.
- Vasconcelos, A. (2005). Jornalismo de Saúde: evidências de um processo de especialização. *Caleidoscópio*, 6 (5), 247-251.
- Vasconcelos, W. R. M., Oliveira-Costa, M. S. & Mendonça, A. V. M. (2016). Promoção ou prevenção? Análise das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde no Brasil de 2006 a 2013. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 10 (2), 1-11. doi: 10.29397/reciis.v10i2.1019
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*, 20 (5), 383-386.
- Venturini, E. & Goulart, M. S. B. (2016) Universidade, solidão e saúde mental. *Interfaces - Revista de Extensão da UFMG*, 4 (2), 94-136.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22 (44), 203-22. doi: 10.20396/tematicas.v22i44.10977.

Xavier, C. (2006). Mídia e saúde, saúde na mídia. In A. Santos (Ed.). *Caderno mídia e saúde pública* (pp. 43-55). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública; Funed, 1.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e Métodos*, 5ª Edição. Porto Alegre: Bookman.

Anexo

Transcrição das entrevistas

Entrevista 1 – 26/11/2021 – Renan Apuk e Serena Veloso

Ricardo: Então, como eu disse, o tema da minha tese é entender sobre o papel da Comunicação na saúde mental dentro da universidade. Então para a primeira pergunta, na verdade, gostaria que vocês descrevessem qual é a função de vocês dentro da Secom.

Renan: Bom, hoje olhando ali no expediente, eu estou como editor de jornalismo do portal unb.br. Então, basicamente, eu fico responsável pela atualização diária ou na frequência que for necessária dos destaques relacionados aos conteúdos jornalísticos, principalmente os do “carrossel” que ficam na parte de cima da página inicial do portal. A gente sempre procura deixar matérias produzidas por profissionais da Secom nesses espaços. Às vezes são links diretos pra alguma pesquisa ou algum site. Há alguns meses estamos com o site do repositório institucional, então colocamos links que conduzem a esse site que reúne projetos e documentos sobre o enfrentamento da pandemia na Universidade. Além disso, tem também a questão administrativa, então sempre que a alta administração precisa de um espaço de destaque ela recorre à gente, mas aí a atualização também passa por mim, nessa figura de editor de jornalismo do portal. Embaixo nós temos os destaques menores que podem ser entre 6 a 12 das publicações da semana. E temos também os destaques sem fotos, que são mais estáticos, que normalmente utilizamos para linkar algum conteúdo que não é necessariamente jornalístico, como um site, um endereço de decanato. Então a gente procura fazer essa distribuição. Então, enquanto editor de jornalismo do portal esse é o principal trabalho. E tem um trabalho muito importante que é feito diariamente por mim e que aparece bem uma vez a cada semana, que não está facilmente presumido nessa nomenclatura de editor de jornalismo do portal, mas eu sou também responsável por gerenciar as solicitações de pauta que chegam pra gente. Faço um filtro, depois seleciono na nossa equipe, dentro da disponibilidade e dos critérios de divulgação que temos, um responsável, e o que for virar matéria eu preparo a pauta e passo para os repórteres na reunião de pauta semanal. Então os dois principais trabalhos que eu faço nesse papel de editor de jornalismo é isso: atualização da capa do portal e essa gestão das pautas e distribuição para a equipe de jornalistas que vai de fato produzir.

Serena: Então eu vou falar agora do que eu faço, que são trabalhos complementares, que caminham juntos. Eu estou atualmente como editora das páginas UnB Notícias e UnB Ciência. Então o meu trabalho é de fazer a edição das matérias que vão ser publicadas nessas páginas e faço o acompanhamento dos repórteres durante o processo de apuração, junto com o Renan. A gente faz esse acompanhamento durante a produção pra sanar dúvidas, orientar, ainda mais porque na nossa equipe a gente tem alguns estagiários, que ainda estão passando pelo processo de aprender um pouco sobre a produção jornalística. Então a gente faz esse acompanhamento, essa supervisão, principalmente dos estagiários, e eu faço a publicação dos conteúdos jornalísticos nessas duas páginas. Tenho dado também, atualmente, força pra nossa equipe que cuida da revista Darcy, que é uma revista de jornalismo científico e cultural aqui da universidade. To ajudando no processo de edição, mas também to no processo de transição de não estar mais cuidando desse produto diretamente. E é isso.

Ricardo: Beleza. Muito obrigado. Então na próxima pergunta eu queria saber de vocês, pelo que o Renan falou vai muito na função dele, como são definidas as pautas da Secom, as pautas que vocês abordam? Como isso funciona, normalmente? Vocês têm autonomia de definir “a gente quer falar sobre esse tema” ou a própria UnB, as faculdades, institutos, vão atrás de vocês e pedem? Como é essa dinâmica?

Renan: Acontece das duas formas que você narrou. Temos autonomia pra pensar algumas pautas, elaborar, produzir e publicar, e em alguns casos, a partir dessa autonomia de produção nossa, antes da publicação somos orientados a fazer uma validação desse material, principalmente se envolver algum assunto administrativo, então uma validação junto à administração, aos decanatos, ao gabinete da reitoria, até porque a Secom é vinculada ao gabinete da reitoria da UnB, então alguns materiais tendem a ser mais sensíveis. Mas a maior parte realmente daquilo que a gente produz, apesar de que com esse período de exceção da pandemia isso mudou bastante, mas costumava ser bastante motivado pelas solicitações que vinham pra gente das faculdades, dos institutos, dos departamentos, sugestões de pautas que a partir daí a gente avaliava que aproveitamento iria ter dentro dos nossos produtos, se realmente valia uma matéria, ou se valia só um aproveitamento nas redes sociais, ou então no nosso informativo semanal que chega por email. Então a gente fazia essa avaliação interna e para estar documentada a forma como a gente baliza essa avaliação interna perante o solicitante a gente lançou os critérios de divulgação, porque a lógica de como isso é escolhido, de como vamos fazer esses aprofundamentos, não é algo exatamente novo. Eu estou na Secom desde 2015, desde 2017 transitando por algumas posições

de gestão do conteúdo administrativo, e, até pela nossa capacidade de atendimento relacionada mesmo ao nosso pessoal, a gente não mudou muito de lá pra cá o que a gente tem condição de atender. Mas foi só em 2019 que a gente editou um documento aprovado pelo gabinete e disponível para toda a comunidade no site UnB Notícias que traz algumas orientações – apesar de não conseguirmos fugir de recorrer à subjetividade em alguns casos – com critérios estabelecidos. Então após algumas reuniões chegamos a esse documento, que foi validado inclusive pela administração de instância maior, que nos ampara nas escolhas que temos que fazer sobre o aproveitamento que daremos às solicitações, e serve também como salvaguarda perante todas as solicitações que a gente recebe – que não são poucas.

Ricardo: Podemos seguir então. Como eu falei, o tema do meu trabalho é saúde mental e eu fiz uma análise no UnB Notícias. Eu pesquisei o termo “saúde mental” e eu li todas as matérias que tinha, vi a quantidade, defini alguns critérios, e percebi que nos últimos anos essa temática tem sido mais frequente. Eu consegui matérias desde 2015 e teve um aumento considerável desde lá até 2021. E eu queria saber, na opinião de vocês, quais são os fatores que levaram a esse aumento dessa temática dentro da produção da Secom?

Serena: Bom, o que a gente percebe, primeiramente, tem a ver com a preocupação da própria Universidade com o tema da saúde mental que vem crescendo nos últimos anos e com a instalação de uma própria estrutura dentro da Universidade para cuidar dessa temática. Se eu não me engano foi ali em 2018 ou 2019 que tivemos a criação de uma diretoria que cuida da atenção à saúde em geral da comunidade universitária e a saúde mental tem sido um dos focos de atenção dessa gestão da reitoria que ta aí desde 2016, então imagino que esse aumento tenha total relação com o desejo da gestão de atuar nesse sentido, de promover mais ações de saúde mental pra ampliar o apoio à comunidade acadêmica nesse sentido e, conseqüentemente, a gente tem noticiado mais por uma demanda não só da gestão, mas também por uma percepção nossa de que é um tema que vale ser discutido e tem sido trazido mais a tona nos diversos eventos da Universidade. A gente tem a Semana Universitária realizada sempre que trouxe um espaço para a saúde mental, se não me engano, nas últimas três ou quatro edições, temos um dia dedicado à saúde mental e é o maior evento da Universidade, então isso mostra a relevância do tema. A Universidade também vem criando estratégias para se tornar uma universidade promotora de saúde. Isso é um fato que reverbera na nossa cobertura, nas nossas pautas. Então são aspectos que estão casados, tanto do interesse nosso em noticiar, quanto do interesse da administração de tratar esses temas juntos da comunidade acadêmica, fortalecendo uma rede de apoio.

Renan: Complementando a Serena, eu tava inclusive tentando recuperar uns dados aqui. Acho que foi em 2018 que a UnB se credenciou como membra da rede de universidades promotoras de saúde (Rebraups). Em 2019 a gente teve uma mudança de gestão no decanato de assuntos comunitários e entrou o professor Ileno Izidio, que é o decano atual e é da área da psicologia, e que já entrou como alguém apontado para cuidar especificamente desse caso da saúde mental na universidade e intensificar esse aumento de ações, de comunicações. A publicação das matérias da Secom foi andando junto com esse movimento. E como a Serena já pontuou, internamente a gente sempre procurou dar atenção a isso por uma questão de cuidado com a nossa comunidade mesmo. Eu acho que principalmente em meses temáticos relacionados à saúde mental, como o janeiro branco, o setembro amarelo em que sempre a gente tentava reunir o que tava acontecendo na universidade em relação à valorização da vida e prevenção ao suicídio. E aí é uma avaliação minha mesmo, mas eu acho que quando você muda o perfil da universidade, algo que aconteceu ali a partir do Reuni, em que você traz mais pessoas de periferia, traz mais estudantes negros, e você democratiza o acesso a universidade, como tem que ser, você também joga uma grande oportunidade, responsabilidade e honra de “sou a primeira pessoa da minha família em uma universidade pública” mas também uma grande interrogação de “beleza, consegui entrar, mas como eu encaro isso?”. Então eu acho que a gente foi provocado por esse movimento, porque, infelizmente, nos últimos anos – felizmente tivemos um descanso nesse período de pandemia por não estarmos presentes nos campi e não soubemos de tantos casos – tivemos muito a questão do suicídio entre os jovens estudantes. Infelizmente o último caso aconteceu ali bem perto do prédio da reitoria e alguns de nós até visualizamos a cena e foi algo bem chocante, e quando aconteceu esse caso a questão da saúde mental já estava bastante intensificada. Então eu acho que foi um todo. Se a Universidade, enquanto gestão, foi atrás de se credenciar na Rebraups porque percebeu também essa mudança de perfil e que a universidade serve agora a outras pessoas que precisam também desse apoio de saúde mental eu não posso dizer. Mas o fato é que esse credenciamento e, por causa disso, uma ênfase nas ações relacionadas à saúde mental, não só em comunicação, mas também realização de eventos, abertura de canais de escuta, passamos a divulgar bastantes as ações da Caep, teve a criação da Dasu, e hoje eu acho que o tema da saúde mental já está incrustado na Universidade e já temos como compromisso de abordar nos nossos matérias e acreditamos que está também presente em outros setores da comunidade. E, sem dúvidas, com todos os acontecimentos da pandemia, desde as perdas até o confinamento em casa, a Universidade se sentiu estimulada a prestar esse tipo de assistência pra

toda sua comunidade e a gente deu espaço nos nossos canais de comunicação. Então acho que foi um combinado entre todos esses fatores que levaram a esse hábito de olhos voltados para a questão da saúde mental.

Ricardo: Ótimo. E agora, rapidinho, saindo da esfera da saúde mental, eu gostaria de saber se vocês têm dados sobre o consumo dos estudantes desses materiais dos canais de comunicação da UnB. Talvez, aqui, especificamente, o UnB Notícias, se é um canal que os estudantes utilizam, se eles interagem, se eles acessam de fato, ou se é escassa a participação dos estudantes. Eu queria saber da percepção de vocês: como é essa interação dos estudantes com os portais de comunicação da Universidade?

Renan: A gente não tem esses dados, Ricardo, mas a gente pode detalhar e explicar mais. Apesar de não termos essas métricas de como os estudantes se relacionam com os nossos canais de comunicação, por meio da experiência, principalmente das pessoas que gerenciam as redes sociais, que é onde os jovens estão mais presentes. Então, realmente, a melhor régua que temos pra medir são as participações que acontecem por meio das redes sociais. E aí já faz algum tempo que a gente tem essa impressão, apesar de não ser um diagnóstico justamente por não termos esses elementos pra mostrar no papel que há essa dificuldade, mas a gente tem essa impressão de que os nossos conteúdos falam mais a língua dos técnicos e dos docentes, até porque a gente é Secom/GRE e mais uma vez eu ressalto isso porque a gente tá sempre subordinado a gestores que são, na grande maioria, professores. E nós estamos aqui como técnicos, então sabemos falar como técnicos e somos sempre provocados a falar para os professores, e com o estudante, que é a maior parcela da nossa comunidade, e a Universidade existe por eles e para eles, a gente tem a impressão de que não conseguimos nos comunicar tão bem, seja pelos nossos materiais e nossos conteúdos jornalísticos. Então em relação ao nosso público de graduação a gente sente que precisa melhorar, inclusive no conteúdo das redes sociais, não só na questão de linguagem, mas de conteúdo mesmo. Inclusive, nesse momento, a gente tá com uma célula de trabalho que reúne pessoas de diferentes editorias dentro da Secom para formatar uma mudança de estrutura – que já foi aprovada pelo gabinete – que traz o núcleo de redes sociais para perto do núcleo de jornalismo. E um dos principais objetivos da gente trabalhar junto é melhorar a nossa comunicação com os estudantes, pra que eles sintam que o trabalho da Secom também é pra eles. Eu mesmo fui estudante da Universidade entre 2008 e 2014 e eu não sabia que existia a Secom e não utilizava os canais. E eu acho que muita gente hoje continua passando pela UnB sem conhecer a

Secom e os nossos produtos, ou até conhecendo, mas não se sentindo atraído. Essa é a impressão que temos, apesar de não possuímos números para comprovar isso.

Serena: Então eu vou falar um pouco da revista Darcy especificamente. Esse é um produto que foi pensado inicialmente, lá em 2009, para o público dos estudantes de ensino médio. E aí a revista foi produzida por uns anos, foi interrompida em 2013 e foi retomada em 2017 com novos servidores da Secom com o desafio de repensar o produto. Então nós temos feito esse esforço de buscar aproximar a revista dos estudantes de ensino médio, adaptar a linguagem da revista, além de termos um projeto de extensão justamente com o objetivo de aproximar a revista das escolas. Mas ainda é um esforço que a gente tá engatinhando, porque, pra além disso, ainda temos dificuldade em fazer que o produto seja acessado pela própria comunidade acadêmica, então acho que passar por esse olhar mais estratégico de como atuar. E eu percebo também, e isso é uma análise minha, já que não temos os dados, mas no caso do portal o interesse de quem vai ingressar é muito pelos editais de provas de acesso à Universidade e o nosso desafio é realmente trazer o produto dos portais para uma linguagem que atenda mais os estudantes e fazer com que eles tenham mais acesso e conheçam mais. E outro desafio também é fazer com que o estudante que está ingressando na Universidade já tenha contato com esses produtos, já conheça e saiba que ali ele pode obter informações sobre a Universidade de forma mais prática e criar uma cultura de informação. Então eu acho que passa por aí também, Ricardo, da gente reforçar uma cultura de busca de informações e informações de qualidade, em canais de confiança. A gente tá passando por um processo agora de mudança na comunicação, que agora tá mais instantânea e rápida, então, de certa forma, os portais estão tendo que se adaptar a essa nova dinâmica. E a gente também tá com esse desafio de se adaptar a essa nova realidade de produção jornalística, sendo que a gente faz comunicação institucional, que é bem diferente da comunicação mercadológica que tem algo mais instantâneo.

Ricardo: Com certeza, são muitos desafios que vão surgindo. E em relação ao que o Renan falou, eu também fui estudante da UnB e eu não consumia os canais de comunicação, mesmo sendo estudante na área. E isso tem conexão com a pergunta final que vou fazer agora. Então, como uma pergunta final, eu já percebi que a Secom tem muito um papel de divulgação, e se alinha muito aos projetos e a esse debate da saúde mental, e eu queria saber da percepção de vocês tanto enquanto profissionais da Secom, mas também uma percepção talvez mais pessoal de vocês, de como a Comunicação pode ser aliada nesse quesito da saúde mental dentro da universidade. De que formas vocês acham que a comunicação pode atuar nisso?

Renan: Bom, eu acho que sim, é um dos papéis da Comunicação, até pela necessidade de servir ao público, pois somos jornalistas servidores públicos, e acho que, por conta disso, não tem como a gente negar que o nosso papel não é estratégico. E eu acho que esse tema já está no nosso radar mesmo antes de surgir alguma orientação da alta administração para nos atentarmos a esse tema, e acho que isso faz parte desse senso de responsabilidade e a gente enxerga isso como parte da nossa missão. E o que a gente pode fazer para cumprir esse papel de fato passa muito pela resposta anterior, que é conseguir se comunicar bem com os nossos principais públicos. A gente tem uma forma de trabalhar hoje, a gente tem canais para divulgar os materiais que a gente produz, a gente trabalha pra caramba, não é fácil produzir o que a gente produz, não é fácil reunir as informações, mas será que no fim das contas o que a gente consegue entregar é suficiente? Acho que como prestação de contas de que os jornalistas estão trabalhando, é suficiente, porque os canais que nós temos nós estamos utilizando. Mas pra alcançar o público da forma como ele deve ser alcançado, inclusive de uma perspectiva humana, será que estamos conseguindo fazer a nossa assistência chegar a todas as pessoas que estão enfrentando de alguma forma um sofrimento mental ou psíquico causado pelas sobrecargas da universidade? Eu acredito que não justamente porque a gente ainda não tá conseguindo falar a língua deles. Eu acho que a gente quer aprender falar, até para atender os interesses dos vários decanatos, mas a gente sabe que um dos principais resultados vai ser mesmo que os estudantes enxerguem na comunicação que a gente faz na Secom um ponto de apoio. Então eu creio que sim, que é um papel da Comunicação, e, ainda mais, da comunicação pública, e, ainda mais, a comunicação pública em uma universidade. Então, se a gente olhar ali cronologicamente, ainda é um movimento novo, a gente tem tentado se atentar nos últimos anos, mas ainda não é tudo que a gente poderia fazer, justamente porque a gente ainda tá no processo. Então eu acho que é isso, a gente pode e deve melhorar. Hoje já existe esse exercício de tentar, naquilo que a gente produz, mostrar esses valores de acolhimento, de respeito, de “faça da UnB a sua casa”. E eu acho que se a gente conseguir fazer isso chegar de fato aos estudantes, isso vai significar ter tido meio caminho andado. Hoje a gente tem o que oferecer, mas não sabe se tá chegando, acha que não tá chegando, e ainda tá no processo de descobrir como fazer chegar. Mas acho que nossa visão da promoção da saúde mental como uma responsabilidade da comunicação dificilmente vai mudar, mesmo que surjam mudanças institucionais ou alterações nos focos da UnB enquanto instituição, vai ser muito difícil tirar esse sentimento de que é algo que devemos fazer dentro da Secom. Mesmo que não tivermos

a demanda institucional, nós iríamos atrás disso pela nossa própria iniciativa. As pessoas da nossa equipe não deixam essa chama apagar e veem isso como algo muito caro.

Serena: Eu concordo com o que o Renan colocou. Eu acho que o papel da Comunicação é importantíssimo nesse sentido de dar visibilidade ao que a Universidade tem feito, buscar levar essa informação. E aí o desafio está posto nesse sentido de que a gente tem feito uma cobertura bem razoável dessa temática, mas a gente não sabe se tá chegando até a comunidade de fato. Pra além disso, eu acho que muito mais que essa comunicação no portal e nas redes sociais, eu vejo que a estratégia de comunicação deve ser mais ampla, deve ser uma comunicação que não parta só da Secom em si. A gente tem que estar muito bem alinhado nas estratégias com a administração superior, com as unidades acadêmicas que são responsáveis por promover as ações. E passa até por uma cultura de divulgação, fazer com que as pessoas da comunidade acadêmica entendam a importância de comunicar o que elas estão fazendo, e, ainda mais, no tema de saúde mental, porque tem reflexos positivos na comunidade. Então perpassa muito mais que só uma publicação de uma matéria no site. Devem ser traçadas estratégias em conjunto. Nesse sentido eu vejo que a Comunicação tem um papel essencial, mas que não é isolado, ela precisa estar caminhando junto com outras redes de informação para alcançar a comunidade acadêmica. E, como o Renan falou, enquanto servidores públicos e enquanto jornalistas, a nossa responsabilidade em estar comunicando existe e não vamos deixar de fazer essas coberturas, porque é o nosso papel. Mas a gente precisa também estabelecer pontes com todos os braços que atuam nessa área para que essa comunicação chegue de fato a quem precisa chegar, que é o mais importante.

Ricardo: Eu agradeço demais as respostas de vocês, gostei muito do que vocês colocaram, vai muito ao encontro daquilo que já estava observando nas minhas pesquisas teóricas e empíricas. E, antes de encerrar, eu queria saber se vocês se importam de eu colocar os dados de vocês no trabalho ou se vocês preferem que eu preze pelo anonimato. O importante que vocês estejam à vontade com o tratamento que será dado às informações passadas por vocês.

Serena: Sim, pode registrar o meu nome e minha função, sem problemas.

Renan: O meu também.

Ricardo: Então, mais uma vez, muito obrigado pela disponibilidade de vocês.

Entrevista 2 – 30/11/2021 – Júlia Consentino

Ricardo: Muito obrigado pela sua presença, Júlia, e vamos começar a nossa entrevista. Então, pra iniciar, eu gostaria que você descrevesse a sua função dentro da Secom, por favor.

Júlia: Eu sou a Júlia Consentino, sou relações públicas de formação e é até a minha área de formação do concurso. Na Secom eu trabalho na parte de relações institucionais. A equipe que eu trabalho atende todas as demandas que chegam pra Secom. Então, por exemplo, se a reitora quer divulgar uma parceria com algum outro órgão, aí ela procura a gente pra Secom cobrir. E quem recebe essa demanda e distribui para as outras áreas é a gente: quantos jornalistas, se vai precisar de fotógrafos, se vai precisar de algum designer. Então, basicamente, somos o atendimento da Secom. E, também, a equipe das relações institucionais, até hoje, cuida das redes sociais institucionais da UnB.

Ricardo: E você conseguiu perceber nos últimos anos algum aumento na procura por pautas da temática de saúde mental, seja por parte de outros departamentos e coordenadorias que vão atrás de você pedindo essas pautas, ou, também, no tratamento das redes sociais da UnB?

Júlia: Sim, com certeza, Ricardo. No ano que eu entrei na UnB, em 2016, foi o ano que aconteceu algo muito triste, que foi o assassinato da Louise, que foi uma estudante que foi assassinada dentro da universidade. Então isso foi um acontecimento muito ruim e que mexeu com muitos estudantes, principalmente as mulheres, por ser um feminicídio, e, então, isso aí, apesar de já existirem iniciativas em relação ao tema da saúde mental, foi um ponto que mexeu bastante com os estudantes e, a partir daí, deu uma crescida. E tivemos também outros pontos, como relatos de estudantes que chegam pelas redes sociais que estão deprimidos, sobrecarregados, muitos relatos. E as vezes temos que lidar com coisas que nem são da nossa alçada, mas a gente tenta acionar justamente a Dasu, que é o departamento que cuida da saúde psicológica dos estudantes. E existiram também episódios de suicídio que chegam até nós e que, por uma questão ética, nós não divulgamos. E eu percebo que, mesmo que a universidade seja uma instituição de ensino e não uma instituição de saúde, na medida do possível, a UnB extrapola esse limite e tenta dar apoio. Então é isso, a partir de alguns acontecimentos tristes, dentro e fora do campus, envolvendo alunos, como suicídios ou o caso do assassinato, a Universidade ficou mais alerta e começou-se a fazer mais em prol dessa questão da saúde mental. Então a UnB tenta, além de se mostrar solidária, dar suporte aos alunos, tanto que existe a Diretoria de Atenção a Saúde da Comunidade Universitária justamente pra ajudar nesse aspecto. E dentro da Secom a gente tenta dar

visibilidade a isso, seja nas redes sociais, que é a parte que as relações institucionais cuida, e também nos sites, mas principalmente nas redes sociais, em que a gente vê muita interação dos alunos.

Ricardo: Você falou que é uma das responsáveis pelas páginas nas redes sociais. Então eu gostaria de saber como tem sido feito o tratamento da saúde mental nas redes sociais. É mais por meio de divulgações dos projetos ou existem também posts de conscientização sobre o tema? Como que funciona esse tratamento dessa questão?

Júlia: Com a pandemia houve um fortalecimento dessa parte da divulgação de posts falando sobre como cuidar da saúde mental na pandemia, que foi um tema muito constante, já que todos sofreram com isso de ficar em casa e todas as adaptações referentes a isso. E na universidade não foi diferente, então nas redes sociais tiveram publicações de conscientização específicas para as redes sociais. E também sempre que chega algum relato pra gente, as vezes até por um perfil fake, a gente tenta acionar diretamente as pessoas que podem cuidar daquele problema, passando todos os dados e informações necessárias. Normalmente nós já temos uma resposta pronta com os canais de auxílio que a UnB oferece, mas se a pessoa tá com um problema muito particular e fala que já tentou e não conseguiu, aí a gente aciona diretamente a diretoria responsável para dar uma atenção maior.

Ricardo: Então só confirmando, na sua visão, você percebe que os estudantes enxergam as redes sociais da UnB como uma forma de comunicação direta com a Universidade, certo? Então eles usam as redes sociais como canal até de pedido de ajuda, correto?

Júlia: Nossa, demais, Ricardo. Eles enxergam a Universidade como um todo, então como a gente cuida das principais redes sociais, eles vêm até nós. Então, por exemplo, eles não sabem que a Dasu tem um canal próprio, aí a gente direciona pra lá, porque lá tem profissionais preparados para dar um suporte maior, então a gente tenta fazer esse direcionamento da forma mais rápida possível. Uma coisa muito bacana é que a gente tenta compreender e se colocar no lugar daquele estudante. As vezes, uma questão de algumas horas já faz muita diferença pra alguém que está desesperado, tendo alguma crise de ansiedade, então a gente tenta sempre agir na maior velocidade possível dentro das nossas limitações, mas sempre querendo ajudar, querendo ser solidários, ter compaixão com o próximo.

Ricardo: Ótimo. E vocês têm dados sobre como são as métricas das redes sociais? Se os estudantes de fato acessam, se eles interagem...como são esses números?

Júlia: Nós temos apenas dados e métricas mais gerais fornecidos pela própria rede. Quem mais interage são os estudantes que estão tentando ingressar na Universidade e os próprios estudantes, normalmente com perguntas mais corriqueiras, como sobre trancamento de matérias ou sobre a exibição de aulas no sistema EAD. Mas também chegam colocações como “não estou aguentando mais esse semestre”, “eu vou surtar”, “eu preciso de ajuda”, “estou deprimido”. E, às vezes, são situações que nem tem tanto a ver com as demandas do curso ou da universidade, como questões familiares. E aí, como já falei, a gente já direciona para a Dasu, que atualmente é a diretoria responsável por essas questões.

Ricardo: Então, Júlia, pra encerrar a nossa entrevista, eu gostaria de saber da sua perspectiva não apenas como servidora da Secom, mas como profissional de comunicação: como você acha que a Comunicação pode ser aliada na questão da saúde mental no ambiente universitário?

Júlia: Ricardo, eu percebo que os nossos alunos, principalmente os de graduação, são os que mais chegam até nós com demandas, inclusive as de saúde, mais psicológica do que física, e isso chega pelas redes sociais. A partir do momento que é a Secom que cuida dos maiores canais da UnB, esses são instrumentos extremamente importantes para chegar a esses alunos, mostrando as iniciativas. Então, a gente não só divulgando, mas sabendo pra onde direcionar e cuidando para que esses direcionamentos sejam efetivos, nosso trabalho se torna muito importante. Eu percebo que a Universidade está tentando ajudar, às vezes até mais do que talvez ela teria obrigação, considerando que é uma instituição de ensino, mas a UnB tem uma diretoria de saúde comunitária, a gente tem escuta dos alunos, tem um trabalho coletivo de tentar ouvir e acalmar os alunos. Então conseguir fazer com que essas iniciativas cheguem aos alunos que precisam é um dos trabalhos da Secom, entende? Porque esses profissionais estão preocupados em atender os alunos, em ajudar o psicológico deles, e a gente tem que fazer essa ponte. Então a Secom é muito ponte dentro da universidade em muitos aspectos e a saúde mental é um deles, e é muito importante. A gente percebe o cuidado da Universidade querendo chegar até o aluno e sabemos que existem alunos precisando desse apoio, então a gente faz essa ponte.

Ricardo: Então, antes de encerrar a entrevista, gostaria de saber se posso utilizar o seu nome e função no trabalho ou se você prefere se manter no anonimato.

Júlia: Sem problemas, pode usar meus dados.

Ricardo: Combinado. Muito obrigado pela disponibilidade e pelas informações.

Entrevista 3 – 03/12/2021 – Larissa Polejack

Ricardo: Então, para começar, eu queria que você falasse um pouco sobre a Dasu. Como foi criada e qual é a sua função? Como são os projetos? Qual é o público-alvo?

Larissa: A Dasu é a Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária. Ela foi criada em abril de 2019, quando o professor Ileno Costa foi chamado a assumir o decanato de assuntos comunitários. O professor Ileno, que é meu colega no departamento de psicologia clínica dentro do Instituto de Psicologia (IP), tinha sempre essa preocupação com as questões da saúde mental, ele é um militante da reforma psiquiátrica, tem um projeto de extensão na Universidade pra intervenção em crises psíquicas graves, o Gipsi, há mais de 20 anos. Então, ele tinha feito um movimento, até mesmo em função daquele suicídio que ocorreu dentro da Universidade, pra criar dentro do IP um núcleo de intervenções em crise, mas a ideia nunca foi ficar apenas nas crises, muito pelo contrário, a gente sabia que precisava ter ações em diferentes níveis para que de fato a gente pudesse evitar as crises, cuidar mesmo da saúde mental. Ai ele foi convidado pra assumir o decanato de assuntos comunitários em abril de 2019 e ele me convidou pra pensarmos na proposta da Dasu. A Dasu, então, nasce pra implementar os princípios da universidade promotora da saúde. Esse movimento da universidade promotora da saúde é um movimento internacional que começou no final da década de 80, por incentivo da OMS, pra que a gente reconhecesse a universidade como um território existencial, onde a gente vive mais tempo às vezes até mais do que nossa própria casa. Então, em função disso, foi feita essa iniciativa e existe uma rede europeia, uma rede ibero-americana e a UnB foi pioneira em trazer esse movimento pro Brasil. A Faculdade de Saúde (FS) fez o primeiro encontro de universidades promotoras da saúde ainda em 2016 e, naquele momento, a FS, ainda só como faculdade, aderiu a esse movimento. Em 2018 foi realizado o primeiro encontro da rede brasileira. E, desde então, a gente vem meio que puxando esse movimento no Brasil. Hoje a gente tem entre 35 e 40 universidades que fazem parte e eu por enquanto to na coordenação da rede. Um dos princípios da universidade promotora da saúde é a gente trabalhar com ações de promoção da saúde e de cuidado com a saúde mental. Então o

princípio da promoção da saúde é a gente ver o que afeta a nossa comunidade e junto com a comunidade se envolver na busca de resoluções. Então a Dasu foi criada pra gente implementar isso e temos quatro coordenações. A CoRedes, que é a coordenação de articulação de redes pra prevenção e promoção da saúde. A CoRedes é composta por uma equipe multidisciplinar, com psicólogos, assistentes sociais e nutricionistas, e a sua função primordial é estabelecer parcerias tanto internamente quanto externamente, potencializando o que já tem na comunidade, criando um movimento mais coletivo na Universidade, dando conhecimento das ações importantes, fazendo o mapeamento das redes de cuidado internas e externas. A gente tem uma parceria super importante com a Secretária de Saúde aqui do Distrito Federal, principalmente com a gerência de práticas integrativas, então, mesmo antes da pandemia, a gente trouxe pra Universidade a terapia comunitária, que é uma das práticas do SUS. E conseguimos transformar essa terapia comunitária em disciplina pra que os estudantes recebam créditos pra esse momento de proteção e cuidado, mas é uma ação aberta para toda a comunidade. Então a CoRedes faz várias oficinas e rodas de conversa para discutir questões importantes, como a questão do racismo, a questão da luta contra o preconceito, luta pelos direitos humanos. Enfim, então tudo aquilo que tem a ver com atividades de fortalecimento de sujeitos e coletivos e do protagonismo da comunidade é feito pela CoRedes nessa relação com vários parceiros. A outra coordenação que a gente tem é a CoEduca, que é a coordenação de articulação da comunidade educativa e é composta por pedagogas e psicólogos escolares, é a antiga equipe do SOU. A gente trabalha com tudo aquilo que tem a ver com a vivência acadêmica, pra que essa vivência seja a melhor possível. Então desde as ações de acolhimento aos calouros, oficinas de planejamento de tempo, fóruns de práticas inovadoras em educação em que a gente convida uma vez por mês professores para compartilhar experiências, temos o projeto Senta que lá vem história que conecta as diferentes gerações...então tudo aquilo que tem a ver com essa construção do sentimento de pertencimento à universidade do ponto de vista pedagógico e acadêmico. Aí temos a outra coordenação que é a CoAP, que é a coordenação de atenção psicossocial, que é voltada para o atendimento psicológico mesmo, tanto individual quanto em grupo, além das intervenções em crise. Temos uma equipe de psicólogos clínicos, nutricionistas e assistentes sociais. E temos uma parceria muito importante com o Hospital Universitário (HUB) e com a Faculdade de Medicina (FM), onde temos um ambulatório da psiquiatria, que envolve tanto professores da FM quanto uma psiquiatra do HUB, que atendem só as pessoas encaminhadas pela Dasu. E a gente conseguiu também, por meio de um recurso de emenda parlamentar, oferecer esse semestre um edital de saúde mental, porque como você pode

imaginar, com a Covid a rede tá muito sobrecarregada e os alunos têm dito dificuldade de acesso, então esse edital paga por 4 meses R\$ 600,00 voltados para isso, seja para consulta psiquiátrica ou psicológica, ou para adquirir medicações. Então a gente pensa que esse é o tempo necessário para que a rede possa absorver essas pessoas e dar continuidade no acompanhamento. Aí temos, também, várias parcerias que fomos construindo ao longo do tempo com várias instituições e organizações que nos oferecem grupos de apoio para estudantes e servidores, além de possibilitar a negociação de preços mais baratos para que os estudantes mais vulneráveis possam acessar serviços pagos. E, por último, a gente tem a CoAVS, que é a coordenação de atenção e vigilância em saúde, que foi criada durante a pandemia, é coordenada por um professor da FS que é epidemiologista e tem também uma equipe de enfermagem. Essa coordenação faz a vigilância ativa, principalmente agora com a Covid. A gente tem, inclusive, um aplicativo chamado Guardiões da saúde, em que as pessoas reportam diariamente seus estados de saúde e se elas ou alguém da família têm algum sintoma de Covid, a gente já entra em contato para dar as devidas orientações. E um diferencial da Dasu é que a gente olha pra toda a comunidade: estudante de graduação, de pós, professores, técnicos, terceirizados. E a gente tem presença em todos os campus, mesmo que não com todos os serviços.

Ricardo: Nossa, parabéns pelo trabalho de vocês, de verdade! É muito importante e dá pra ver o cuidado de vocês e que estão buscando cada vez mais formas de ajudar.

Larissa: Obrigada! E a gente tem uma parceria super próxima com a Faculdade de Comunicação (FAC), eu brinco que a professora Dione, a diretora da FAC, é a minha guru. E no ano passado a UnB foi uma das primeiras universidades a se organizar pro enfrentamento da Covid. Então ainda em dezembro de 2019 a gente estava acompanhando os primeiros casos na China e em janeiro de 2020 o nosso decano compôs o primeiro Coes da Unb, que é um comitê operacional de resposta a emergências de saúde. Então especialistas das diferentes áreas da saúde compuseram essa equipe, mas também com especialistas administrativos. E desde o início do Coes já estava a Dasu cuidando da saúde mental, com um subcomitê dentro do Coes de saúde mental e apoio psicossocial. Nesse subcomitê a gente foi chamando a comunidade pra ir construindo conosco as respostas pra esse novo momento e novos desafios e pudemos contar com professores diferentes áreas, dentre eles a professora Dione e a FAC. E dentro desse subcomitê a gente tinha cinco grupos de trabalho. Um grupo de trabalho de atenção psicossocial e organização de redes para atendimentos psicológicos, com parcerias e psicólogos voluntários. Tivemos um grupo de prevenção e promoção da saúde que fez várias ações, como a arrecadação de tablets e celulares

para hospitais, arrecadação de equipamentos para estudantes em situações de vulnerabilidade econômica, confecção de máscaras, confecção de cartas para os profissionais de linha de frente. Inclusive, o Correio Braziliense foi um parceiro nosso para ampliar essa ação. Tivemos também um grupo de comunicação que fez uma campanha “Você não está sozinho, você não está sozinha” justamente com o intuito de dizer que a comunidade tem alguém com quem contar e fizemos vários posts no Instagram. Então a gente teve, desde o início, essa preocupação com a comunicação, de como a gente podia estar mais perto das pessoas nesse modo virtual. Tivemos também um grupo de pesquisa e monitoramento das atividades em que desenvolvemos duas pesquisas. Uma com a Itália, que ficou sabendo do nosso plano de contingência em saúde mental e ficou interessada na terapia comunitária como dispositivo de enfrentamento da Covid. E a outra pesquisa foi justamente sobre a saúde mental dos nossos três segmentos da comunidade acadêmica – estudantes, professores e técnicos – que estamos finalizando ainda os resultados a fim de conhecer como as pessoas estão, quais são os fatores de risco e proteção. Então a gente construiu um plano de contingência em saúde mental e várias pessoas, órgãos e instituições entraram em contato com a gente para pedir nossa ajuda e tirar dúvidas, porque, mesmo com a OMS tendo falado desde o princípio da importância da saúde mental, poucos planos de contingência enxergam a saúde mental como parte do enfrentamento. Enfim, são mesmo várias coisas que a gente tem feito.

Ricardo: Mais uma vez, parabéns, de verdade, pelo trabalho de vocês! E sobre a questão dos projetos e grupos que existem de apoio psicológico, como é a participação dos estudantes? Há uma procura, ainda falta? Como funciona isso?

Larissa: Então, a procura maior é para o atendimento individual. Esse é um desafio que a gente tem, porque as pessoas têm essa dificuldade de compartilhar as coisas em grupo, e uma das coisas importantes da promoção da saúde é justamente fortalecer os vínculos coletivos, então aos poucos estamos vendo mais adesão. A gente tem isso sempre disponibilizado no nosso Linktre da Dasu, onde tem os formulários das coisas que tão rolando e sempre tem novidades. Então temos ações que tem mais adesões e outras que tem menos, mas a procura tem aumentado à medida que as pessoas vão conhecendo o nosso trabalho. A gente teve esse desafio enorme de ter sido criada em 2019, tendo acabado de compor as equipes no final de 2019, e quando estávamos prontos pra começar, de fato, a nossa vida no campus, veio a pandemia. Então muita gente conhece a gente só das redes sociais. E isso tem sido um grande desafio, chegar nas pessoas pra que elas saibam da nossa existência. Já fiz muitas lives, to sempre indo nos cursos e temos uma

aproximação grande com o Diretório Central dos Estudantes (DCE). Ano passado fizemos juntos uma primeira conferência UnB Promotora da Saúde, também com participação dos sindicatos, e com um foco também na saúde mental. A partir disso, estamos em um processo de construção de uma política de promoção da saúde pra universidade, que vai ser o nosso próximo passo. Como infelizmente temos uma cultura ainda muito individualista, quisemos justamente construir juntos as respostas.

Ricardo: E como os estudantes que conhecem ou participam dos projetos ficam sabendo da Dasu? Quais são os meios que levam eles a conhecer a Dasu?

Larissa: As vezes é entre pares mesmo, de um que já tá sabendo ou sendo atendido e fala para um colega ir lá, fala que é legal e importante. Acho que essa é a nossa maior divulgação. E a gente tem o Instagram e Facebook ativos. Temos também uma parceria importante com os coordenadores de graduação, então muitas vezes a oferta da Dasu chega aos estudantes pelo próprio curso. Então são esses canais que a gente tem mais.

Ricardo: E então eu só tenho uma última pergunta final, que é: da sua perspectiva enquanto psicóloga e diretora da Dasu, como você acha que a Comunicação, seja ela mais institucional, pelas redes sociais ou até informal, pode ser aliada na questão da saúde mental dentro da universidade?

Larissa: Nossa, ela é essencial, Ricardo. A gente tem um GT de comunicação na Dasu. Tivemos até uma estagiária da FAC nesse semestre pela primeira vez e foi fundamental pra gente. Porque é isso: a gente sabe fazer o cuidado, mas a gente não tem a expertise de comunicar esse cuidado de uma forma que chegue aos diferentes públicos que a gente tem. Então a gente tem um GT de comunicação ainda muito simples em que os posts que são feitos passam por esse grupo. E esse é o meu maior desejo: que a gente tenha uma comunicação mais efetiva mesmo e ampliar. Inclusive já tivemos conversas com professores da FAC para pedir ajuda para termos uma comunicação institucional que fale dessas coisas boas, que trague as possibilidades e oportunidades para as pessoas. Nós já temos uma comunicação na mídia que fala tanto das coisas ruins, mesmo no Setembro Amarelo, que é focado na prevenção em suicídio, esse assunto é comunicado de forma incorreta por pessoas que não possuem a expertise na área. Então isso se torna um problema pela forma de comunicação errada. Para nós da Dasu, a nossa campanha institucional do Setembro Amarelo é de setembro a setembro, o cuidado é ao longo do ano. E aí a gente fala das possibilidades, das potências de vida, que precisar de ajuda não é vergonha.

Então eu acho que é isso, a parceria com a Comunicação é fundamental e deveria ser trabalhada já desde a graduação, possibilitando um trabalho mais conjunto entre a Comunicação e a Psicologia.

Ricardo: Larissa, agradeço imensamente pela sua disponibilidade. Quero parabenizar, mais uma vez, o trabalho de vocês. E só para encerrar, queria saber se você me dá permissão para usar seus dados e informações no trabalho.

Larissa: Sim, claro.

Ricardo: Mais uma vez, muito obrigado!